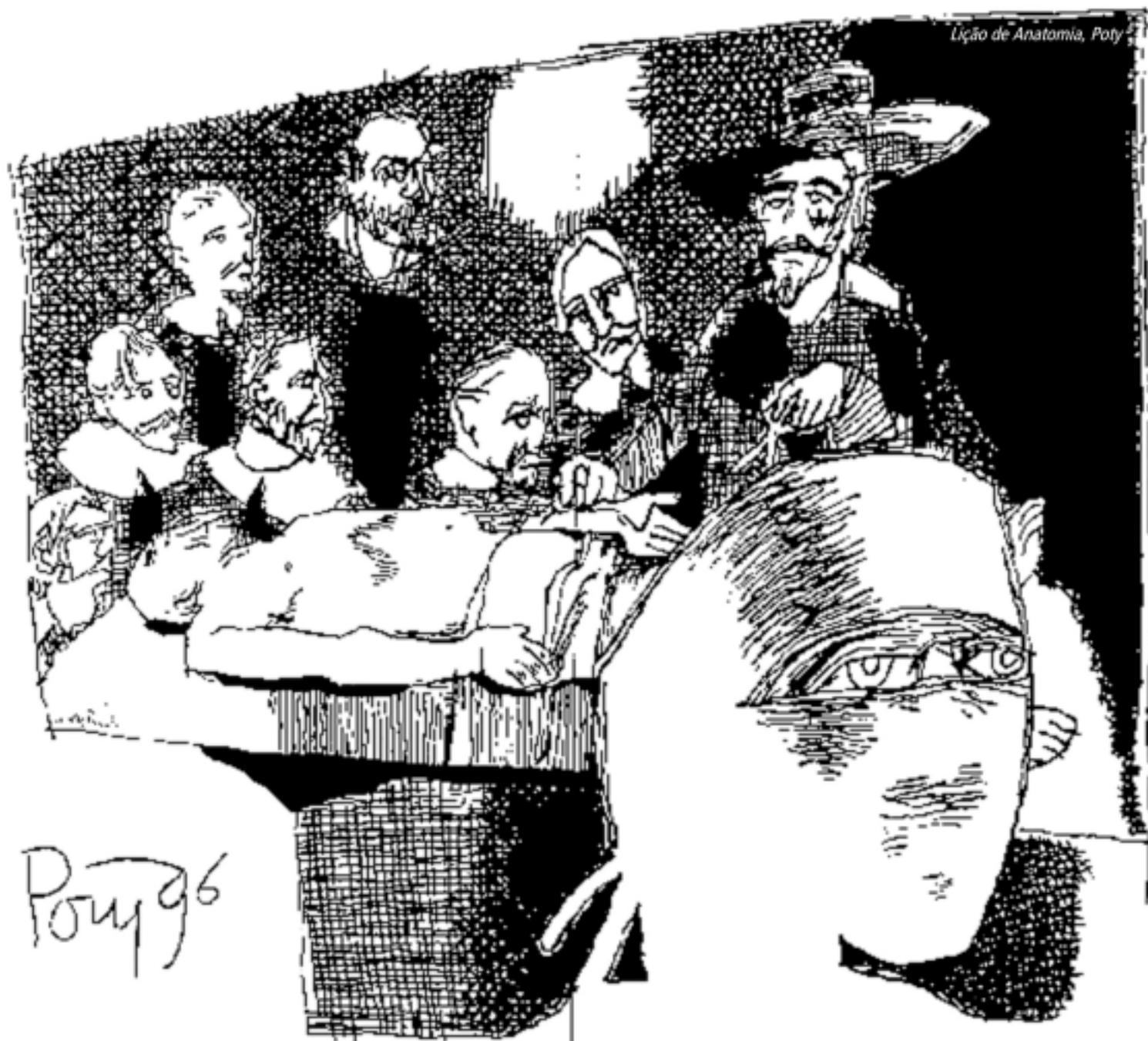


Esta edição é dedicada à literatura, "a verdade das mentiras".

iátrico

Janeiro a Março - 2008 | nº 22



CONSEGUIMOS, DALTON E POTY JUNTOS!

Índice

- 5** **DALTON**
O "divisor de águas do conto"
- 9** **1924**
Curitiba, no ano em que Poty nasceu
- 13** **POTY**
O poeta do traço
- 25** **ENCONTRO MERCADO**
Entrevistamos o Dr. Somerset Maugham
- 32** **GALERIA**
Poty e São Lucas
- 37** **MEDICINA**
Os quatro grandes (the big four)
- 43** **ARTE E CRIAÇÃO**
Gênios e loucos: onde o limite?
- 47** **VIDA DE MÉDICO**
Miguel Torga, o médico e o poeta
- 59** **A SUBLIME ARTE**
De ajudar a viver e morrer
- 67** **AFORISMOS**
Epigramas e máximas

EDIÇÕES ANTERIORES

Confira as edições do Iátrico no site do CRM-PR: www.crmpr.org.br

Esta edição é dedicada à literatura, "a verdade das mentiras".

A CAPA

Poty lição de anatomia. Inesperado, imprevisível como sua arte única. Seu risco único. Suas saliências e reentrâncias cruas e originais, gravadas em murais que dão dignidade e personalidade à sua Curitiba. Ao seu Paraná. Ao Brasil. Pais de imigrantes, como seus antepassados, calcados na singeleza e no trabalho. Retratou-os nessa simplicidade laboral, retratou a si próprio. Mas aprofundou esses traços com seu talento original e multifário. Aqui e acolá. Por aí, de tão difundido. Poty foi o tipo de artista que parecia mostrar pouco; mas aí íamos olhando, olhando, e nos mostrava muito... uma arte só dele, o que não é pouco.

Como não foram poucas as ilustrações que fez para muitos, e para um único, Dalton. A integração perfeita. Poty e Dalton, siameses de uma arte curitibana que viaja o mundo. Delírio? Ora, pois. Isso é arte, mano! Simples e poderosa.



CO-EDIÇÃO

Esta edição do Iátrico foi co-editada pelo Dr. Carlos Ravazzani.

DEFERÊNCIA

Aos jornalistas Aramis Milarch, Nilson Monteiro e Regina Casillo, autores de artigos históricos sobre Poty, os quais reproduzimos.

iátrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ.

Edição nº 22 - Janeiro a Março de 2008

CRM-PR - Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | E-mail: iatrico@crmpr.org.br Conselho Editorial: João Manuel Cardoso Martins, Gerson Zafalon Martins (presidente do CRM-PR), Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hércio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira. Editor-Coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Prof. da PUCPR e membro da Academia Paranaense de Medicina) Projeto Gráfico e Diagramação: Upper Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Serzegraf (41 3026-9460) | Tiragem: 20.000 exemplares

Poty e Dalton juntos



Guido Viaro, uma rua barulhenta de Curitiba
Mestre Poty, uma praça Tiradentes
às cinco da tarde
florida de mocinha, maníaco
sexual, pombo branco em
revoada.

Dalton Trevisan, 2000.

látrica aos leitores: sobre vampiros e murais

O vampiro de Curitiba, como é da praxe dos de boa estirpe, não dá as caras. É um *voyeur* que, à socapa, vai destrinchando a cena curitibana. Não a cena bonita de finais felizes; para isso existem novelas e filmes. Destrincha o palco dos atos miúdos, sem charme, grosseiros na sua essência; como grosseiro é o cerne egoísta e irredutível que habita cada humano. Ao qual, poucos, com esforço, tentam contrapor o processo civilizatório.

Muitos não gostam dele. Têm receio que seus contos se façam sua realidade. Preferem dar uma procuração aos jornalecos de sangue, e ler relatos sem tocá-los; de preferência a primeira página estampada nas bancas de revista. Outros, tocam-nos para sentirem que é ficção. (Ah, a inocência como forma de alienação). Ficam sem a melhor delas. Seu medo impede o deleite de um grande escritor. Seu medo leva-os à alienação da própria realidade que o cronista amplifica com sua lente de aumento. Também, quem manda ser ignorantes e insensíveis ao que se passa atrás dos muros e das paredes? Ignorar o sofrimento dos vizinhos de soslaio e com ouvidos moucos?

É essa realidade malcheirosa que é destampada pelo vampiro. É o que pode fazer; vampiro velho, impotente e abúlico para se nutrir de ovelhas anêmicas e predadores infectados pelos germes da desumanidade.

Claro que outros o adoram. Sabem-no um fragmentista precioso, que tece e retece os personagens – sempre os mesmos e dolorosamente prosaicos – com seus comportamentos estereotipados de dores, frustrações, desencontros, súplicas e mortes. Com ou sem esta, a violência é onipresente, com mil faces. Já a esperança, essa inesperada, é sempre artigo de luxo. Se existe, é sempre na tentativa de reduzir sofrimento. Quando aparece, é uma breve centelha em meio a amores impossíveis e improváveis. Porque o lar, quando formal, é sempre um cárcere com torturas e ais. Um repositório impiedoso de impossi-



bilidades.

Com isso constrói um mural da condição humana. Uma Guernica dos tempos de paz. Paz? Você não a encontrará nos contos de Dalton. Não é seu ofício.

Citei mural. Mural é coisa nossa, sinônimo de Poty. Dalton e Poty, não apenas amigos; quase da mesma idade, e igualmente irmãos em talento e necessidade interior.

A primeira vez que vi um Poty estranhei. Parecia cru demais. Sem elaboração. Levei um tempo para perceber que isso é o que mais se aproxima do ser. Sempre inconsútil e provisório. Foi um intervalo curto para perceber o gênio do desenhista, ilustrador, gravador e muralista.

Ilustrador de muitos e grandes autores brasileiros, foi nos livros de Dalton que mais senti a harmonia da dupla. E Curitiba lhes deve muito.

O vampiro mudou-se da Transilvânia para Curitiba. Aqui reside e observa a periferia inchada da cidade que purga odores de suas feridas. Como não pode cicatrizá-las, as descreve. Esperando uma cura improvável.

O muralista construiu a bela memória que faz de Curitiba o outro lado da moeda, a face do trabalho multifário de oriundos europeus de todas as estirpes, incluídos seus antepassados italianos.

Aí está a moeda de duas faces distintas. De realidades díspares que se tocam, se embrenham, e dizem o que somos.

O látrico tem a honra de albergar esses talentos que fizeram, e fazem no caso de Dalton, parte da história de Curitiba e do Brasil. Um mural da realidade transfigurada em arte. De primeira. Aprecie leitor. 🗣️

Dalton, o “divisor de águas do conto”



— São horas? Um homem casado? De chegar?

— Não cheguei, minha flor. Só vim pegar o violão. ”

Esse texto já foi apresentado como miniconto ou como

parte do conto “Última Corrida de Touros em Curitiba”, constante do livro “O Pássaro de Cinco Asas”. Mas podemos considerar isso um conto? Vejamos outro, então:

— Tua professora ligou. De castigo, você. Beijando na boca os meninos. Que feio,

meu filho. Não é assim que se faz.

— ...

— Menino beija menina.

— Você é gozada, cara.

— ...

— Pensa que elas deixam?”

Romance e novela (relatos em que há um clímax ao final de cada capítulo) possuem estrutura narrativa bastante complexa. Já o conto, sob a ótica tradicional, é menos complicado; leva tudo para o mesmo ponto. Existe um conflito. História única. Poucas personagens. Sua estrutura não permite divagações e digressões. Sua linguagem é comumente objetiva, a ação se faz

muito presente e o diálogo é um recurso invariavelmente utilizado. A descrição é mínima e se atém ao indispensável. A trama é sempre linear e o leitor “vê” os fatos se sucederem.

Como inovador sem par, entretanto, na sua marca de gênio, Dalton Trevisan rompeu com todos os paradigmas do conto tradicional. Produziu, por exemplo, haicais (poema japonês de três versos) em prosa; em outras palavras, elaborou contos sucintos ao extremo de possuírem apenas uma frase. Para se ter uma idéia, em um de seus últimos livros, “Ah, é?”, conglomeram-se 55 ilustrações e 187 minicontos em apenas 132 páginas.

Utiliza linguagem extremamente enxuta. Por seu turno, abusa da pontuação como recurso que supera a função meramente estilística e passa a delinear significado. No primeiro conto, a frase inicial é entrecortada por sinais de interrogação, o que representa uma fala constantemente interrompida por soluços. Imaginamos, facilmente, uma esposa aos prantos reclamando o atraso do marido. No

“DALTON NÃO ESTÁ AÍ PARA AGRADAR AOS LEITORES, ELE TRAZ À LUZ O QUE VÊ, O QUE ESCUTA, O QUE ABSORVE NAS SUAS ANDANÇAS PELAS RUAS DE CURITIBA. O LEITOR PRECISA ACEITAR A BRINCADEIRA E ESTABELECEER UMA ESPÉCIE DE CO-AUTORIA.”

segundo conto, o autor se vale das reticências para representar o silêncio; a frase não dita.

Dalton não está aí para agradar aos leitores, ele traz à luz o que vê, o que escuta, o que absorve nas suas andanças pelas ruas de Curitiba. O leitor precisa aceitar a brincadeira e estabelecer uma espécie de co-autoria. Os contos não relatam histórias acabadas, mas uma cena da qual se pode/deve depreender o todo. São relances sincopados que nos desafiam a contribuir, que nos remetem a inúmeras ilações. Como saber qual a correta? Não há. O Vampiro de Curitiba não se presta ao papel de explicar a sua obra. Muito menos, a dar entrevistas ou sequer falar com jornalistas. Destes, aliás, ele foge correndo (literalmente). Para Dalton, tudo que precisa ser dito está em sua obra; não há nada de interessante a acrescentar.

O apelido Vampiro de Curitiba veio de um de seus livros

e, é claro, por conta de seu comportamento deveras introspectivo. Assim Duílio Gomes, contista mineiro, descreveu Dalton Jérson Trevisan. *“Seu nome: Dalton Trevisan. Seu instrumento de trabalho: o conto. Sua vítima: o leitor incauto. Sua meta: amedrontar, deliciando. Sua cara: pouco veiculada. Seu endereço: desconhecido. Seu diálogo com o público: um monólogo interior. Sua foto mais conhecida: a tirada por um repórter com teleobjetiva atrás de uma árvore em uma tarde de outono. Seu número de telefone: nem mesmo sua família sabe.”*

A produção de Dalton Trevisan não se resume a apenas esse aspecto aqui tratado. Deixo o convite à descoberta de uma obra fabulosa. Não se trata de provincianismo, uma vez que o contista curitibano, já traduzido para vários idiomas, mesmo rejeitando a hipótese de se tornar um imortal, será eterno no cenário da literatura.

João Filipe de Souza (PR).

Isto é Dalton

Corruíras Nancas — L&PM

O primeiro marido tem dinheiro de sobra.

E ela, uma vida regalada. Até o cara ser preso como traficante. O segundo marido ganha bem, mas judia dela. Arrasta pelo cabelo, morde, tira sangue. O terceiro, sargento reformado, é manso e quieto. Só que bebe até cair. Internando-o na clínica, ela recebe uma pensão.

Logo se amiga com o tipo mais novo. Não se droga, não fuma, não bate, não bebe. Mas também não trabalha. Daí ela visita o marido no asilo: “Deus te mandou minha santa. Você veio me buscar”. Com dó, leva-o para casa e vivem os três da mesma pensão. O amante não está feliz, tem de dar banho e fazer a barba do sargento.



•••••

Ao chegar em casa, do programa no motel, o marido é saudado com um grito pela mulher:

— Eu soube de uma coisa terrível!

Pronto, ele pensa, estou perdido. Ela descobriu tudo.

— Pô, o quê... Mas o quê... O que aconteceu?

— Mataram o filho do seu João!

— Urr... Orra. É mesmo? Pobre do seu João.

Te devo essa, Deus.

Moral do editor: Dívida, culpa e obrigação comandam a humanidade.

•••••

No canto do pátio o doidinho vaza os dois olhos com os dedos indicadores. Sem um ai. Atendido no pronto-socorro, cego para sempre. E dia seguinte pelo psiquiatra:

— Por que fez isso, João?

— ...

— O que você não queria mais ver? A tua imagem no espelho?

— O doutor não conta pra ninguém?

— Fala, João.

— Uma voz... lá no canto escuro. Ela, sim. A voz do espírito foi que mandou.

•••••

O namorado:

— Você tem o coração ingrato e a alminha pérfida...

— ?

— ... mas, ai de mim, é muito boa de cama.

•••••

O casal brigado, de costas. Longo silêncio. De repente

o velho:

— Sua diaba. Pára de ficar ouvindo o meu pensamento.

•••••

Como dormir se, para os mil olhos da insônia, você só tem duas pálpebras?

— Um doutor de tanta cerimônia. Falava explicado e tudo com vírgula. De repente a vertigem e a queda. Agora o discurso inteiro...

— ... tem só duas palavras — puuuta meeelda.

•••••

|

Ela diz que tem naquela noite uma reunião de trabalho. Desconfiado, vou até lá. Do meu carro quem vejo ali com o chefão, rindo e de mão dada? Os dois sobem no carro dele. Entro no bar da esquina e bebo alguns chopes. Só penso no meu bem. Em vinte anos, ai não, o único amor.

Três horas depois eles voltam. Vou ao seu encontro. Quero falar só com ela e pego pelo braço. Não chamo pelo nome, só de bem. "Agora, bem, me diz o que há". Ele se põe na minha frente. Ah, nunca vou esquecer: "Cala a boca, certo? Não faz escândalo".

||

Me viro para ele: "Com você, não falo. Se fez de meu amigo. Foi ao aniversário de minhas filhas. Não passa de um canalha". Daí sacode no meu rosto o anelão vermelho no dedo: "Você tem sido um babaca, certo? Um grande cornudo. A tua mulher, sacou? É muito minha".

Um empurrão no peito quase me derruba. Daí eu atiro, certo? Duas vezes ele roda no mesmo lugar. Continuo atirando, sacou? E vai de cara no chão molhado. Jogo fora a arma e lhe dou as costas. O bem atrás de mim, aos gritos: "Louco, louco. Que vai ser de tuas filhas?"

Quem, eu?

Nada disso que ela me acusa é verdade.

Quem, eu? Nunca fui de estuprar ninguém. Imagine, doutor. Um filho é capaz de fazer isso com a própria mãe?

Está me denunciando por causa da tal casa. Quer que eu saia. Diz que é dela. Mas é muito minha. Foi presente da avó que já morreu.

Há muitos anos aposentado. Sou es-qui-zo... sabe, né? Doidão da cabeça. Isso aí: píssico. Dependo de dois psiquiatras. E vivo debaixo de comprimido.

Não usei de nenhum estilete pra cortar a mãe. Se feriu sozinha e faz de conta que sou eu. Meu pai não mora com ela. Os dois se apartaram quando eu era pequeno.

A gente sempre se deu bem. Geniosa, prefere ficar sozinha. Ela e essa desgraçada cadela Xuxa.

Mais de uma vez fui internado na clínica. Os tais choques elétricos... sabe, né? E, por causa dos malditos remédios, sou impotente. Então como é que podia estuprar?

Meus filhos têm oito e dez anos. Não lembro da última vez que eu... Todos esses comprimidos roubam a força do homem.

No meu entender a avó doou a casa pra mim. Essa a diferença com minha mãe. Por que agora cismou de vender? Não é onde moro com a família? E daí, pra onde a gente vai?

Diz que ameacei ela de morte. Mas não é verdade. Acho que tem problema de cabeça. Bom filho sempre fui.

Eu tava quietinho, assim de bermudão azul e camiseta preta. Era de noite.

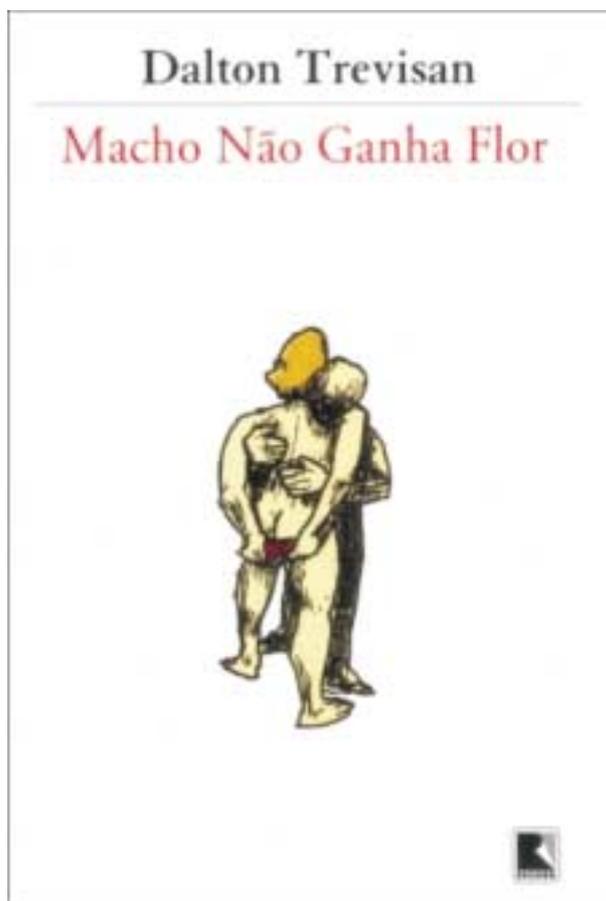
O telefone tocou. Eu disse:

— Alô?

Ninguém respondeu.

Em seguida palmas e brados fortes no portão.

Era um vizinho... sabe, né? O soldado lazarento. Me puxou pra fora. Deu um soco no rosto. Derrubou no capô



da viatura. Aos berros:

— Tarado! Filho tarado!

Daí me algemaram e jogaram no camburão. Lá fui eu pro hospital.

Quiseram que visse os cortes e arranhões no corpo de minha mãe. E a calcinha toda rasgada ali em cima da mesa. Mas ninguém achou nenhum estilete comigo.

Me troxeram pra cá. Estou sozinho numa cela. Bem longe dos outros. Daqui ouço ainda os gritos de ódio.

— Monstro! Maldito!

Quem, eu?

**Extraído de "Macho Não Ganha Flor",
Dalton Trevisan, Editora Record, 2ª Edição, 2007
Capa: Desenho de Poty.**

1924 – Curitiba, no ano em que Poty nasceu



No dia 29 de março de 1924, um sábado, a tranqüila cidade de Curitiba, com apenas 70 mil habitantes, festejava o seu 231º aniversário de fundação. Nesse dia, em uma casinha de madeira, numa rua que hoje se chama Padre Germano Mayer, no antigo Capanema, nasceu

“NESSE DIA, EM UMA CASINHA DE MADEIRA, NUMA RUA QUE HOJE SE CHAMA PADRE GERMANO MAYER, NO ANTIGO CAPANEMA, NASCEU NAPOLEON POTYGUARA LAZZAROTTO, O POTY, ”

Napoleon Potyguara Lazzarotto, o Poty, que anos mais tarde se tornaria um excepcional artista plástico e retratista, melhor que

ninguém, a sua Curitiba, por meio de seus inconfundíveis desenhos.

Seu pai, Isaac Lazzarotto, nascido na Lapa (Paraná) era ferroviário, guarda-freios, posteriormente chefe-de-trem. Contou Poty, *“...que para reforçar os seus parcos proventos de aposentado pela Estrada de Ferro, intentava*

muitas coisas para sobreviver. Abriu um botequim na frente da casa na avenida Capanema; minha mãe é que cuidava. ...ergueu um estábulo, criava vacas e vendia o leite. ...fundia Santas Ceias de metal; eu e a gurizada da vizinhança íamos mover o fole. ...fazia coronhas de espingarda.” Sua mãe Júlia Tortato Lazzarotto, tinha um vago parentesco com os Tortato do bairro do Portão, família da massagista Maria Polenta, que era famosa curadora dos males lombares.

Era prefeito da cidade o engenheiro e professor João Moreira Garcez, que per-

maneceu no cargo durante oito anos, entre 1920 e 1928. O presidente do Estado do Paraná era o médico Caetano Munhoz da Rocha, nascido em Antonina e formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1902.

As ruas curitibanas amanheciam envoltas em neblina e no inverno cobertas de geada, onde trafegavam carroças das polacas, vendendo leite, frutas e verduras, carroções transportando barricas de erva-mate, tílburis, bondes elétricos e poucos automóveis, maioria Ford T, chamados de *“Ford de bigode”*. Com carrocerias fabricadas aqui mesmo em Curitiba, os primeiros ônibus eram chamados de *“jardineiras”*; os táxis, chamados de *“automóveis de aluguel”*, tinham choferes obrigados ao uso do boné. Nos cruzamentos das ruas centrais, o guarda-civil, com seu cassetete, dirigia o tráfego exibindo grande repertório de sinais e apitos. Poucas ruas centrais eram calçadas com paralelepípedos, as mais afastadas não tinham pavimento; nos

dias chuvosos, cheias de lama, se tornavam intransitáveis.

Destino obrigatório dos curitibanos que afluíam para o centro da cidade, a Praça Tiradentes, marco zero da cidade, dividia com a Rua XV de Novembro a preferência dos comerciantes. A praça Tiradentes, dominada pela Catedral Metropolitana, inaugurada em 1893, tinha muitas farmácias, entre elas a pioneira Farmácia Stellfeld, com seu relógio de sol, existente até os dias de hoje. O casario da Rua XV, com estilo neoclássico europeu, era ocupado pelas melhores lojas: bancos, relojoeiros, importadores, livrarias, lojas de tecidos, de ferragens, confeitarias, armazéns, açougues, alfaiatarias e as redações dos jornais. No carnaval, a Rua XV era ocupada pelo curso feito pelos automóveis e eram famosas as *guerras* de serpentinas, confetes e lança-perfumes. Diferente do carnaval curitibano de hoje que é bem descrito por Dalton Trevisan : “... São quatro na ala das baianas, cada uma com fantasia diferente, usada em anos anteriores...Na exibição diante do júri a garoa fina murcha as plumas do destaque da escola Embaixadores da Alegria... O público não canta nem dança, a mesma cara triste conservada em formol...”.

A Rua Emiliano Pernetta era chamada de rua Aquidabam, a Rua Senador Alencar Guimarães de 28 de Setembro, a Rua Presidente Carlos Cavalcanti de Conselheiro Barradas e a Avenida João Pessoa de Avenida Luiz Xavier, ainda sem os “arranha-céus” - o Palácio Avenida e o Edifício Garcez só seriam inaugurados em 1929. Só na década de 30 a avenida se tornaria a “Cinelândia”.

Os cinemas, como o *Cine Teatro Palacio*, exibiam filmes e também apresentações teatrais, musicais e circenses. Em 1924, ano em que também nasceram os atores Charlton Heston e Marlon Brando, os filmes, chamados de fitas, eram em preto e branco e mudos, com letreiros em inglês, e projetados sob acordes de um piano. Os

freqüentadores se deliciavam com a gostosa “Americana”, uma pipoca com mel, fabricada e vendida pelo velho Veiga.

No dia em que o Poty nasceu, os jornais *Gazeta do Povo* e *O Dia* anunciavam o *Programma dos Theatros* - no Mignon: “*O Bom Ladrão*”, com John Gilbert, e “*Mumia*”; no Central: “*Festival artístico do melodista italo-brasileiro Alexandre Romanoski*”; no Palacio: “*Sodoma e Gomorra*”, a maior e mais sumptuosa filmação de todos os tempos; no América: “*O Filho do Corsário*”, 4.º capítulo, e “*A Minha Lua de Mel*”. Anos mais tarde Poty seria um aficionado da 7.ª arte.

O Passeio Público inaugurado em 1886, pelo Visconde de Taunay, então presidente da Província do Paraná, era um dos recantos preferidos das famílias curitibanas para os passeios domingueiros. Nos piqueniques, a algazarra dos piás e o bate-papo dos adultos, eram entremeados pelo consumo de queijos, salames, bolachas, gengibrras, vinhos e cervejas, de fabricação caseira. Os brinquedos tradicionais dos meninos eram as setras, a bola de gude, a perna-de-pau, a bola de pano, o bilboquê e as raias. As meninas brincavam de pula-corda, diabolô e cabra-cega.

O Clube Atlético Paranaense, no dia 26 de março de 1924, originou-se da fusão de dois tradicionais clubes de Curitiba: o *América Foot-ball Club* e o *Internacional Foot-ball Club*, que, em 1916, foi o primeiro campeão estadual. O primeiro Atletiba, o maior clássico do futebol paranaense, ocorreu no Estádio Joaquim Américo. Os coxas ganharam de 6 a 3, em partida válida pelo primeiro turno do Campeonato Paranaense de 1924. O campeão foi o Palestra Itália. A primeira emissora de rádio no Paraná, a

“DESTINO OBRIGATÓRIO DOS CURITIBANOS QUE AFLUÍAM PARA O CENTRO DA CIDADE, A PRAÇA TIRADENTES, MARCO ZERO DA CIDADE, DIVIDIA COM A RUA XV DE NOVEMBRO A PREFERÊNCIA DOS COMERCIANTES.”

Rádio Clube Paranaense – PRB2, foi ao ar pela primeira vez às 11 horas da manhã do dia 27 de junho de 1924. O fato aconteceu na residência do ervateiro Francisco Fido Fontana, na avenida João Gualberto. A primeira diretoria ficou assim constituída: Francisco Fido Fontana (presidente); Lívio Gomes Moreira (diretor técnico), médico, chefe do Departamento de Correios e Telégrafos em Curitiba, decano dos radioamadores no Paraná e pesquisador de assuntos relacionados com a comunicação; e João Alfredo Silva (secretário), que em 1931 se formou médico pela Faculdade de Medicina do Paraná e, mais tarde, seria o fundador e diretor do Hospital São Vicente. Era irmão de Oscar Joseph de Plácido e Silva, advogado e jornalista, gerente da *Gazeta do Povo*. Oscar foi primeiro aluno a se matricular, em 1913, na Universidade do Paraná.

No mesmo dia a *Gazeta do Povo*, na sua quinta página, publicava o primeiro registro da história do rádio no Paraná. A notícia foi redigida por Acir Guimarães: “*Por iniciativa*

de diversos amadores fundou-se hoje nesta Capital uma sociedade denominada Rádio Club Paranaense, com o fim de difundir pela telephonia sem fio, concertos musicas, palestras instructivas, contos para creanças, músicas e notícias de interesse geral”. Nascia assim, oficialmente, a terceira emis-

sora de rádio no Brasil.

Os homens de letras da cidade se encontravam em reuniões no *Centro de Letras do Paraná* e no *Instituto Neo-Pythagorico*, com seu Templo das Musas, e a vida social manifestava-se em diversas associações recreativas,

destacando-se entre elas o *Club Curitybano*, fundado em 1882, e as ligadas aos grupos étnicos: *Sociedade Italiana Dante Alighieri*, *Il Circolo Italiano*, *Giuseppe Garibaldi*, *Seengerbund*, *Thalia*, *Gymnastica Teuto-Brasileira* e *União Polonesa*.

Nas artes plásticas, quatro novos artistas paranaenses estavam se destacando: os escultores Zaco Paraná e João Turim e os pintores Lange de Morretes e João Ghelfi. A pintura era dominada pelo pai da pintura paranaense, o norueguês Alfredo Andersen, que no seu ateliê teve como discípulos Traple, Ghelfi, Freyesleben, Kopp e Theodoro De Bona.

Em 1924, a Faculdade de Medicina do Paraná formou a sua sexta turma de médicos, com seis alunos: Carlos Mafra Pedroso, José Francisco Nauffal, Luiz Parigot de Souza, Heitor Borges de Macedo, Archimedes de Oliveira e Cruz e Aramis Tabora Athayde. Os dois últimos se tornariam professores da mesma faculdade. No prédio da praça Santos Andrade, ainda sem as ampliações laterais, eram dadas as aulas das cadeiras básicas. As matérias de clínica médica e cirúrgica eram lecionadas no Hospital de Caridade da Santa Casa de Curitiba; e assim permaneceriam até a inauguração do Hospital de Clínicas, em 1961.

O Sanatório Cirúrgico Suisso e a Casa de Saúde São Francisco eram os únicos hospitais de Curitiba além dos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba; o Hospital de Caridade e o Hospício N. S. da Luz. Eram médicos do Hospital de Caridade: João Evangelista Espíndola (diretor clínico), Victor Ferreira do Amaral, Miguel Isaacson, Simão Kossobudzki, Joaquim Pinto Rebello, Eduardo Virmond Lima, Leônidas Ferreira do Amaral, Celso Ferreira, João Cândido Ferreira, Francisco Martins Franco e Milton Carneiro, na maioria professores catedráticos da Faculdade de Medicina do Paraná.

A *Gazeta do Povo* do dia 29 de março de 1924,

noticiava e publicava anúncios de médicos e farmácias da cidade: "... todos os doentes affectados pela tuberculose pulmonar que fizeram uso do PHYMATOSAN restabeleceram-se completamente."; "Dr. MIGUEL LOSSO, medico operador parteiro formado pelas Faculdades de Medicina de Nápoles (Italia) e do Rio de Janeiro com longa pratica nos hospitaes da Europa." ; "Dr. M. ISAACSON Vias urinarias e moléstias de senhoras. Medico operador e parteiro."; "PÍLULAS DE FOSTERS para os rins. A venda em todas as Pharmacias."; Para os organismos fracos e convalescentes CAPIVAROL o melhor fortificante da actualidade"; Contra a dor de cabeça, colicas e mal estar nervoso que as senhoras soffrem durante os períodos physiologicos mensaes não há nada que se compare com a CAFIASPIRINA"; Quem com a sua saude tem cuidado bebe vinho RAMOS PINTO (QUINADO)."; "Calvos-PILOGENIO"; ELIXIR DE NOGUEIRA grande depurativo do sangue"; ELIXIR DE INHAME depura, fortalece e engorda". "SANATORIO CIRURGICO SUISSO Casa de Saúde de 1ª ordem do Dr. Luemberger, medico especialista para alta cirurgia , moléstias de senhoras e vias urinarias". Os médicos do fim deste século 21 também acharão engraçadas as propagandas dos maravilhosos medicamentos de hoje.

Outros curitibanos ilustres nasceram em 1924. No dia 11 de julho, nasceu Cesare Mansueto Giulio Lattes, o físico César Lattes. Cientista reconhecido no mundo inteiro pela descoberta do *méson pi*. A descoberta é um dos pilares da Física Moderna e colocou o brasileiro entre os mais influentes pesquisadores no Brasil e do mundo. Morreu aos 80 anos, em Campinas. No dia 31 de dezembro

nasceu Euro Brandão, engenheiro e artista plástico. Foi Ministro da Educação e Cultura no mandato de Ernesto Geisel, presidente do Instituto de Engenharia do Paraná, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR (1986 - 1998) e membro da Academia Paranaense de Letras. Faleceu em Curitiba, no dia 31 de outubro de 2000.

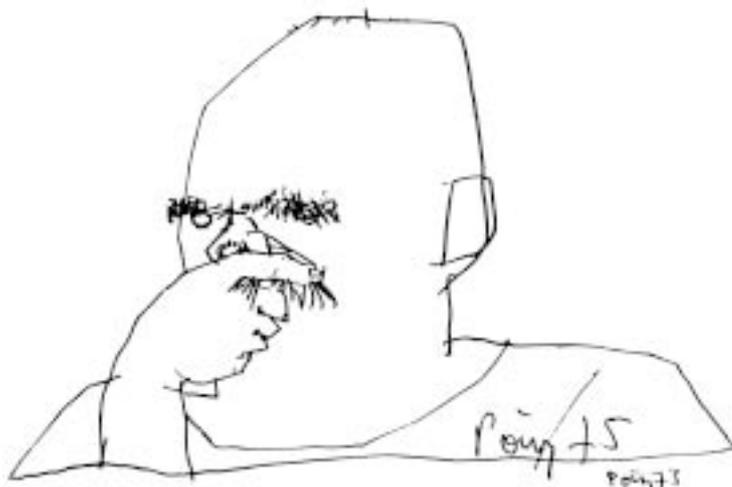
A provinciana Curitiba, de então, ainda era a Curitiba perdida onde o Dalton Trevisan viajaria: ...a Curitiba das carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça, do tocador de realejo, do relógio da Praça Osório, do bebedouro na pracinha da Ordem, da Ponte Preta da Estação, da briosa bandinha do Tiro Rio Branco que desfilava aos domingos na Rua 15, das reuniões no Templo das Musas, dos bailes nas sociedades operárias... Dalton Trevisan nasceria um ano depois, em 14 de junho de 1925, e se tornaria grande amigo do Poty.

"DALTON TREVISAN NASCERIA UM ANO DEPOIS, EM 14 DE JUNHO DE 1925, E SE TORNARIA GRANDE AMIGO DO POTY."

Dr. Carlos Ravazzani (PR).



Poty, o poeta do traço



As cidades têm seus poetas, seus cantores

e seus pintores. Os mineiros têm Guignard, os cariocas têm Di Cavalcanti. Curitiba recebeu dos deuses o privilégio de ter Poty a celebrá-la. Muralista por excelência, onde quer que se caminhe na capital do Paraná acompanha-se a obra monumental e o forte traço, único, característico de Napoleon Potyguara Lazzarotto, o nosso Poty. Pela grandiosidade, os murais marcam sua presença de forma indelével. Feitos de concreto, azulejos, vitrais ou madeira, eles estão presentes em toda a cidade: no Largo da Ordem, o grande painel de azulejos que representa as carroças das vendedoras de verduras, colonas italianas, polonesas, em volta do bebedouro dos cavalos; também em azulejos, o magnífico painel histórico na Praça 19 de Dezembro, no Monumento ao Primeiro Centenário do Paraná; passando pelo Teatro Guaíra, ressalta a força do painel da fachada, em concreto aparente, retratando o teatro no mundo; também em concreto, a obra *Alegoria ao Paraná*, na fachada do Palácio Iguaçu, apresentada por ocasião da inauguração do Palácio, em 1953. E os vitrais? Cores e cores, magia total nos vitrais da Biblioteca da PUC-Paraná, com o tema *Evolução na Comunicação*. E tantos, tantos outros...

Felizmente, antes de nos deixar, Poty assistiu à abertura, na Caixa Econômica, da exposição *A obra monumental de Poty*, com curadoria do artista plástico e amigo Domício Pedroso. Os desenhos, os esboços, as maquetes e as fotografias e projetos de sua extensa produção estão ali, didaticamente organizados para que a posteridade reve-reencie sua gigantesca obra.

E o que dizer do artista multifacetado, polivalente, talento para esbanjar, que como gravurista, desenhista e ilustrador ultrapassou

as fronteiras locais e nacionais? Poty ilustrou as obras de grandes escritores brasileiros, como Guimarães Rosa e Dalton Trevisan. Criativo, humilde, culto e trabalhador, deixou-nos um grande legado. No Museu Metropolitan de Arte, o nosso Muma, está grande parte da obra do artista, doação do mesmo à cidade que tanto amava e ilustrou. Seus pinhões e gralhas, lambrequins e casas simples são inesquecíveis. O dia-a-dia do povo trabalhador também foi retratado por Poty, com muito carinho, realismo e permanente preocupação social. Desde a inauguração, o Solar do Rosário, o casarão histórico da Praça Garibaldi, teve em Poty seu grande amigo. A logomarca da Sala do Artista, desenhada por Poty em 1994, representa o artista plástico. Seria ele mesmo?

As gravuras exclusivas, dezenove tiragens, retratam desde o São Francisco, seu santo preferido, até o jogo de bocha dos italianos das colônias nos arredores da cidade.

Poty deixou esta dimensão, e deve estar pintando no céu. Poty, cidadão, artista, acredite: sua memória será sempre reverenciada. E quanto mais o tempo passar, mais as novas gerações perguntarão: como deu tempo de criar tanto em uma só existência?

Regina Casillo (PR).

Poty e seus amigos

Filho de um casal humilde, recebeu o nome de Napoleão Potyguara Lazzarotto. Um nome pomposo, a quem só chamavam Poty. O que vou contar aqui não é novidade e nem segredo. O pai trabalhava na estrada de ferro e a mãe dirigia o restaurante que ficou muito conhecido. Era o famoso Vagão do Armistício, freqüentado pelos intelectuais de Curitiba.

Bem, Poty nasceu aqui mesmo em Curitiba no bairro do Capanema, em 24 de março de 1929. Seu pai, Isaac, era ferroviário, que perdeu um braço em virtude de um acidente. Apenas com um braço, Isaac tentou voltar ao mesmo trabalho, mas desistiu. Sem outra alternativa, passou a colher peças de alumínio que eram modeladas em quadros de Santa Ceia para vender. Poty e seus amiguinhos freqüentavam o barracão para ajudar a mover o fole...

Pedaços de madeira também eram aproveitados para modelar figuras de homens gordos ou magros. Por fim, ergueu um estábulo para criar vacas e vender o leite.

As dificuldades financeiras sempre presentes, mas Isaac não descuidava do filho Poty, que passava o dia rabiscando qualquer papel. Nem a Bíblia escapou! E Poty passou a ganhar revistas ilustradas... Ele gostava de desenhar figuras que demonstrassem movimento.

O barracão que seu Isaac ergueu na frente da casinha de madeira foi batizado com o nome de Vagão do Armistício... Desde o ano de 1937. Era um restaurante...

O governador Manoel Ribas era freqüentador do Vagão do Armistício, sempre acompanhado por alguns de seus assessores. Aluno dedicado, Poty foi premiado pelo Governador em 1942, com uma Bolsa de Estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Foi enviado para o Rio de Janeiro com uma pensão de



600 mil réis, com uma bagagem minguada e a mãe chorosa acompanhando até ele embarcar.

No Rio, Poty encontrou o Erbo Stenzel, também escultor paranaense, autor do Monumento do Homem Nu na Praça 19 de Dezembro. O Erbo também estava estudando no Rio e ajudou-o nos primeiros dias.

Aos quatorze anos, isso em 1938, ele havia publicado no jornal Diário da Tarde, "Haroldo, o homem relâmpago". Em seis capítulos!

Algumas fontes de inspiração para Poty foram as leituras de François Copée, Robert Louis Stevenson e Edgar Allan Poe. Poty muitas vezes, desenhava cenas do filme *Fausto*.

Mais ou menos à essa época, um grupo de adolescentes, na Itália, aborrecido com a falta de perspectiva de trabalho, resolveu procurar alguma alternativa fora de sua

"(...) ISAAC NÃO DESCUIDAVA DO FILHO POTY, QUE PASSAVA O DIA RABISCANDO QUALQUER PAPEL. NEM A BÍBLIA ESCAPOU!"

cidadezinha, DolceAcqua (uma cidadezinha a poucos quilômetros de Mônaco). “De mala e cuia”, os adolescentes passaram a percorrer a Europa. Três deles não demoraram a encontrar o caminho do casamento...

“TANTO O POTY, QUANTO O DALTON E O FRANCO TINHAM UM AR UM TANTO TRISTO-NHO... POTY GOSTAVA DE OUVIR, E O DALTON DE CONVERSAR. OS TRÊS TORNARAM-SE MUITO AMIGOS.”

Mas o Franco Giglio não desistiu: ele vendeu amendoim torrado... Foi engraxate, garçom... Acabou encontrando um artesão que lhe ensinou o ofício de trabalhar com pastilhas. Habilidade, Franco tornou-se um artista plástico. Era criativo e caprichoso. Percorreu diversos países e, por onde passava, deixava a sua marca. Ele me contou que entrou pelo norte do Brasil e até deixou uma figura de uma sereia toda feita de pastilha, em um muro, creio que em Recife. Acredito que daí em diante a sua situação foi melhorando.

Ele nunca me contou, tampouco lhe perguntei a razão de vir para o Brasil. Estacionou aqui em Curitiba e por aqui permaneceu provavelmente uns quinze ou vinte anos. Era um rapaz muito educado que fez facilmente muitas amizades, inclusive tornou-se nosso amigo. Muitos painéis foram elaborados nos prédios construídos pela empresa do meu irmão Jaime.

O Franco, além de amigo, tornou-se discípulo do Poty!

Conforme o que Valêncio escreveu no seu maravilhoso livro *Trilhos, Trilhas e Traços*, tanto o Poty, quanto o Dalton e o Franco tinham um ar um tanto tristonho... Poty gostava de ouvir, e o Dalton de conversar. Os três tornaram-se muito amigos.

Um barzinho próximo à minha casa era ponto de encontro de amigos no intervalo do almoço. Engenheiros, advogados, artistas, entre eles o Poty, o Franco (não tenho certeza se o Dalton também, às vezes, aparecia por ali) e outros mais, faziam “uma boquinha” com os salgadinhos que a dona Antonia preparava. Eles diziam que os

pasteizinhos, as coxinhas, as empadinhas eram saborosas, ainda mais regadas a goles de “pinga”. Uma ocasião, quando aquele grupo de senhores, como de costume, conversava e ria, e tomava seus golinhos de “pinga” acompanhados com os salgadinhos, todos eles de terno e gravata e Poty de macacão, pois havia feito uma pausa no trabalho, um senhor passou e vendo aquele camarada de macacão, ofereceu-lhe um trabalho: erguer um galinheiro. O material já estava todo comprado... Mas Poty, sacudindo os ombros, não aceitou a “oferta”. Aquele sujeito, então, saiu esbravejando e chamando todos os outros de vagabundos!

Em pouco tempo, Franco fez amizade com muita gente. Fez painéis em muitos prédios e casas.

Os livros do Dalton Trevisan na maioria são ilustrados com desenhos do Poty.

Mas em 1943, um paranaense morando no Rio, convida seu conterrâneo Poty para ilustrar seu livro *Lenda da Herva Mate Sapecada*. Este senhor chamava-se Hermínio da Cunha César! Este foi realmente o primeiro livro ilustrado por Poty e publicado.

Em 1946, Poty recebe do governo francês uma bolsa de estudos e lá aprende litografia.

Quando Dalton Trevisan cria o jornal “Joaquim”, em 1946, Poty faz o desenho padrão da capa. Nos vinte e um jornais “Joaquim” podemos apreciar diversas ilustrações criadas por Poty, Guido Viaro, Esmeraldo Blasi Jr., Yllen Kerr, Euro Brandão, Gianfranco Bonfati e Renina Katz. Todos ilustraram os contos de Dalton Trevisan no “Joaquim”. Além das ilustrações, Poty manda matérias do Rio, e, mais tarde, de Paris, para o “Joaquim”. No número 5 traduz um trecho da peça *Bound East for Cardiff*, de Eugene O’Neil, que também ilustra.

“Aprendi inglês no colégio, era melhor do que é hoje – e me interessando pelas coisas, lendo”.

Quando estava em Paris, como bolsista, em 1946, Poty, não restringia seu tempo só no atelier da Escola de Belas Artes, para aprender a fazer litografia. Ele também tinha

o direito de usar o atelier de madeira e metal. “Depois de confeccionar algumas litografias para aprender, o resto do tempo flanei pelo interior da França, Espanha e interior da Itália”, relatou-nos, completando:

“Subi lá no alto da Catedral de Notre Dame, não vi o tal corcunda, mas tirei uma foto pendurado no mastro da bandeira.”

Poty encantou-se com os Museus de Arte. Na verdade era um deslumbramento poder ver pessoalmente e de perto os quadros de Toulouse Lautrec, Manet, Matias Grunewald... Mal conseguiu olhar a meia dúzia de Veronese que havia lá!

Com o tempo e com as visitas freqüentes que fazia aos museus de arte, e mais calmo, Poty conseguiu olhar com mais paciência cada quadro, cada trabalho. Só mais tarde se fixou nos expressionistas.

Poty nunca deixou de se corresponder com o “Joaquim” (Na verdade, com o Dalton). Regressou ao Brasil no começo de 1948 e logo foi trabalhar na Manhã, jornal dirigido por Samuel Wainer. Seus colegas de trabalho eram Otto Lara Rezende, Guilherme Mendes e Waldemar Cavalcanti. Ele ilustrava contos, crônicas e também o noticiário policial. Tratava os casos mais banais como se fossem grandes crimes. Era divertido.

Em 1946, faz um mural na sede da UNE – União Nacional dos Estudantes, na Praia do Flamengo. Era um painel muito simples, apenas usando pincel e tinta preta, encomendado pelo diretor da UNE, Fernando Pamplona. Aquele painel foi o primeiro de uma série de painéis encomendados... Mas a sede da UNE foi incendiada, destruída, logo no primeiro dia do Golpe Militar de 1964.

Em 1953 foi comemorado o centenário da emancipação do Paraná e Poty fez sua primeira obra mural no Estado, no Hotel Aeroporto, de propriedade de Ingeborg Rusti. Também fez pinturas murais para o pórtico do Pavilhão de Exposição do Centenário, e o seu primeiro mural em azulejos comemorativo ao Centenário, na Praça 19 de Dezembro.

Foi construído o Teatro Guáira bem defronte à Praça

Santos Andrade. Poty foi novamente incumbido de elaborar um painel na fachada. Ficou lindo. Mas poucos dias depois de terminado, um incêndio. Ninguém soube explicar onde começou, mas destruiu todo o teatro. Enquanto olhava aquele fogaréu, o ex-governador, Dr. Bento Munhoz, chorava copiosamente. Mas, em pouco tempo o Guáira foi reconstruído, e também lá está o mural do Poty!

Ele, Poty, também deixou obras em Portugal, França e Alemanha. Em 1967, foi convidado pelo médico e indianista Noel Nutels para ir ao Xingu. Conviveu alguns dias com os índios; mais tarde, ilustrou dois livros que contam a respeito dos mitos dos índios.

O interessante é que, quando o chamavam pelo nome, os índios riam muito porque poty, no linguajar dos índios do Xingu, quer dizer merda...

Poty fez cerca de 200 desenhos do Xingu. Ficaram expostos na Bélgica e em Londres. Noel Nutels usava-os em suas palestras. A BBC, canal de televisão de Londres, usou-os na abertura dum documentário sobre o Xingu.

Em 1996, Poty faz seu primeiro mural em concreto aparente que, dali para a frente, passa a ser sua técnica preferida para obras monumentais. E, com tal aprimoramento nesta técnica, ele constrói o Monumento Marco na Rodovia do Café, no Paraná, tendo por tema o Café.

São centenas de obras maravilhosas impossíveis de serem todas citadas!

Até hoje Poty é considerado o melhor muralista; foi muito homenageado e convidado a fazer vitrais, painéis em concreto aparente, mural em azulejo, e também em madeira gravada. Passou os anos sessentas, setentas e oitentas trabalhando quase sem parar. Ainda 1990 fez mais dois painéis: um para o Rio de Janeiro e outro para o Paraná.

“O INTERESSANTE É QUE, QUANDO O CHAMAVAM PELO NOME, OS ÍNDIOS RIAM MUITO PORQUE POTY, NO LINGUAJAR DOS ÍNDIOS DO XINGU, QUER DIZER MERDA...”

Poty e Valêncio Xavier haviam concordado em produzir mais um livro, em sociedade: *Curitiba de Nós!*

Em 1975, o livro pronto, a data para a noite de autógrafos marcada... Na noite anterior Poty resolve visitar a casinha de madeira onde morou tantos anos. Devia ser as saudades, as lembranças. Mas a casinha já estava muito velha, abandonada, podre. Sem pensar no perigo, ele foi subindo a escada e examinando o quarto onde dormiu, quando o assoalho veio abaixo. O tombo foi muito sério. Ele estava todo machucado, não conseguia mover-se.

Ele deve ter gritado por ajuda durante muitas horas. Até que alguém escutou os gritos. As dores eram terríveis. Depois de alguns dias hospitalizado, ainda com muitas dores, foi levado para a casa de um amigo e lá ficou rezando apavorado, pensando que nunca mais voltaria andar.

Mas com o tempo ele foi se recuperando, para admiração até dos médicos. O único sinal daquele tombo terrível

foi um renguear. E todos diziam: "Foi um milagre!"

Antes de morrer, Poty estava trabalhando em um painel encomendado pela usina Hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu (PR).

É admirável a quantidade de obras que ele, Poty, conseguiu deixar para o nosso encantamento. Mas ele trabalhou com afinco e prazer.

No dia 8 de maio de 1998, às 13h52, a Agência Folha publicou a seguinte nota: "Morreu na madrugada desta sexta-feira, em Curitiba, o artista plástico Poty Lazarotto. Ele tinha 74 anos e sofria de câncer nos pulmões. O Governo do Estado do Paraná decretou luto por três dias pela morte do Poty".

Aqui deixo minha homenagem para o artista e a pessoa extraordinária que se chamava Napoleão Potyguara Lazarotto.

Margarita Wasserman (PR).

Poty, meu compadre



Uma das maiores tristezas do Poty foi o dia

em que chegou em Curitiba para uma de suas habituais visitas a seus pais, "seo" Issac e dona Júlia, e ao procurar na primeira quadra da estreita Rua Marechal Deodoro, o pequeno Buraco

do Tatu, não encontrou nem o bar - famoso por sua carne-de-onça, suas pingas e sua freguesia exclusivamente masculina - nem o casarão, e só viu uma rua em ruínas. Isto faz muitos anos, quando o então prefeito Ivo Arzua alargava as ruas da cidade e um pouco da antiga Curitiba desaparecia. Mas o que mais entristeceu Poty foi a negativa que recebeu de todos a quem perguntou pela placa do Buraco do Tatu com um desenho simples mas de extrema ternura.

E talvez uma das maiores alegrias de sua vida aconteceu no ano passado quando um de seus amigos curitibano, surpreendeu-o em seu apartamento em Botafogo levando debaixo do braço, cuidadosamente embrulhada, a velha placa do antigo Buraco do Tatu, hoje funcionando no bairro das Mercês, mas sem o encanto do primitivo endereço.

Poty é um homem que gosta das coisas simples.

Poderia aqui falar, com base em suas raríssimas confissões ou em pesquisas e depoimentos de amigos, do

menino de calças curtas que caricaturava os ilustres fregueses do Vagão do Armistício no Capanema, e que tinha entre os seus mais fiéis freqüentadores o interventor Manoel Ribas, o que levava quase que todas as noites ao restaurante do "seo" Issac, os políticos e poderosos da época. Poderia-se também falar do jovem que partiu para a grande cidade em busca de seu lugar ao sol. Que viajou muito, morou no Exterior, voltou, fez exposições, casou com uma mineira maravilhosa - a mulher mais inteligente que já conheci, Célia - e que hoje é um artista de expressão nacional. Mas isto tudo já foi dito. E muitas vezes, apesar do silêncio do sempre calado Poty, avesso a entrevistas, e depoimentos. Mas capaz de falar horas e horas sobre os seriados de Buck Jones, das balas Zequinha, dos westerns de John Ford ou dos romances policiais cuja leitura jamais dispensa.

Poty é um homem que gosta de falar do tempo dos filmes do cine Broadway. E de Tom Mix.

E quantas obras de arte já fez Poty, este cinqüentão que aniversaria hoje com Curitiba? Não lhe perguntem, pois ele não saberia responder. No máximo resmungaria. Célia mais organizada (afinal ela é uma brilhante economista, ex-assessora de Ministros de Fazenda, tradutora emérita etc.), tentou uma vez fazer um levantamento somente daquilo que chama de "Obras Monumentais". Mas são tantas que apesar do auxílio de um amigo fotógrafo, até hoje não terminou o cadastramento. São painéis, monumentos, peças diversas esculpidas em madeira ou fundidas em cimento que marcam a presença de seu trabalho e sua arte em vários cantos do Brasil. Em grandes e pequenas cidades. Como na Guanabara ou na Lapa, onde seu monumento ao Tropeiro virou atração turística e presença obrigatória em qualquer cartão postal da Legendária que se preze.

Aqui mesmo, em Curitiba, a presença de Poty está a cada esquina, ou melhor, a cada praça e edifício público: 19 de Dezembro, 29 de Março (no antigo campo do Poty F.C. viva a feliz coincidência), na fachada do Guairão, no Hospital de Clinicas, no Banco do Brasil, na Escola de Engenharia, em breve na Escola Técnica e no novo prédio da Assembléia, enfim em um cem números de lugares. Sem contar os

trabalhos feitos para amigos - como os dois murais na casa de Luís Gil Caldas ou encomendas. Que são muitas, quase difíceis de atender a todos. Suas talhas, seus desenhos e seus (raros) projetos de tapeçaria também estão espalhados por onde existem pessoas de bom gosto. E que tiveram a felicidade de conseguir um dia um de seus trabalhos.

Poty é um homem que trabalha muito. Mas que nunca se sentiu cansado ao dar para os olhos de muitos a beleza que nasce em seu coração e que a razão transmite em suas mãos habilidosas.

Poty é um homem que acorda às 5 horas da manhã e começa a trabalhar. E que assusta Célia quando vai ao guarda-roupa e coloca uma camisa branca e procura uma de suas poucas gravatas. Pois isto significa que algum amigo morreu. Caso contrário, nunca ninguém o viu de gravata. E raramente de paletó. No ano passado, Poty deixou de colocar gravata um dia. Estava em Curitiba, e no Rio morria um de seus maiores amigos, o indianista Noel Nutels.

Poty neste dia falou ainda menos. E seus olhos ficaram molhados o tempo todo.

Hoje gostaria que Carlos Drummond de Andrade - outro de seus grandes amigos, calado como ele, mineiro como Célia - escrevesse uma poesia ou uma crônica sobre Poty. Pois sinceramente acho que ninguém mais poderia dizer em palavras tudo que de bom Poty é. Poty, meu compadre, padrinho de Francisco.

Poty pertence a uma espécie em franca extinção em todo mundo. Os bons caracteres. Ou qualquer sinônimo que se queira usar: leal, sincero, amigo, gente legal. Todos eles ainda são poucos para explicar o Poty pessoa. Do Poty artista não é preciso falar. Basta olhar e ver o que de bonito ele já deu nestes seus primeiros cinqüenta anos.

"POTY PERTENCE A UMA ESPÉCIE EM FRANCA EXTINÇÃO EM TODO MUNDO. OS BONS CARACTERES. OU QUALQUER SINÔNIMO QUE SE QUEIRA USAR: LEAL, SINCERO, AMIGO, GENTE LEGAL. TODOS ELES AINDA SÃO POUCOS PARA EXPLICAR O POTY PESSOA."

Aramis Millarch (PR).

texto publicado originalmente no Estado do Paraná de 29/03/1974

Napoleon Potyguara Lazzarotto



O último desenho de Poty não foi o painel da usina hidrelétrica da Itaipu. Foi uma ilustração para um cartaz, encomendado pelo Hospital de Clínicas para sensibilizar as pessoas sobre a necessidade de doações,

“POTY, O QUE ESPALHOU SUA MARCA ARTÍSTICA PELO MUNDO COM ESPÍRITO DO INTERIOR BRASILEIRO, SEU JEITO, SEUS DEFEITOS, SUAS MISÉRIAS E GRANDEZAS, QUE ILUSTROU AQUI E NA EUROPA, NASCEU E VIVEU CURITIBANO, COM OS TRILHOS DE TREM DO BAIRRO CRISTO REI MARCANDO SUA OBRA.”

para que o doutor Pasquini pudesse realizar mais, muito mais transplantes de medulas. Nele, Poty colocou suas esqueléticas forças e a magnitude de sua alma, traçando, com mão trêmula, em um sábado carancudo, figuras potyanas, ímpares, que o mundo conhece.

O painel de Itaipu, com seu traço marcante, único, já está pronto e entregue a Adoaldo Renato Lenzi, parceiro e executor de seus desenhos em azulejos, telas e concreto. O câncer lhe

comia um pedaço do corpo, mas a alma doava-se à ilustração do Hospital de Clínicas. Ele ria, miúdo, da dificuldade de trabalhar com as canetas porosas coloridas e o corretivo sobre as folhas. O início de inverno lambendo a janela de seu apartamento, as palavras confusas e a vontade de trabalhar, de terminar o desenho, os olhos quase verdes, quase embaçados, buscando um e outro ângulo, o perfeito, o término.

Emocionado, criando emoção, mas deixando a criação de mãos dadas com a técnica, pura, fruto de estudos. Muitos.

Poty, o que espalhou sua marca artística pelo mundo com espírito do interior brasileiro, seu jeito, seus defeitos, suas misérias e grandezas, que ilustrou aqui e na Europa, nasceu e viveu curitibano, com os trilhos de trem do bairro Cristo Rei marcando sua obra. Com os bonés de “seo” Isaac, seu pai, e o cheiro de comida de dona Júlia, sua mãe. Era feito pinheiro, uma árvore que não aceita replantio. Rodou o mundo e voltou. Ficou.

Foram alguns encontros. Sempre destoando, o artista maior Napoleon Potyguara Lazzarotto calçava sandálias havaianas, enquanto a platéia sufocava-se no *black-tie*. E ria dos discursos oficiais. Não tinha jeito para ser homenageado. Mas emocionava-se com os piás e gurias rodeando-lhe o colo de pai que nunca foi, casado com Célia, falecida há onze anos. Noutros, falou-se de coisa alguma. Lembramos dos apelidos das máquinas de trens

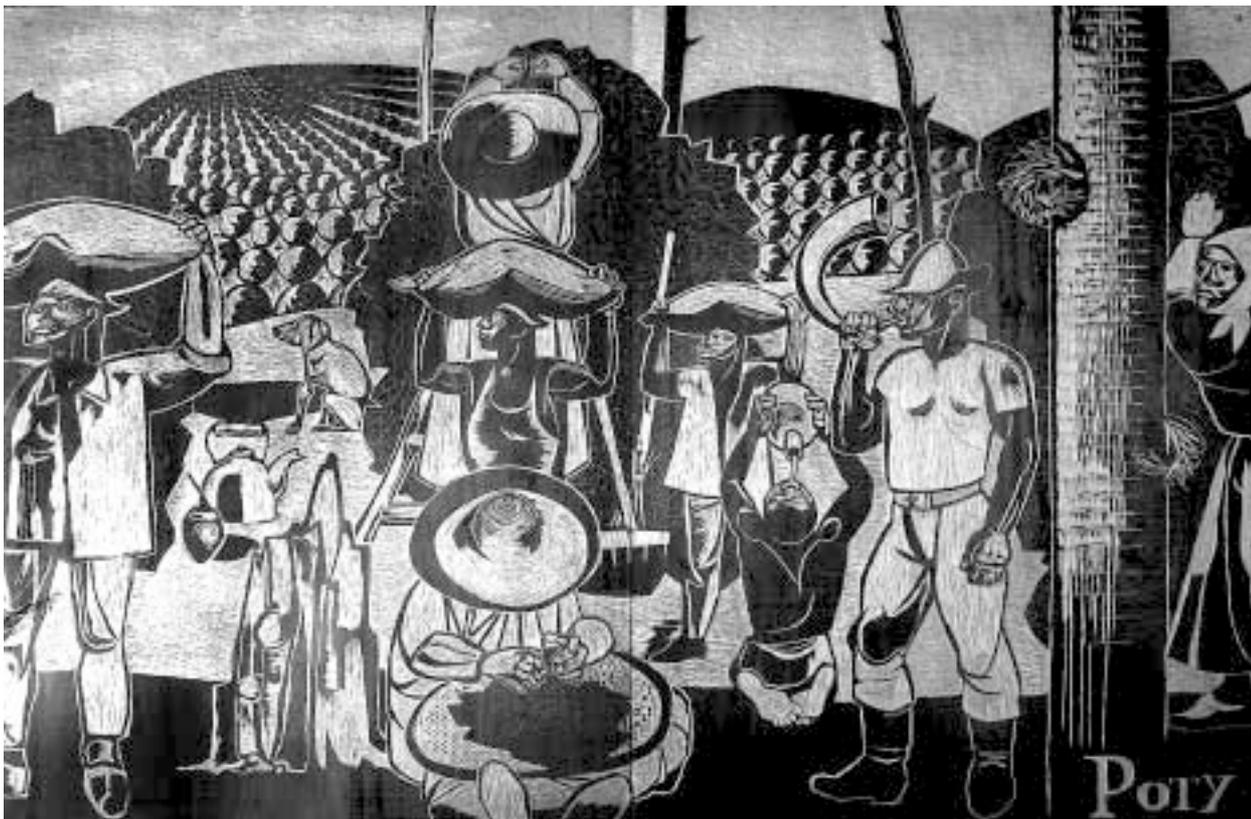
e das aventuras de seu tio "Tigre". Ou de sua arte, sempre emocionante, presente na França, em Portugal, no Rio e em São Paulo e esparramada pelo Paraná, especialmente Curitiba. Onde se anda em Curitiba há a presença de Poty. Ou conversamos de vagões. Ou, simplesmente, de nada. Um dos encontros mais recentes foi para entrevista publicada em jornal no dia 30 de março, um dia após o artista ter completado 74 anos. Depois, o penúltimo, durante horas e meia dúzia de palavras, quando o traço dava forma, no papel, ao cartaz do Hospital de Clínicas. Quando deixei o apartamento, a vizinha acudiu, pálida: "Ele está passando mal?". Não, está desenhando. Sempre. Uma frase o identifica: "Sempre acabo um desenho". Solitário, entre livros, vídeos e centenas, centenas de folhas em quase todos os espaços do apartamento.

O mundo perdeu um bocado de graça na madrugada

de 8 de maio de 1998. A beira-de-linha está plena de saudades. A cidade o enterrou, respeitosa à sua dor, embora sua alma paire viva sobre os telhados. Cumprindo o rito da natureza, Poty, que ria da perenidade, está grudado em cada painel, rua, tela, ilustração, gráfico, vagões... Seu traço de mago é eterno, mesmo que ele não aceitasse, debochado. Não sei se ele terminou o desenho para o cartaz estimulador para doadores de medulas. Não deu tempo de perguntar. Não faz mal. Publica só um rosto. Ou um risco. Todo mundo sabe que é dele. Poty não precisa assinar. Nunca precisou.

"(...) POTY, QUE RIA DA PERENIDADE, ESTÁ GRUDADO EM CADA PAINEL, RUA, TELA, ILUSTRAÇÃO, GRÁFICO, VAGÕES... SEU TRAÇO DE MAGO É ETERNO, MESMO QUE ELE NÃO ACEITASSE, DEBOCHADO."

Nilson Monteiro (PR).



acordei bemol
tudo estava suspenso

sol fazia
só não fazia sentido
(Paulo Leminski)

De frente pro crime

Ta lá o corpo
estendido no chão
Em vez de rosto uma
foto de um gol
Em vez de reza uma
praga de alguém
E um silêncio servindo
de amém.



O bar mais perto
depressa lotou
Malandro junto com trabalhador
Um homem subiu na mesa do bar
E fez discurso pra vereador

Veio camelô vender anel,
Cordão, perfume barato
Baiana pra fazer pastel
E um bom churrasco de gato

Quatro horas da manhã baixou
O santo na porta-bandeira
E a moçada resolveu parar
E então...

Sem pressa foi cada um pro seu lado
Pensando numa mulher ou num time
Olhei o corpo no chão e fechei
Minha janela de frente pro crime.

Letra: Aldir Blanc.

Melodia: João Bosco.

Trilha Sonora Internacional vol.2

Faça uma audição no sítio do látrico enquanto lê

1. **Unchained Melody** (N. Zare – A. North); Arthur Prysock.
2. **There's A Kind Of Hush** (Les Reed – Geoffrey Stevens); Brenda Lee e Pete Fountain.
3. **Sailing** (Gavin Sutherland); Rod Stewart.
4. **I Love Paris** (Cole Porter); Ella Fitzgerald.
5. **Morning Has Broken** (Cat Stevens – Eleanor Fargeon); Cat Stevens.
6. **If You Go Away** (Jaques Brel – Rod McKuen); Shirley Bassey.
7. **Toi Et Moi** (Anka – Marnay – Barclay – Vincent); Paul Anka e Mireille Mathieu.
8. **Night and Day** (Cole Porter); Doris Day.
9. **In The Ghetto** (Davis); Elvis Presley.
10. **Smoke Get in Your Eyes** (Jerome Kern – Otto Harbach); Dinah Washington.
11. **A Song for You** (Leon Russel); Ray Charles.
12. **Walk Away** (Blach – Jurgens); Matt Monro.
13. **Everything I Do** (Bryan Adams – R.J. Lange – Michael Kamen); Julia Migenes.
14. **Tender is The Night** (P. F. Webster – S. Fain); Tony Bennett.
15. **Maria** (L. Berstein – S. Sondheim); Sarah Vaughan.
16. **If I Were A Magician** (L. Russel Brown – Billy Vera); Lou Rawls.
17. **For Once in My Life** (Murden – Miller); Nancy Wilson.
18. **You and Me** (We Wanted it All); (Carole Bayer Sager – Peter Allen); Frank Sinatra.
19. **I Just Don't Know What To Do With Myself** (Hal David – Burt Bacharach); Steve Tyrell.
20. **Mr. Bojangles** (Jerry Jeff Walker); Robbie Williams.
21. **Just The Two of Us** (R. MacDonald – W. Salter – B. Withers); Engelbert Humperdinck.

Luar do sertão



Ó! que saudade
do luar da minha terra,
lá na serra,
branquejando folhas secas
pelo chão!
Este luar, cá da cidade,
tão escuro,
não tem aquela saudade
Do luar lá do sertão

Não há/Ó gente/ Ó não luar, Como esse/ Do sertão

Se a lua nasce
por detrás da verde mata
mais parece
um sol de prata,
prateando a solidão!
E a gente pega na viola,
que ponteia, e a canção
é a lua cheia,
a nos nascer do coração!
Quando vermelha, no sertão
desponta a lua,

dentro d'alma onde flutua,
também rubra.
nasce a dor!
E a lua sobe...
E o sangue muda
em claridade!...
E a nossa dor muda
em saudade...
branca... assim...
da mesma cor!!!

Ai! Quem me dera
que eu morresse lá na serra,
abraçado à minha terra,
e dormindo de uma vez!
Ser enterrado
numa grota pequenina,
onde, à tarde,
a sururina
chora a sua viuvez!

Diz uma trova,
que o sertão todo conhece,
que, se à noite, o céu floresce,
nos encanta, e nos seduz,
é porque rouba dos sertões
as flores belas
com que faz essas estrelas
lá do seu jardim de luz!!!

Mas como é lindo ver, depois,
por entre o mato,
deslizar, calmo, o regato,
transparente como um véu,

no leito azul das suas águas,
murmurando,
ir, por sua vez, roubando
as estrelas lá do céu!!!

A gente fria
desta terra, sem poesia,
não se importa com esta lua,
nem faz caso do luar!
Enquanto a onça,
lá na verde capoeira,
leva uma hora inteira,
vendo a lua, a meditar!

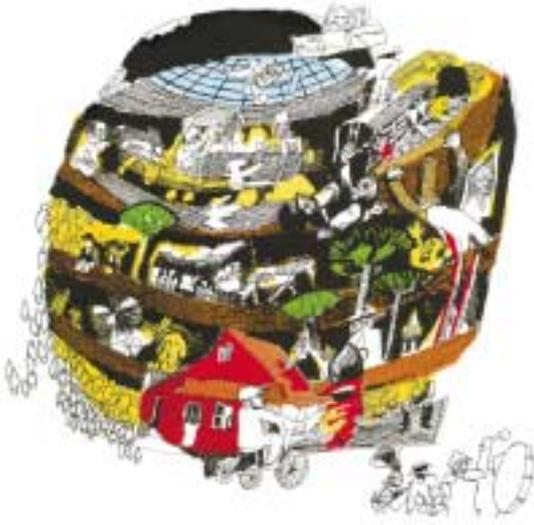
Coisa mais bela neste mundo
não existe, do que ouvir
um galo triste, no sertão,
se faz luar!!!
Parece até que a alma da lua
é que descanta, escondida
na garganta
desse galo a soluçar!

Se Deus me ouvisse com amor
e caridade, me faria esta vontade,
- o ideal do coração!
Era que a morte, a descartar,
me surpreendesse,
e eu morresse, numa noite de luar,
no meu sertão!

Poesia de João Pernambuco.

*Obs.: Esta é para quem não conhecia
a poesia completa de Luar do Sertão.*

No poema
e nas nuvens,
cada qual descobre
o que deseja ver
(Helena Kolody)



Deus me deu um amor no tempo de madureza,
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
Deus – ou foi talvez o Diabo – deu-me este amor maduro,
e a um a outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia
e cansado de mim julgava que era o mundo
um vácuo atormentado, um sistema de erros.
Amanhecem de novo as antigas manhãs
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra
imensa e contraída como letra no muro
e só hoje presente.
Deus me deu um amor porque o mereci.
De tantos que já tive ou tiveram em mim,
o sumo se espremeu para fazer um vinho
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

Campo de Flores

E o tempo que levou uma rosa indecisa
a tirar sua cor dessas chamas extintas
era o tempo mais justo. Era tempo de terra.
Onde não há jardim, as flores nascem de um
secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso
para arrecadar as alfaías de muitos
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes
e ao vê-los amorosos e transidos em torno,
o sagrado terror converto em jubilação.

Seu grão de angústia amor já me oferece
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura
e o mistério que além faz os seres preciosos
à visão extasiada.

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,
há que amar diferente. De uma grave paciência
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.
Há que amar e calar.
Para fora do tempo arrasto meus despojos
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

Este é um dos maiores poemas líricos já escritos. E Carlos Drummond o concebeu depois dos cinquenta, na madureza. Não bebia álcool, nem usava ópio nem éter. Não era embriagado dela nem de si. Portanto, este poema não é uma bula. Mas foi remédio por 36 anos. De uma bigamia discreta, amorosa, intensa e necessária. Salvo, durante a vida, pela poesia e pela namorada.

Áporo

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se.

Carlos Drummond de Andrade



Carlos, que inventou “de” para tornar seu nome mais eufônico, não gostava do concretismo. Também esses, sem lhe negarem o talento, faziam restrições. Por isso, o poema acima, apontado por Décio Pignatari como “obra-prima da poesia universal do século XX”, torna-se mais significativo. As restrições que lhe faziam era pela falta de engajamento político ou artístico. O único livro de poesia engajada fora *A rosa do povo*. Mas Drummond era um desiludido político desde que deixara o PC (fora co-editor de um jornal comunista e abandonara as hostes por suposta censura.) E, por temperamento, um individualista.

DO CADERNO VERDE

“Tinha abandonado a arrogância da cultura. Meu ânimo era de completa aceitação. Não pedia a ninguém, mais do que pudesse dar-me. Tinha aprendido a tolerância. Aprazia-me a bondade de meus companheiros: não me desesperava com sua maldade. Tinha adquirido independência de espírito. Aprendera a seguir meu próprio caminho sem me importar com o que os outros pensassem a respeito.”

Cultura é para isso: engendrar independência e liberdade. E unir um povo em torno disso.

PALAVRAS DE MESTRE

“Um homem livre em nada pensa menos do que na morte, e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida.”

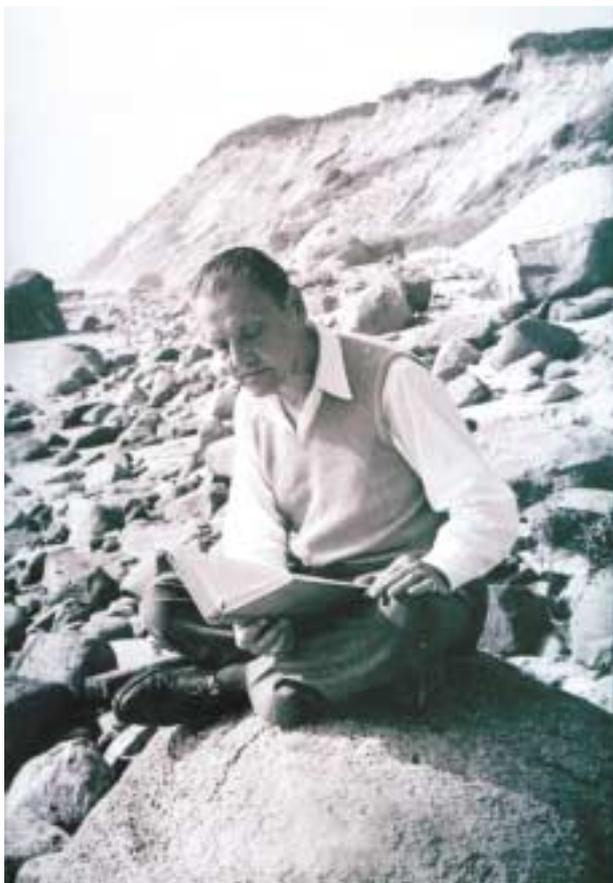
(Spinoza, Ética)

•••••

“Ser capaz de prestar atenção a si mesmo é pré-requisito para ter a capacidade de prestar atenção aos outros; sentir-se bem consigo mesmo é a condição necessária para relacionar-se com os outros.”

(Erich Fromm, Ética e Psicanálise)

Encontro marcado: entrevistamos o Dr. Somerset Maugham



Sem Choro Nem Velas

O látrico tem se notabilizado por entrevistar pessoas

“OS CRÍTICOS NUNCA FORAM COM A CARA DELE. PIOR PROS CRÍTICOS. O GRANDE PÚBLICO? AH, O GRANDE PÚBLICO, ESSE O ADORAVA. ATÉ HOJE. CONSUMIU VORAZMENTE SEUS 65 LIVROS, E O DEIXOU RICO.”

sob guarda do comitê celestial. Diríamos que o editor pensa ter muita “presença de espírito”, o que deve facilitar tais contatos. Desta vez foi o Dr. Somerset, já que Maugham é de pronúncia difícil. Disse doutor? Não é bem assim.

De fato se formou em Medicina, mas não a exerceu, preferindo ser teatrólogo, romancista, contista e ensaísta.

Em todos os gêneros sempre fez sucesso. Achar pouco? Os críticos sempre acharam, nunca foram com a cara dele. Pior pros críticos. O grande público? Ah, o grande público, esse o adorava. Até hoje. Consumiu vorazmente seus 65 livros, e o deixou rico. Tão rico – críticos abominam a riqueza de escritores; é como jazzistas, têm que sofrer – que se deu ao luxo de ter para si o melhor cozinheiro francês. Ou de plantar em sua *villa* de Cap Ferrat, no sul da França, o primeiro abacateiro da Europa. Não é uma ilusão, dileto leitor, você leu certo. Abacateiro, pode? Neste ponto você já sabe que o doutor, treinado no hospital S. Tomás de Londres, escreveu muitos livros, plantou árvores, e quer saber se teve filhos, certo? Aí há um certo mistério. Não era novidade pra ninguém que o doutor era esposal de seu secretário particular Gerald Haxton. Ocorre que os dois estavam no Taiti – é, aquela ilha paradisíaca onde o Gaugin pintou —, provavelmente com o doutor ditando os capítulos finais de “*A lua e seis vinténs*” para seu secretário, quando foi chamado a Londres pela decoradora Syrie Wellcombe (inventou o pé-de-palito; que horror!), que estava grávida dele. Tudo isso seria normal se os dois não estivessem casados. Ela com o cientista Sir Henry Wellcombe, um nobre, vejam! Ele com o tal secretário. E isso tendo o cara dado só uma ou duas voltinhas com ela. Moral: além de gilete, o sujeito era prolífico. Agora também já sabe que teve uma filha. Quer dizer, completou a tríade desejada por todo e qualquer homem (epa!): livro, árvore e filho, ou na ordem que preferir. Quer saber o desfecho dessa história que também daria um bom livro? Ela separou-se do Sir, aliás, foi o contrário; e continuou sua carreira de decoradora espalhando pés-de-palito pelo mundo. Sua filha é hoje Lady Glendevon, o que é tudo

muito nobre. E o nosso herói continuou com o tal Haxton até que a morte os separasse. O secretário morreu em 1944 depois de um conúbio de 30 anos. Quando morreu o doutor? Em 1965, aos 91 anos. Arre, além de tudo ainda longo. Fo-mo-lo (gostou?), pois, encontrar num lugar mais paradisíaco do que as ilhas do Pacífico Sul que tanto apreciava e que tão bem descreveu em seus livros. Aliás, portava dois de seus livros, *Servidão humana* e *O fio da navalha*. Pelo jeito continua embevecido consigo próprio. Mas eram esses os livros que o látrico queria recomendar a seus leitores. Ah, mas não deixem de ler suas “Confissões”, *The summing up*, tradução de Mario Quintana, isso, o grande poeta gaúcho, pela editora Globo. Com essa leitura básica, e alguns de seus contos – *Chuva*, por exemplo —, terão o sumo de um homem que sabia contar histórias como poucos, e que apesar de não terem finais felizes, conquistaram o grande público. Por quê? Porque fazia com que suas histórias virassem contos de fadas para adultos.



látrico – Os críticos o chamavam de traidor da arte e subliterato. Faz sentido?

S.M. – A crítica, no geral, é ignorante. Quem tem talento vira escritor, quem não tem vira crítico. Nunca perdoam que alguém com 86 anos, e já aposentado de moto-próprio, receba convites de revistas para uma *short story* de página e meia por dez mil dólares. Quando estes eram valorizados, e não agora que é uma moeda chinfrim. Os críticos não sabem o que é bom e popular.

látrico – Diziam apenas que era competente e se fechavam em copas. É isso?

S.M. – Que a minha habilidade técnica era assombrosa, não tenha dúvida. Mas só isso não faz com que um autor se torne o mais lido do século XX. Há que ter conteúdo, e

muita imaginação. Diziam também que era um autor desigual. Ora, a realidade também não o é? E a essência de qualquer conto não é justamente a realidade? Não existe conto bom que não seja baseado na realidade. E não adianta ter segundas intenções.

látrico – Já que falamos nisso, o senhor se divertiu na vida?

S.M. – Muito. E diverti também os leitores, sempre dizendo a verdade ou inventando sobre minha própria vida. Pegue qualquer conto meu. O leitor, mesmo que tenha coisas importantes a fazer naquele dia, depois de poucos minutos, ao terminá-lo, saberá que jamais viverá algo tão intenso. Entrará na história como se fosse personagem principal com a vantagem de que sairá ileso. A vida lá fora nunca será tão emocionante.

látrico – Estamos misturando passado, presente e futuro; não se trata de boa técnica.

S.M. – Se for de interesse do leitor será.

látrico – Servidão humana, a seu ver, do que trata?

S.M. – É o melhor estudo já feito sobre a solidão, modéstia à parte. Solitários do mundo leiam-me! E, pelo menos, experimentem uma fatia da vida.

látrico – Gostamos de ser desconcertantes. Que sentido tem a vida?

S.M. – Nenhum. Tá vendo seu mal-estar? O feitiço virou contra o feiticeiro. A vida é uma piada cósmica. Só a partir daí podemos lidar e rir dela, o que é o máximo de sanidade possível.

“DIZIAM TAMBÉM QUE ERA UM AUTOR DESIGUAL. ORA, A REALIDADE TAMBÉM NÃO O É? E A ESSÊNCIA DE QUALQUER CONTO NÃO É JUSTAMENTE A REALIDADE? NÃO EXISTE CONTO BOM QUE NÃO SEJA BASEADO NA REALIDADE.”

látrico – O senhor costumava dizer que o dinheiro era o sexto sentido, sem o qual não se consegue desfrutar os outros cinco. Foi por isso que abandonou a Medicina?

S.M. – *Chi lo sa?* Talvez por ser gago e não querer me expor ao ridículo. Mas foi bom, aprendi muito. Ouvi muitas histórias, desenvolvi os ouvidos. O resto ficou por conta da cultura livresca e da rica experiência de vida adquirida com viagens a todos os continentes e mares. E, claro, tinha que revelar também um pouco da honestidade britânica.

látrico – O senhor não foi muito pessimista em sua obra?

S.M. – Meu filho, o homem não é como gostaria de ser; tampouco como gostaria de ser apreciado pelos seus próximos. Essa tal elevada conduta moral é mero pretexto hipócrita para fazer bandalheiras. Ser bandalho na vida é a história natural da maioria. As mulheres são assim, os homens são assim, a vida é assim. Só interesses imediatos. Não sou ilusionista nem na ficção. Tenho um póster (que vocês estão elogiando nesta edição, o Dalton Trevisan; grande contista como eu, desenvolveu o nanoconto.) que

está comigo e não abre. Se você não gosta da realidade, tente mudá-la para ver se consegue. Agora, pelo menos, reconhecendo-a, pode aprender a lidar com a mesma. E não ficar chorando suas pitangas, ser um alienado.

“SE VOCÊ NÃO GOSTA DA REALIDADE, TENTE MUDÁ-LA PARA VER SE CONSEGUE. AGORA, PELO MENOS, RECONHECENDO-A, PODE APRENDER A LIDAR COM A MESMA. E NÃO FICAR CHORANDO SUAS PITANGAS, SER UM ALIENADO.”

látrico – Sou uma pessoa sensível, o senhor está me deixando mal...

S.M. – Ora bolas, se veio me entrevistar agüente a parada. Sua *“la vie en rose”* já era. Está bem crescidinho, não pode continuar inocente. Corre o risco de se transformar em um inocente útil.

látrico – É talvez... a propósito estou me lembrando daquele conto, Chuva...

S.M. – Isso, tá melhorando. Então deve se lembrar que o ministro protestante torturava uma prostituta para convertê-la, a tal metanóia, manja? Ocorre que sucumbe à sedução dela. Como corolário (adoro essa palavra) tem que se suicidar. Foi uma bela sátira contra o moralismo cego. E ainda hoje, vira-e-mexe a televisão mostra esses senhores ultramoralistas com a boca na botija. Surubentos.

látrico – Mas que desbocado, como conseguiu entrar no céu?

S.M. – O comitê celestial quer o aperfeiçoamento na terra, certo? Pois é lancetando esses abscessos da moralidade hipócrita que podemos evoluir. E não brincar de faz-de-conta. Foi o que fiz. E de minha parte paguei todos os preços possíveis, até o da indiferença da crítica. Mas consegui que muitos olhassem ao redor com meu insistente ceticismo. Lembre-se que sou da tradição do *estoicismo ético*. Então olhe, há apenas uma coisa sobre a qual tenho certeza: há muito pouca coisa sobre o quê se pode ter certeza.

látrico – Uih, doeu...

S.M. – Não seja vulnerável, o pá! Sempre quis mostrar a meus semelhantes um homem em toda verdade natural, e esse homem fui eu. Como entrei no céu sendo um agnóstico? A conseqüência prática do agnosticismo é que você age como se Deus não existisse. Você tem que produzir sua própria âncora moral. E Deus apreciou.

látrico – Óquei, então objetivamente falando, o conhecimento é útil?

S.M. – Todo o conhecimento é útil. Como o fundamento da moral é a utilidade, é possível afirmar que a utilidade do conhecimento é o que o torna ético, por definição. Nesse

sentido, não há conhecimento inútil, já que a ação de conhecer está voltada para proporcionar saúde, segurança, prazer e satisfação à sociedade.

lâtrico – Nossos leitores procuram algumas verdades definitivas...

S.M. – Todos os que procuram verdades definitivas são orgulhosos ou tolos. Dotados dessa ambição de conhecimento vivem tropeçando em si mesmos sem dar conta do jardim que está ao alcance de cada um para ser cultivado.

lâtrico – Como conseguiu inventar tanta coisa?

S.M. – Porque sou fraco de memória. Nunca posso guardar uma boa anedota sem ouvi-la duas vezes, e depois esqueço-a antes que se apresente uma oportunidade de passá-la adiante. Nem mesmo as minhas piadas consigo recordar de modo que sempre me vejo obrigado a inventar novas.

lâtrico – É necessário um elevado índice de inteligência para governar uma nação?

S.M. – Conheci eminentes estadistas sem nenhuma capacidade notável. Apoucados de inteligência, de sutileza de espírito, mal informados sobre as coisas ordinárias da vida e sem imaginação. Pensei, então, que seus méritos fossem os dotes oratórios. Já que numa comunidade democrática é quase impossível subir ao poder sem alcançar o ouvido público. Mas o dom da palavra nem sempre vem acompanhado do poder de pensamento. O fato é que não é preciso nada disso para gerir bem os negócios públicos. É necessário um dom específico. Igual ao de homens de negócios que fizeram grandes fortunas e conduziram vastas empresas à prosperidade, mas que se mostravam desprovidos até de bom senso em tudo quanto não se referisse ao seu ramo. Vocês, médicos, também devem ficar em-

basbacados com algumas coisas em que os pacientes acreditam.

lâtrico – Então, com os líderes mundiais que temos no momento nem tudo está perdido?

S.M. – É forçoso dizer que, às vezes, a única utilidade da cultura é para que se digam tolices com distinção. Agora devo lhe dizer: há tempo que não veio um líder importante dizer uma frase digna de ser repetida. Com frequência, por trás de qualquer celebridade, política ou não, há um homem interior vazio. Aliás, se quer saber, gostaria mais de passar um mês numa ilha deserta com um veterinário do que com um primeiro-ministro ou presidente.

lâtrico – O médico é livre?

S.M. – Na Medicina, ou no Direito, servem outros exemplos, temos a liberdade de escolher ou não uma dessas carreiras, mas uma vez feita a escolha, adeus liberdade!

Estamos amarrados pelas regras da nossa profissão: impõe-nos um padrão de conduta. A norma está predeterminada. Só o artista pode fazer o que quer. Apesar dessa necessidade ética, outra coisa: é bom não esperar muito dos outros. Podemos, assim, ficar agradecidos quando nos tratam bem, mas imperturbáveis quando nos tratam mal.

lâtrico – O senhor foi longo, qual a receita?

S.M. – À parte a genética, há uma curiosidade. Basta você ler os necrológios do *Times*, ou de qualquer grande jornal, para verificar que os sessentões são os mais vulneráveis. Por isso, vá pondo suas barbas de molho. Passada essa década, a aposentadoria é risonha e franca...

“TODOS OS QUE PROCURAM VERDADES DEFINITIVAS SÃO ORGULHOSOS OU TOLOS. DOTADOS DESSA AMBIÇÃO DE CONHECIMENTO VIVEM TROPEÇANDO EM SI MESMOS SEM DAR CONTA DO JARDIM QUE ESTÁ AO ALCANCE DE CADA UM PARA SER CULTIVADO.”

látrico – O senhor pensa ter sido uma pessoa importante?

S.M. – Na verdade o fui... para mim mesmo. Sempre tive certa confiança no meu instinto. Sempre tive convicções. Mas nunca tentei persuadir ninguém; fui desprovido de instinto pedagógico. Mas sempre quis compartilhar minhas histórias, que foram minhas convicções, como coisas importantes.

látrico – Qual o *nec plus ultra*, o manjar dos deuses, para um homem que se tornou tão refinado a ponto de ter pra si o melhor cozinheiro da França? Se é que é verdade!

S.M. – Poucas coisas são tão gostosas como uma batata com casca, com bastante manteiga, pimenta e sal. Com um assado, obviamente. O vinho deixo por conta do escanção.

látrico – Essa iguaria é servida no céu?

S.M. – Do céu não posso falar. Decoro espiritual. Vocês não atingiram nem o parlamentar... Adeusinho...

látrico – Espere, espere... Alguma recomendação aos nossos médicos?

S.M. – Tenham agudo poder de observação, muito senso lógico, um pouco de imaginação e, se escreverem, sejam claros, simples e eufônicos. E tenham certa vivacidade. Lembrem-se: simplicidade e naturalidade são a verdadeira marca da distinção. Mais uma vez, adeusinho.

látrico – É verdade que a boa prosa é como a roupa de um homem bem vestido, apropriada mas discreta?

Infelizmente não obtivemos mais resposta. Já tinha saído de sintonia. É por isso que digo aos meus amigos espíritas por que não posso sê-lo: falta-me a necessária presença de espírito. Coisas de um pobre mortal. Esperamos que tenham apreciado este contato com um doutor de histórias. ☺



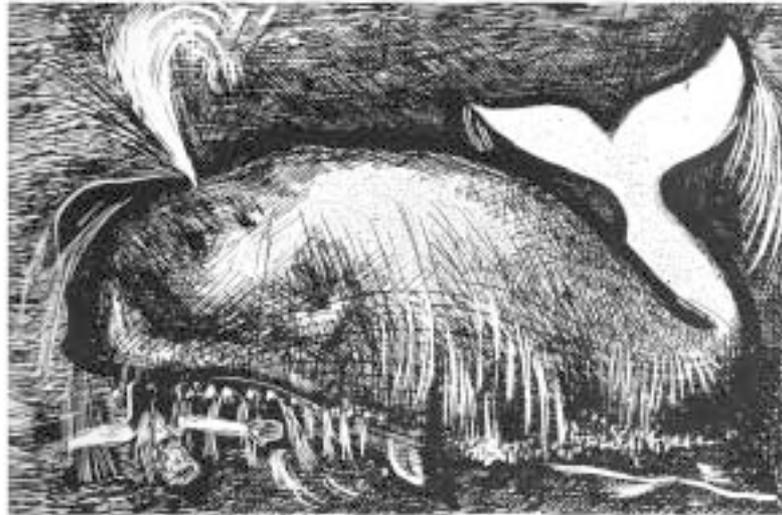
Excertos do Dr. W. Somerset Maugham

Pois ali eu me achava em

contato com o que mais desejava, a vida em bruto. Naqueles três anos devo ter testemunhado quase todas as emoções a que o homem é capaz. Aquilo tudo falava ao meu instinto dramático. Provocava a minha vocação de romancista. Mesmo agora que já são passados quarenta anos, ainda recordo certas pessoas tão exatamente que poderia desenhá-las. Frases que então ouvi, ainda ressoam em meus ouvidos. Vi como os homens morrem. Vi como suportam o sofrimento. Vi a expressão da esperança, do medo, do alívio; vi as negras linhas que o desespero desenha numa face; via a coragem e a firmeza. Vi a fé brilhar nos olhos daqueles que acreditavam no que eu apenas considerava uma ilusão, e vi o desafio que faz com que o homem acolha o prognóstico de morte com um gracejo, por ser demasiado orgulhoso para deixar que os circunstantes vejam o terror de sua alma.

•••••

Sabia que o sofrimento não enobrece; degrada. Torna os homens egoístas, mesquinhos e desconfiados. Não os torna mais do que homens; torna-os menos do que homens; e eu então escrevi ferozmente que aprendemos a resignação, não pelos próprios sofrimentos, mas pelos



sofrimentos dos outros.

•••••

Foi tudo uma valiosa experiência para mim. Não sei de melhor treino para um escritor do que passar alguns anos na profissão médica.

•••••

Creio que se pode aprender muito da natureza humana no escritório de um advogado; mas ali em geral temos de lidar com os homens em pleno domínio de si mesmos. Mentem talvez tanto como mentem para o médico, mas mentem com mais firmeza, e pode ser que para o advogado não seja

“SABIA QUE O SOFRIMENTO NÃO ENOBRECE; DEGRADA. TORNA OS HOMENS EGOÍSTAS, MESQUINHOS E DESCONFIADOS. NÃO OS TORNA MAIS DO QUE HOMENS; TORNA-OS MENOS DO QUE HOMENS.”

tão necessário conhecer a verdade. Além disso, os interesses com que lida o advogado são geralmente de ordem material. Ele vê a natureza humana de um ponto de vista especializado. Mas o médico, principalmente o médico de hospital, a vê em toda a sua nudez. As reti-

“A RESERVA É UMA QUALIDADE ARTIFICIAL QUE SE DESENVOLVE EM NÓS COMO RESULTADO DE INUMERÁVEIS CONTRAS. O MÉDICO É DISCRETO. SEU OFÍCIO É ESCUTAR, E NENHUM PORMENOR PODE SER DEMASIADO ÍNTIMO PARA OS SEUS OUVIDOS.”

cências podem geralmente ser desmascaradas; geralmente não há nenhuma. Pois na maioria das vezes o medo destrói qualquer defesa; até mesmo a vaidade solapada por ele. Grande parte das pessoas tem um furioso desejo de falar de si mesmas, e apenas são detidas pela pouca vontade dos outros em

escutá-las. A reserva é uma qualidade artificial que se desenvolve em nós como resultado de inumeráveis contras. O médico é discreto. Seu ofício é escutar, e nenhum pormenor pode ser demasiado íntimo para os seus ouvidos.

• • • • •

Não diria que os anos passados no hospital de S. Tomás me deram um conhecimento completo da natureza humana. Suponho que ninguém poderá ter esperanças de consegui-lo. Há quarenta que, consciente ou inconsciente, eu a venho estudando, e ainda encontro homens inexplicáveis.

• • • • •

Não tenho fé nos outros. Sou mais inclinado a esperar

o mal da parte deles do que o bem. É o preço que se tem de pagar por possuir o senso de humor. O senso de humor nos leva a divertir-nos com as discrepâncias da natureza humana; leva-nos a desconfiar das grandes atitudes e a procurar os indignos motivos que elas ocultam; diverte-nos a discordância entre aparência e a realidade e, quando não a encontramos, estamos prontos a criá-la. Estamos predispostos a fechar os olhos diante da verdade, da beleza e da bondade, porque não oferecem alimento para o nosso senso do ridículo. O humorista tem um instantâneo olhar clínico para descobrir o embusteiro; mas nem sempre reconhece o santo.

• • • • •

O humor ensina a tolerância, e o humorista, com um sorriso e talvez com um suspiro, é mais inclinado a dar de ombros que a condenar. Ele não moraliza, contenta-se em compreender; e, na verdade, compreender é compadecer-se e perdoar.

• • • • •

Em direito, medicina e política, são da maior utilidade um espírito claro e compreensão da natureza humana. 

PALAVRAS DE ENTREVISTADO

“As idéias-raízes da poesia são: o amor, a morte e o destino.”

W.S. Maugham

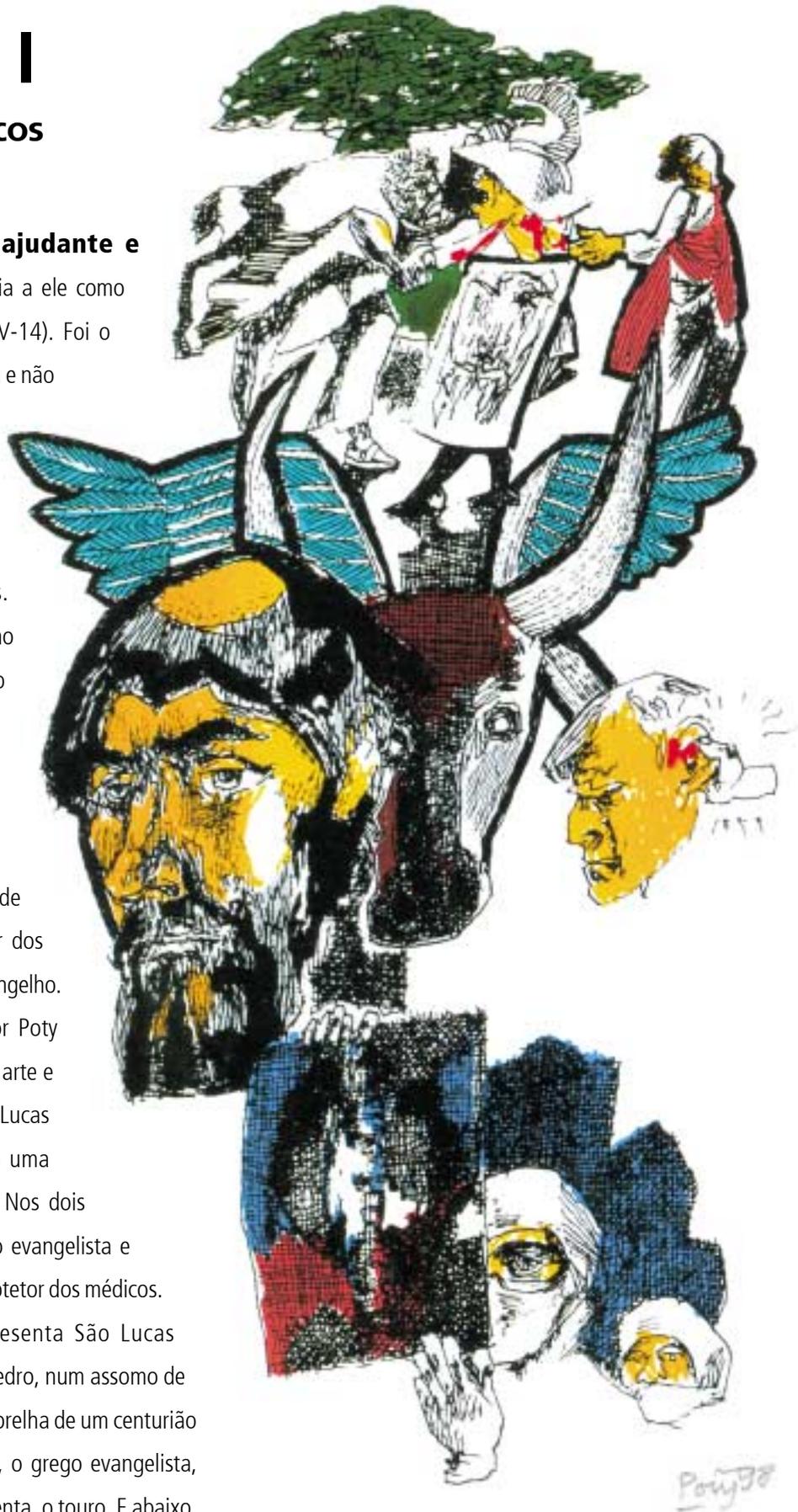
São Lucas I

Protetor dos Médicos

São Lucas foi discípulo, ajudante e

amigo de São Paulo, que se referia a ele como "amado Lucas, o médico" (Col. IV-14). Foi o único evangelista que não era judeu e não conviveu com Cristo. Nascido em Antioquia, pertencia ao mundo grego. Escrevia em grego de uma forma elegante e cultivada, apesar de extremamente simples. Converteu-se ao Cristianismo no ano de 42 de nossa era, quando Paulo esteve em Antioquia para pregar a nova religião. Passou a acompanhar o apóstolo Paulo em todas as suas viagens, sempre pregando a fé cristã e sofrendo toda a sorte de perseguições. São Lucas é o autor dos *Atos dos Apóstolos* e do terceiro Evangelho.

Os últimos desenhos feitos por Poty para o Solar do Rosário (espaço de arte e cultura, em Curitiba) tiveram São Lucas como tema. Sentimos nessa obra uma volta às histórias em quadrinhos. Nos dois desenhos São Lucas aparece como evangelista e médico, uma vez que o santo é o protetor dos médicos. No primeiro desenho, Poty apresenta São Lucas narrando uma cura de Jesus: São Pedro, num assomo de ira protetora ao mestre, lancetou a orelha de um centurião romano. Cristo a recolocou. Lucas, o grego evangelista, aparece com o animal que o representa, o touro. E abaixo, o louvor à medicina moderna e seus recursos técnicos.

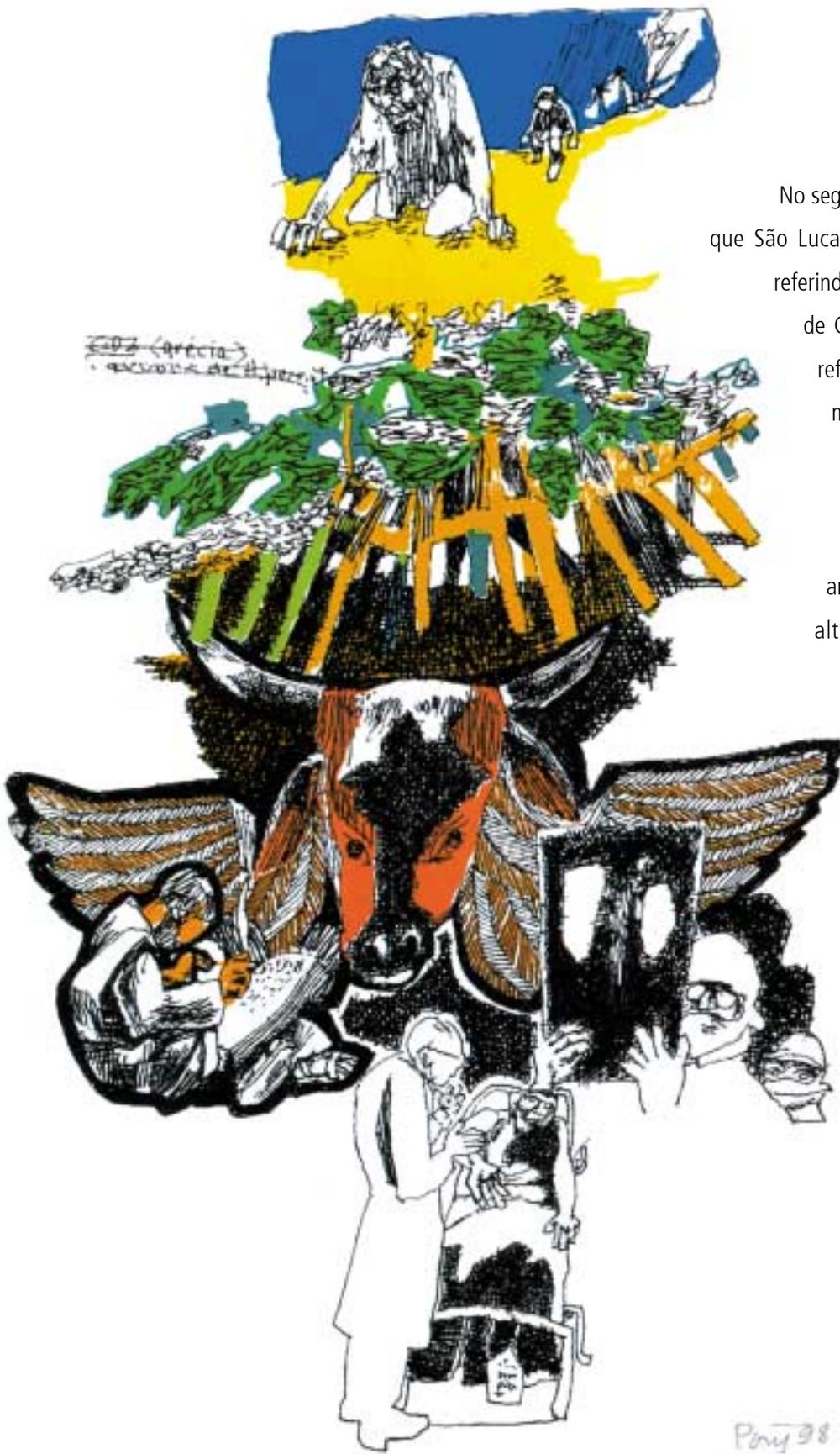


São Lucas II

Protetor dos Médicos

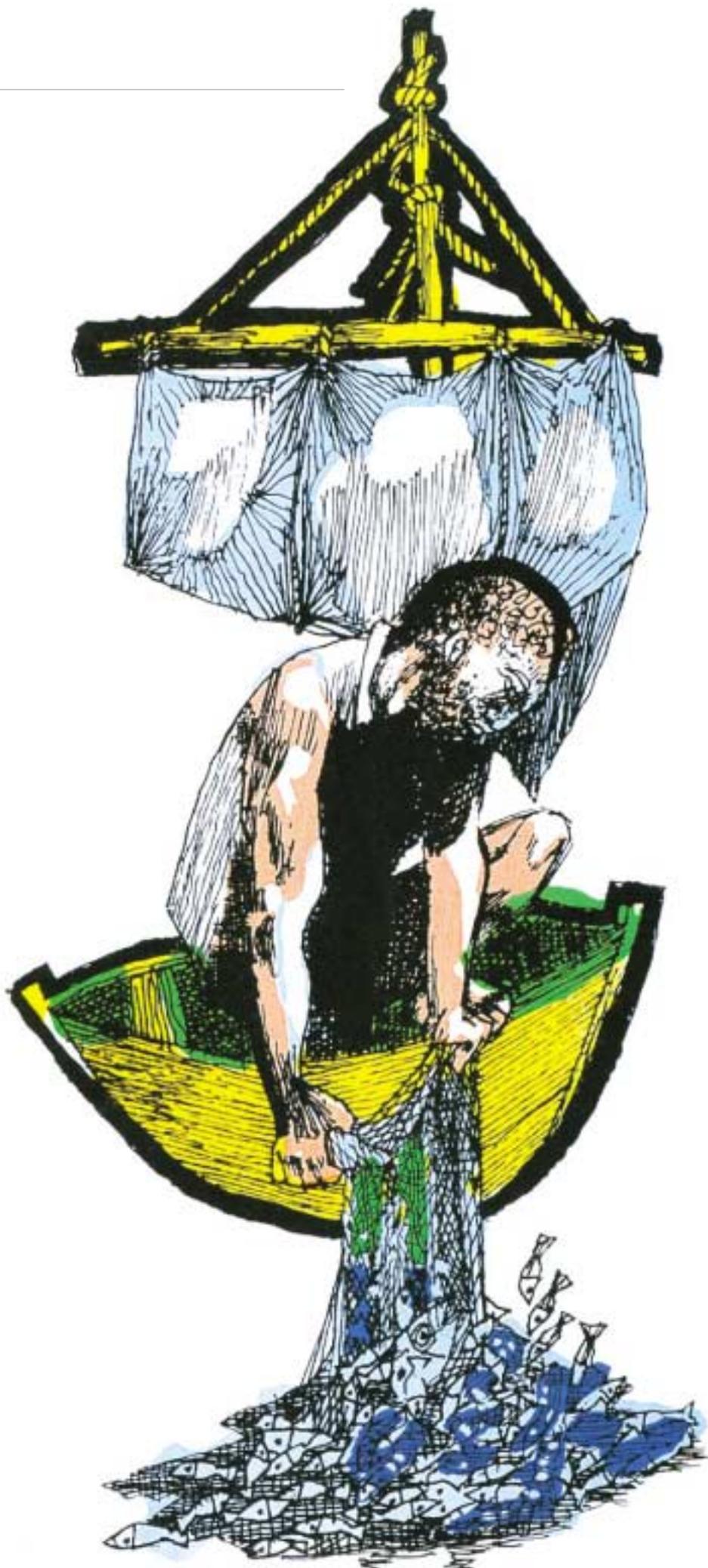
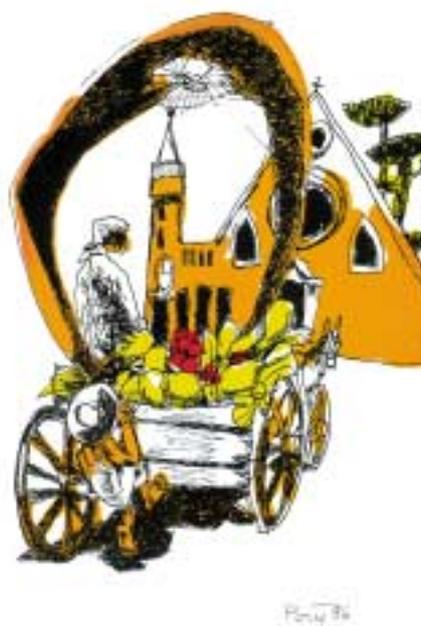
No segundo desenho, Poty desenha o naufrágio que São Lucas sofreu na Ásia Menor. Logo abaixo, referindo-se à medicina, desenha a árvore na ilha de Coz, na Grécia, lugar onde, conforme as referências históricas, Hipócrates, o maior médico da Antiguidade, por volta do ano 400 antes do nascimento de Jesus Cristo, escreveu o juramento do médico.

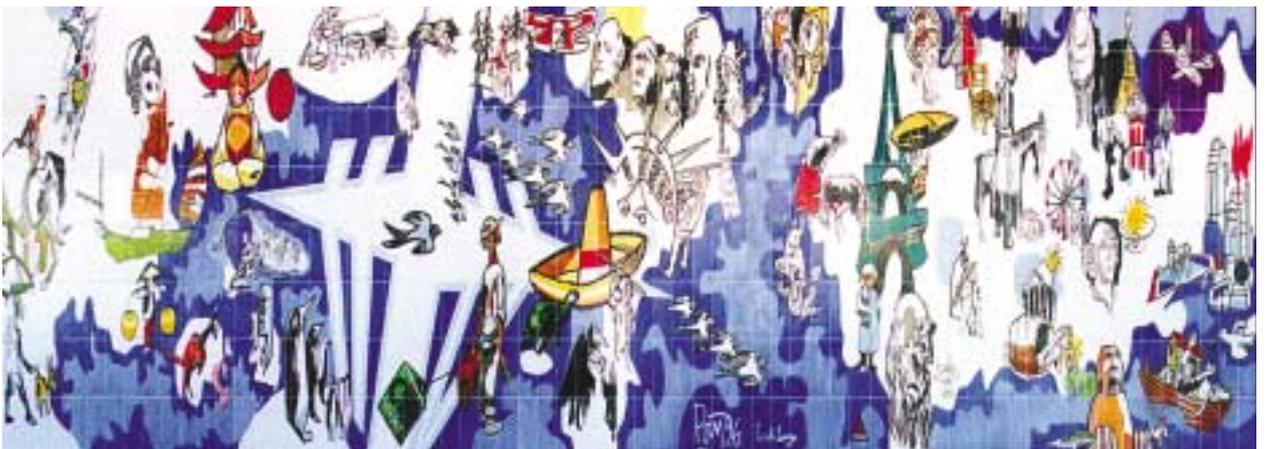
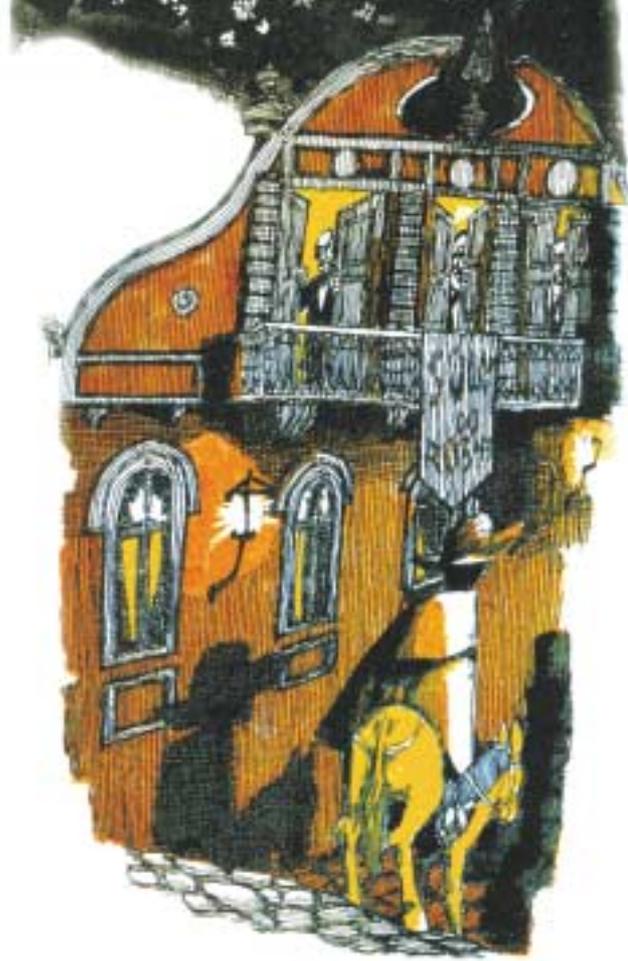
Poty contava que esteve sob essa antiga árvore, que para manter-se de pé e altiva está sustentada por estacas. Mas voltemos à nossa era. Lucas, protegido pelo touro, escreve o Evangelho de São Lucas. E abaixo, Poty registra cenas da medicina dos nossos dias.



(textos extraídos da obra
Poty, o lirismo dos anos 90,
por Regina de Barros Correia
Casillo, Solar do Rosário, 2000)

Isto é Poty





O Médico e o Monstro

O médico vive em toda sua visceralidade a

dicotomia do bem e do mal. Consultórios, ambulatórios e hospitais são pródigos em exemplos diários. Conflitos entre casais, pais e filhos, entre irmãos, ou pacientes que por terem um seguro-saúde se comportam com a arrogância dos déspotas não esclarecidos, esquecidos que a boa educação é dever de todos. Ou pacientes serenos que têm familiares pra lá de desastrados, exigindo para si o indevido e aprontando gritarias e xingamentos sem sentido. Ou pacientes polares, tipo bem-me-quer e mal-me-quer, que ora te amam, ora te odeiam. Ou pacientes que têm a convicção de que você, colega, praticou um milagre. Aliás, tudo o que não se entende pode virar mágica, daí ao milagre é um passo. Ou aquele paciente ou familiar — sempre começa com uma única pessoa — que tem certeza que você foi iatrogênico, culpado de todas as complicações. A maioria fica apenas com raiva, alguns te processam. Claro que, entre os últimos, alguns te vêem somente como uma herança a resolver os problemas futuros de toda a família. E há, sem dúvida, alguns colegas que também praticam o inominável. Enfim, há de tudo, balançando entre o bem e o mal, ou fundido, ou seja, indistinguível.

Certa vez, durante uma visita noturna a paciente internado, ouvi uma gritaria num corredor e me aproximei. Um velho professor de meu apreço, flor de pessoa como se costumava dizer, encurralado por uma família que, em altos brados, só não o xingava de santo (e olhem que ele cortejava a santidade!). Aquela imagem de pessoa idosa, queda, acuada, qualquer que fosse o motivo ou não-motivo, submetida à humilhação dos maiores impropérios é coisa que vira-e-mexe me aparece como se fosse um estresse pós-traumático. Fiquei condoído por dias. E, não menos importante, alguns ricos que pensam poder o dinheiro comprar tudo: diagnóstico, tratamento e, principalmente, o médico.



Por que tudo isso ocorre? Infelizmente faz parte da natureza dupla do homem. A introdução do processo civilizatório é sempre parcial e ativa por toda a vida. O cerne irracional, egoísta e irreduzível que nos habita, quer sempre colocar as manguinhas para fora. Por isso, a luta contra o mal é uma pugna sem tréguas. O diálogo entre o doutor Jekyll, o bom, e o senhor Hyde, o assassino, pode tornar-se impossível em face da eventual autonomia do mau. Uma luta titânica que pode levar à destruição mútua como na obra do escritor escocês. Não à toa, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, 1886, mais conhecido entre nós como *O Médico e o Monstro*, tornou-se um “case” psiquiátrico para estudo de dupla personalidade. Mas o bem e o mal coexistindo de forma branda é coisa nossa do cotidiano, com a qual precisamos aprender a lidar.

Os jovens médicos que agora se iniciam na prática autônoma fariam muito bem se lessem essa obra. É uma bela reflexão sobre a mistura de sentimentos que acomete os pobres mortais. E não precisa estar fazendo terapia para se beneficiar dessa leitura. E mais, é um livro fino que você lê de uma sentada, e fica sabendo quem morreu a bengaladas, de quem era a bengala, a perplexidade da investigação e o desfecho, se é que existe. Afinal, embora sejamos Jekyll, todos temos uma pitada de Hyde. Você não tem? liih, começo a desconfiar... 📖

Os Quatro Grandes (The Big Four)



Por ocasião de sua morte em 1873, deixou em testamento 7.000.000 dólares para estas duas instituições recém-criadas. Posteriormente, em 1928, pela avaliação de Jacob Hollander, professor de economia da J.H. University, corresponderiam ao equivalente a 100.000.000 de dólares.

Gillman e Billing já nos primeiros anos da nova Instituição conceberam que neste Hospital e Escola de Medicina seria priorizado o ensino de qualidade superior e que os melhores treinandos tornar-se-iam os novos profissionais e pesquisadores, visando sempre a excelência. O Hospital John Hopkins

Em 1795 nasceu em Baltimore, de uma família

de produtores de tabaco "quaker", *John Hopkins* que, na

"O HOSPITAL JOHN HOPKINS (JHH) FOI CONCLUÍDO EM 1889, DEPOIS DE 13 ANOS DE CONSTRUÇÃO, SENDO BASICAMENTE FINANCIADO PELO APORTE DE DINHEIRO TESTAMENTADO POR SEUS DOADORES."

sua seqüência de vida, tornou-se grande comerciante e investidor. Pelo seu espírito idealista criou uma "Sociedade de Amigos", um grupo de doze pessoas direcionadas à criação de uma universidade com hospital

(JHH) foi concluído em 1889, depois de 13 anos de construção, sendo basicamente financiado pelo aporte de dinheiro testamentado por seus "doadores".

Entre os primeiros professores admitidos à nova escola devemos citar *William Welch* (1850-1939), seu professor de Patologia. O mesmo fora graduado em New York pelo "College of Physicians and Surgeons" e seguira para a Alemanha com a determinação de especializar-se em Patologia e Bacteriologia em Leipzig sob a supervisão, entre outros, de Von Recklinghausen, Ludwig e Cohnhein.

Ainda em Leipzig foi convidado por John Show Bol-kings de Baltimore para auxiliar na organização do Hospital

e do Curso de Medicina. Retornando aos Estados Unidos organizou o laboratório com diversos assistentes.

No ano seguinte à abertura de seu laboratório, 1886, criou o primeiro programa para treinamento para graduados e admitiu 16 médicos no seu laboratório de Patologia.

Como tivesse grande dificuldade para levantar-se pela manhã, pois considerado uma “coruja excêntrica”, algumas vezes faltava a suas lições matinais. No entanto, mantinha sempre uma afável proximidade com os seus assistentes, que o substituíam, recebendo o apelido de “Popsy”.

Seu grande legado foram os cientistas Walter Reed, James Cardl e Jessé Lazear, por ele treinados, e que comprovaram a transmissão da Febre Amarela por mosquitos.

Nos anos como professor, Welch tornou-se um grande propagador da necessidade de uma boa qualidade na educação médica americana. Em 1916, fundou a primeira Escola de Saúde Pública no Hospital JH e, dez anos depois, o Instituto de História da Medicina, que está agora situado na biblioteca que leva o seu nome. Já havia, em 1904, participado de modo direto na criação do Instituto Rockefeller para a Pesquisa Médica e do Jornal de Medicina Experimental.

William Osler (1848-1919), britânico-canadense, estudou na McGill University no Canadá seguindo depois o périplo Filadélfia, Londres, Berlim e Viena. Foi admitido no JHH em 1888, e no correr dos anos seguintes tornou-se o grande nome da Medicina Interna.

Sua grande contribuição à Medicina foi a instituição das Residências Médicas, idéia e prática que se espalhou mundialmente.

Wilbert Davisson, que leu e resumizou mais de 400 artigos sobre Osler, chega à conclusão que ele era vívido, brilhante e tinha um grande discernimento como médico, era caloroso com os pacientes e estudantes, além de ser

excelente orador e escritor.

Em 1905 Osler deixou Baltimore e mudou-se para Oxford, Inglaterra, para tornar-se Régio Professor de Medicina. Seu livro “Os Princípios e a Prática da Medicina”, editado em 1892, teve sucessivas edições e foi de extrema influência para o ensino médico.

Seu esquema de estrutura piramidal para a residência médica, contendo internos, assistentes residentes e um residente-chefe, é ainda hoje mantido em muitas instituições médicas.

William Halsted (1852-1922), professor de Clínica Cirúrgica, foi um filósofo, investigador e grande cirurgião. Veio para o JHH em 1889, pois era conhecido como um cirurgião cuidadoso e meticuloso por seus cuidados no tratamento dos tecidos e dos sangramentos. Tornou-se notável sua longa batalha contra seu vício em morfina.

Em vista desse problema, Osler dizia que Halsted não era capaz de reduzir para menos de três grãos (um grão= 64,8mg; medía-se assim) por dia e que dessa maneira o mesmo seria capaz de trabalhar confortavelmente e manter-se em excelente vigor físico.

Halsted revolucionou a cirurgia e insistia na melhoria da técnica associada à rapidez, contra o emprego da força. Desenvolveu novas cirurgias para o estômago, vesícula biliar, reparo de hérnias, doenças da tireóide, intestinos e a mundialmente conhecida “cirurgia de Halsted” para o tratamento do câncer mamário.

Foi ele que solicitou à Goodyear Rubber Company que produzisse luvas de látex para a proteção das mãos de sua enfermeira e futura esposa Caroline Hampton, que apresentava reações cutâneas ao cloreto de mercúrio, obtendo o resultado desejado. Seus assistentes passaram

“HALSTED REVOLUCIONOU A CIRURGIA E INSISTIA NA MELHORIA DA TÉCNICA ASSOCIADA À RAPIDEZ, CONTRA O EMPREGO DA FORÇA.”

a usá-las e julgaram que estas os deixavam mais hábeis nas cirurgias, embora não tivessem idéia de que esse procedimento pudesse propiciar melhor assepsia e evitar a disseminação de patógenos.

Howard Kelly (1858-1943) foi o quarto dos grandes professores a ser contratado para a Cátedra de Ginecologia e Obstetrícia. Foi apontado por William Osler como professor em 1889 e, nessa ocasião, tinha somente 31 anos de idade. Osler o observara como hábil cirurgião na Universidade da Pennsylvania. Também Kelly criou um “staff” de assistentes e residentes muito dedicados.

Kelly tornou-se conhecido por suas habilidades e conhecimentos, e pela fluência em diversas línguas: alemão, francês e espanhol; e ainda lia o grego moderno e as escrituras sagradas em grego antigo e hebraico.

Como médico criou vários instrumentos cirúrgicos, como pinças, e até o cistoscópio para exame urológico. Foi um dos precursores no emprego do rádio para o tratamento

das neoplasias ginecológicas malignas, pois recebeu uma “semente de rádio” diretamente de Marie Curie.

Foi também o pioneiro no uso de fios de sutura absorvíveis nas cirurgias e criou o Departamento de Arte Aplicada à Medicina do JHH, tendo trazido o desenhista Max Broedel da Alemanha.

Era um serpentologista amador e criava grande variedade de cobras. Foi reformista social.

Em análise, podemos observar que os quatro grandes mestres com suas mentes prodigiosas foram essenciais à criação das universidades. O curso médico exige a dedicação, às vezes

de poucos, para sua conveniente estruturação.

Spencer, em notável alocução dirigida aos seus colegas do Colégio Americano de Cirurgiões, em 1990, salientou que nos Estados Unidos, pesquisas de opinião revelaram que a estima do público pelos médicos vem diminuindo sensivelmente a cada ano. As causas não são de ordem científica ou tecnológica, mas se referem ao comportamento dos médicos no exercício da profissão. Na ótica desses cidadãos americanos, e para resumir, o lado humanitário da profissão vem sendo esquecido.

A medicina é uma profissão exercida individualmente; pacientes são vistos e tratados um a um. Portanto, não se pode desprezar o impacto da atitude pessoal do médico no trato com os enfermos, independente das técnicas que empregue. Os médicos e suas instituições profissionais não podem eximir-se de suas próprias responsabilidades. E como muito bem analisou Spencer: “Ciência só não resolve”. Esta tem sido mais eficaz do que nunca para diagnosticar e tratar doenças, mas se mostra ineficaz para oferecer o calor humano que todo doente precisa. Spencer, que ardorosamente defendeu o compromisso com o paciente como essencial para o exercício da profissão, cita Osler várias vezes em seu artigo para ilustrar como o cuidado gentil e sinceramente dirigido ao homem doente é a parte mais nobre da profissão médica.

De fato, é hora de invocar o espírito de Osler, seguir-lhe o exemplo, exercer a medicina com amor fraternal, visando mitigar o sofrimento em primeiro lugar. Tal conduta, independente de tudo o mais, ajudará a resgatar o bom nome da nossa profissão. Isto é também a essência do mito Osler, que cem anos depois continua a ser uma inspiração para todos.

Dr. Mauri Piazza (PR).

“EM ANÁLISE, PODEMOS OBSERVAR QUE OS QUATRO GRANDES MESTRES COM SUAS MENTES PRODIGIOSAS FORAM ESSENCIAIS À CRIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES. O CURSO MÉDICO EXIGE A DEDICAÇÃO, ÀS VEZES DE POUCOS, PARA SUA CONVENIENTE ESTRUTURAÇÃO.”

está preso, mas faço de conta que ele está muito distante, a trabalho, e que um dia ele vai voltar pra casa, quando teremos muita comida na mesa, muitos brinquedos espalhados pela casa, e tanto eu quanto minha irmã indo e vindo do colégio, sem que eu precise mais vender panos de pratos ou ela o seu corpo pra termos um pouco de dinheiro em casa. Mas só faço de conta. São coisas que imagino mas não consigo entender porque elas não podem ser diferentes, verdadeiras.

Naquele momento chegou o entregador de pizzas com um rastro de cheiro apetitoso. Com os olhos marejados, entreguei tudo aquilo na mão do menino, desliguei meu computador e fui para meu apartamento com a lembrança

“(...)NA VERDADE, DA VERDADE CONTINUA A SUBSISTIR UNICAMENTE O MÍNIMO NECESSÁRIO PARA ASSEGURAR A VIDA; ESTA, QUE IRONICAMENTE É PERMEADA POR TANTAS MENTIRAS, CHAMAMOS DE SOCIAL.”

do sorriso alegre estampado no rosto daquele garoto, que jamais esquecerei, e com a certeza de vivermos num mundo insensato, cheio de simulações, dissimulações e de faz-de-conta, enquanto a cruel verdade que nos rodeia é outra e

continuamos a fazer de conta que não a percebemos.

Amigo leitor, não se apoquente. Nada disso aconteceu. Esta pequena história foi fantasiosamente construída para mostrar que se pode extrair uma mensagem verdadeira através de mentiras. Como diria o escritor peruano Mario Vargas Llosa, “uma obra, mesmo que de ficção, pode encarnar a subjetividade de uma época, e por isso, ainda que cotejada com a história, pode comunicar verdades fugidias e evanescentes, mesmo através de mentiras”. E isso, concludo, porque o problema no mundo ainda persiste: na verdade, da verdade continua a subsistir unicamente o mínimo necessário para assegurar a vida; esta, que ironicamente é permeada por tantas mentiras, chamamos de social. Pense nisso!

Celso Luiz Prevedello (PR).

DIÁLOGOS (IM)PERTINENTES

Agenda

Janeiro, volta de férias que, como sabemos, trazem dificuldades de adaptação transitória ao trabalho, o psicoterapeuta recebe telefonema de potencial paciente:

- Doutor, quero marcar uma consulta.
 - Pois não, com quem falo?
 - Esperança Céler. Quanto a consulta?
 - Fazemos a primeira entrevista e estabelecemos horários e honorários, tá bem?
 - Não, preciso saber, disseram-me que você é muito caro.
 - São quatrocentos a sessão.
 - O quê, tudo isso? Não dá pra deixar mais barato?
 - Não, esse é o preço mínimo.
 - Mínimo? É caro pra chuchu, não vale isso!
 - Então, minha senhora, passe bem.
 - Não, não. Não desligue. É fácil estacionar?
 - Tem estacionamento próximo.
 - Ah, quer dizer que tenho que pagar também pro carro?
 - É isso. Respondeu o terapeuta exasperado e contrafeito.
 - E tem onde deixar minha filha?
 - Isto aqui é um consultório, minha senhora, não é creche.
 - E como faço com Lurdinha?
 - Problema seu. A sessão é individual e não atendo crianças.
 - Ah, tá! Pode marcar então...
- O terapeuta folheando proposital e ostensivamente as folhas da agenda, como um sonoplasta amador, responde:
- Deixe-me ver... Tenho uma vaga às 18h do dia 24 de dezembro.
- Fez-se um silêncio curto... e a outra voz tartamudeou:
- Então... pode marcar.

MORAL: NUNCA SUBESTIME A IRRACIONALIDADE HUMANA.

Memes

Transaminases acima de 1.000 u/l estão associadas a hepatite. Viral, tóxica, induzida por drogas ou por isquemia. Quando associadas a drogas, o prognóstico é reservado. Exceção: acetaminofeno; nessa, quase sempre há recuperação.

Na hepatite alcoólica as transaminases raramente excedem 500 u/l. Sendo a elevação de AST maior do que ALT numa proporção superior a 2:1.

Pacientes com crises recorrentes de abdome agudo podem ter a dor explicada por origem metabólica. Não raro, têm cicatrizes cirúrgicas por laparotomias ou laparoscopias negativas. Pense em porfiria intermitente aguda, febre familiar do mediterrâneo, deficiência de C1 esterase associada a angioedema, intoxicação por chumbo, cetoacidose ou vasculites.

Hipotensão em repouso ou ortostática, dor abdominal e vômitos, depois de iniciada reposição hormonal para hipotireoidismo sugere características de insuficiência adrenal.

Pré-eclâmpsia no primeiro trimestre de gravidez deveria indicar o diagnóstico de mola hidatiforme (doença trofoblástica da gestação).

Hemorragias perifoliculares com cabelos em saca-rolhas pense em escorbuto.

Atualmente uma das principais causas de endocardite infecciosa é a subutilização da profilaxia nos pacientes de alto risco.

Em negros a escarlatina pode ser um desafio diagnóstico por ser o eritema menos nítido. Para superar a dificuldade note se a pele à palpação tem característica arenosa, petéquias lineares na fossa antecubital e petéquias no palato, a língua em framboesa, a palidez circumoral e a descamação da pele.

Pacientes com tosse refratária que apresente aumento de

glândula lacrimal deve ter sarcoidose. Requisite TC helicoidal de tórax que deve apresentar linfonomegalia hilar ou paratraqueal bilateral.

Paciente que se apresenta com dispnéia lentamente progressiva ao esforço e tosse seca com história prévia de irradiação pulmonar pode estar tendo pneumonite por irradiação. Uma das chaves para o diagnóstico radiográfico são as imagens de linhas retas que circundam a área irradiada.

Dor no quadrante superior esquerdo do abdome com atrito à ausculta do baço indica infarto esplênico.

Em abdome ascítico a presença de esplenomegalia depõe a favor de cirrose.

Cataratas policromáticas (opacidades de cor verde, vermelha, azul e branca) ocorrem em endocrinopatias e na distrofia miotônica (doença neuromuscular autossômica dominante).

Mais de 90% dos pacientes com embolia pulmonar aguda têm frequência respiratória superior a 20 por minuto.

Nos pacientes em tratamento crônico com diuréticos pense na possibilidade de *hipomagnesemia*, sobretudo se houver arritmias inexplicadas.

Os pacientes lúpicos têm uma toxicidade não usual às sulfas.

A doença de Addison deveria ser suspeitada sempre que uma hipotensão for refratária à reposição volêmica.



Gênios e loucos: onde está o limite?



Peço desculpas aos leitores se este for um

artigo complexo. Trata-se da natureza do assunto. Complexo e infinito.

Se uma escala de sanidade física e mental fosse aplicada aos artistas, Pablo Picasso sairia com uma das notas mais elevadas. Sua foi uma das obras mais extensas,

relevantes e revolucionárias, em uma época de grande concorrência; se manteve independente, saudável e ativo até a terceira idade, numa das fases mais turbulentas da história. Testemunhou as duas grandes

guerras mundiais, o fim dos impérios europeus, as ditaduras totalitárias e as revoluções dos costumes que acompanharam a virada do século XIX para o século XX. Sua obra mais influente, *La Guernica*, é um manifesto lúcido sobre o desespero de uma população espanhola bombardeada pelos nazistas por ordem de Franco.

No mundo atual, Madonna e Paul McCartney são exemplos de gênios trabalhadores, eficientes e saudáveis. Sir Paul fazia seus colegas gravarem músicas como *Hey Jude* dezenas de vezes antes da versão final. Tivesse ele tido um pouco mais de agressividade e testosterona, talvez os Beatles tivessem ido mais longe ainda.

Leonardo da Vinci, considerado o ser humano mais completo que viveu até hoje, por sua gentileza, beleza física e inteligência multifacetada, não estabeleceu uma relação sólida com um homem ou uma mulher, nem patrimônio pessoal; os herdeiros do pouco que deixou foram dois amigos já de idade avançada, e uma empregada. Não passou sua genética adiante. Picasso fez um enorme patrimônio, sempre administrou toda sua vida pessoalmente, inclusive sua politicamente incorreta coleção de mulheres titulares e ocultas. Leonardo viveu praticamente toda sua vida sob os cuidados de patronos poderosos. Filho de um cartorário com uma escrava do oriente médio, Caterina, penso eu que sofria de superproteção. Para os psicanalistas, inclusive Freud, sublimou sua sexualidade. Conviveu com papas, reis, príncipes, Medicis e Borgias, e foi amigo de Niccolò Machiavelli.

Picasso fazia o estilo machista: morreu tomando vinho, na companhia de amigos e de sua última mulher. No enterro, a penúltima não deixou dois dos quatro filhos dele estarem presentes! Picasso e sua penúltima mulher titular nunca se reconciliaram depois que ela o abandonou, acusando-o de maus-tratos e violência. Diferente dos mais de dez filhos de Marlon Brando, os de Picasso não fazem confusão nem se matam, parece que o gene bipolar

“SE UMA ESCALA DE SANIDADE FÍSICA E MENTAL FOSSE APLICADA AOS ARTISTAS, PABLO PICASSO SAIRIA COM UMA DAS NOTAS MAIS ELEVADAS.”

realmente era de baixa penetração no caso do espanhol. A homossexualidade de Brando pareceu ser parte de um padrão de comportamento com excesso de tudo, como sua obesidade, e as histórias até engraçadas de tão malucas de seus relacionamentos. Entre suas conquistas estiveram Marilyn Monroe, Cary Grant, Laurence Olivier e Rock Hudson. A esposa do ator Wally Fox só foi descobrir que Brando guardava as cinzas de seu marido 30 anos depois da morte dele, em uma entrevista para a *Time!* Brando, em comum com Picasso, foi um homem de posições claras, senão excêntricas, e fez um muito razoável patrimônio pessoal. Brando veio de uma família não-convencional, e fez uma família não-convencional.

O artista mais emblemático da doença mental é Vincent van Gogh. Sua primeira depressão grave foi por uma frustração amorosa, quando trabalhava com objetos de arte, em Haia e Londres. Voltou-se para a religião, e passou alguns anos na Bélgica, como pastor. Mas se interessava demais pelas pessoas, e foi expulso, entrando em outra crise. Aos 27 anos, já sustentado e atendido pelo irmão Theo, se tornou pintor. Abusa do absinto, para melhorar de câimbras na mão esquerda, e começam crises que levaram muitos a entender que ele fosse portador de epilepsia do lobo temporal, na qual pacientes podem ficar agitados no intervalo entre as crises. As oscilações tornaram sua vida social impossível. Foi, então, morar isolado no sul da França. Após uma briga com o amigo e colega pintor Gauguin, van Gogh amputa sua própria orelha com uma navalha. Hospitalizado, tem convulsões freqüentes, e as oscilações de humor pioram, com alucinações e paranóia. Continua usando o absinto, e, apesar do brometo de potássio, as recaídas e internações são freqüentes. Pinta 300 quadros em um ano, muda-se para perto de Paris, brotam as grandiosas paisagens, e se mata com um tiro no peito.

A ligação da loucura com a genialidade vem da

antigüidade. Platão acreditava que uma “loucura divina” era a base da criatividade. Byron, Tolstói, Rachmaninov, Schumann, Tchaikovsky e Dostoevsky, alguns também epiléticos, andaram na fronteira do poder criativo com a instabilidade patológica. Extremos de humor, manias, fixações, piorados por drogas e álcool, chegam aos nossos dias na pele de roqueiros como Janis Joplin.

“Quando um intelecto superior se une a um temperamento psicopático, criam-se as melhores condições para o surgimento daquele tipo de genialidade efetiva que entra para os livros de história” (William James, 1842-1910). Freud buscava nas obras de artistas instáveis “algumas verdades psicológicas universais”. “Muitas pessoas já me caracterizaram como louco. Resta saber se a loucura não representa, talvez, a forma mais elevada de inteligência.” (Edgard Allan Poe, 1809-1849).

Já foram realizados estudos utilizando os critérios do Manual de Estatística e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria: 80% dos escritores tem perturbações regulares do humor, comparados com 30% de um grupo controle de não-escritores; mais de um terço preenchem critérios para diagnóstico de uma das doenças bipolares, comparado com 10% no grupo de controles. Dois escritores se suicidaram durante o estudo, nenhum dos controles. Em um estudo de pintores e poetas, 40% haviam procurado atendimento médico por transtornos depressivos e bipolares, 30 vezes mais que a média da população local. Os escritores tinham os piores problemas: um de cada dois poetas já havia recorrido a tratamento psiquiátrico.

“O ARTISTA MAIS EMBLEMÁTICO DA DOENÇA MENTAL É VINCENT VAN GOGH. SUA PRIMEIRA DEPRESSÃO GRAVE FOI POR UMA FRUSTRAÇÃO AMOROSA. VOLTOU-SE PARA A RELIGIÃO, E PASSOU ALGUNS ANOS NA BÉLGICA, COMO PASTOR.”

Não é tão difícil estabelecer uma ponte entre o caos profissional e pessoal maníaco-depressivos, dívidas, relações duvidosas em todas as esferas, e vidas como as de van Gogh e Marlon Brando. As drogas são uma complicação freqüente, seja pela facilidade e velocidade com que estas pessoas tomam decisões, ou para evitar que os apogeu eufóricos sejam seguidos por inferos negros de depressão psicótica.

Gênios andam por novos caminhos, pensam de modo diferente; não buscam a solução óbvia, procuram novas direções por meio de pensamentos que fluem livres e rápidos, como os bipolares tipo I, em euforia constante. Brotam soluções não-convencionais, suficientes para afastar van Gogh das carreiras de pastor e de negociante de artes. Mas pode aumentar a chance estatística de raios de genialidade. Bleuler, colega de Freud, via aí o elo entre genialidade e doença mental. “Mesmo que apenas os casos amenos produzam algo de valor, o fato de neles as idéias fluírem com mais rapidez e, sobretudo, de as inibições desaparecerem, estimula as capacidades artísticas.” O

“GÊNIOS ANDAM POR NOVOS CAMINHOS, PENSAM DE MODO DIFERENTE; NÃO BUSCAM A SOLUÇÃO ÓBVA, PROCURAM NOVAS DIREÇÕES POR MEIO DE PENSAMENTOS QUE FLUEM LIVRES E RÁPIDOS, COMO OS BIPOLARES TIPO I, EM EUFORIA CONSTANTE.”

pensamento rápido e flexível, unindo coisas que para os outros parecem desconexas. O que Bleuler supunha é demonstrado em alguns estudos modernos: hipomaníacos associam mais palavras com conceitos, erram mais e encontram soluções heterodoxas

para testes; falam com rimas, associações sonoras e neologismos; tem inteligência elevada em fases de euforia.

Os estudos científicos nessa área precisam ser encarados com reserva. Afinal, os bipolares produzem em fase eufórica, portanto, grande parte de sua produção deve

ser delírio. Inclusive as cientificamente empacotadas, mesmo que originadas em Harvard e Oxford. Pela característica da ciência moderna, que busca comprovar hipóteses, bipolares sempre irão tentar comprovar as qualidades que eles mesmos pensam que são ótimas: o transbordante poder de imaginação, a extraordinária capacidade de concentração que permite horas de desempenho contínuo, o desempenho espantoso da memória, a energia fabulosa. Nada disso se vê na gravação final de “*Let it Be*”, outra obra-prima dos Beatles, em um vídeo que circula na internet. Sir Paul obviamente passou a noite trabalhando, está cansado e precisa de um banho. Porém, Ringo, John e George estão limpos e recém-barbeados, e os quatro, assim como Yoko, estão serenos, cumprindo um *script*, resultado de um lampejo de genialidade de Sir Paul, seguido de muito trabalho de todos eles.

Uma especulação é que os bipolares teriam menor filtração inconsciente, menor inibição latente de pensamentos emergentes; maior capacidade de perceber o ambiente, maior capacidade cognitiva, como ocorre quando uma pessoa normal toma LSD. Daí a importância de características mentais, ambientais e psicodinâmicas para evitar que mentes criativas passem de giro, saiam da casinha, ultrapassem o limiar da loucura, submirjam sob a torrente de idéias e pensamentos.

Verdadeiros gênios da ciência, que provocaram saltos conceituais brutais, como Copernicus, Darwin, Newton, Einstein, foram sempre lúcidos. O mais lúcido de todos provavelmente foi Niccolò Machiavelli. “O príncipe” é o livro mais comentado da história, além da Bíblia e do Alcorão. Como estes dois são compilações de lendas históricas escritas a múltiplas mãos, é possível que Machiavelli seja o maior escritor, ou o maior filósofo, ou o maior sociólogo, de todos os tempos. Muitos gênios lúcidos podem ter sido rejeitados pelo poder vigente, como

aconteceu com Galileo, mas sempre foram aceitos pelos seus pares, membros dos equivalentes de sociedades científicas ou técnicas da época. Hyeronimus Bosch, muitas vezes considerado pintor da loucura, foi na verdade um crítico ácido da ordem cristã vigente ao fim da era medieval. Leonardo entra neste grupo, caracterizado pela extrema sensibilidade à natureza, conhecimento histórico, refinamento técnico, perseverança do trabalho de longo prazo e brilhantismo reconhecido desde a juventude. Seja na fascinação pelo corpo humano e mecanismos vitais (Leonardo), animais e plantas (Darwin), luz (Einstein), movimento (Newton), ou pelo espaço celestial (Copernicus e Galileo), todos foram cientistas dedicados e treinados com afinco durante toda a vida. Einstein talvez seja a exceção que confirma a regra, mas sua contribuição extrapola meu conhecimento, e parece ainda não totalmente estabelecida pela Física teórica.

A imagem romantizada do gênio maluco desacredita os que lidam com arte e ciência. Não ajuda muitos recusarem tratamento, como é típico da arrogância bipolar. Diferente do pulmão de um canceroso, a cabeça de um psicótico é sua propriedade, e frequentemente não admite terapêutica. O norueguês Edvard Munch (1862-1944), pintor de "O grito", dizia: "Prefiro continuar sofrendo desses males, porque são parte de mim e de minha arte". Porém, na Noruega, é fácil: não há país onde as pessoas mais possam se sentir protegidas: o país é habitado somente pelas famílias que ali estão desde o século V. A proteção institucional e psicossocial é a melhor do planeta.

Talvez aí esteja o limite entre a loucura e a genialidade: um Leonardo nascido na Nigéria, Munch em Belo Horizonte, Einstein em Hanói, Newton em Mumbai, talvez tivessem deteriorado para a doença psiquiátrica, na ausência de instituições e de pessoas com poder suficiente para permitirem que suas idéias e contribuições fossem

não só ouvidas, mas registradas, passadas adiante, reconhecidas. Darwin sem a viagem do Beagle; Einstein sem o emprego em Basel, Newton sem o ambiente próspero e sofisticado inglês pós-medieval, Leonardo sem os patronos renascentistas. Muitos gênios devem se perder nos pedaços do mundo não preparados para recebê-los.

E Heath Ledger? Britney Spears? Amy Winehouse? Mais do que nunca o ambiente pop moderno parece moldar a genética. A pessoa nasce com sua genialidade. No caso destes, falando a língua certa no país certo. Se considerarmos Garrincha e Giselle Bundchen, bastou mexerem bem o corpo, principalmente da cintura para baixo. Explodidos pela cultura pop, entram em um surto eufórico que pode ter causa mais ambiental que interna. Alguns, vitaminados pelas drogas da época, que pioram as oscilações do humor. Sobrevivem os mais inteligentes e de melhor estrutura social e familiar.

E o futuro? Creio que será das mulheres gênios e, portanto, das mulheres loucas!! Como, aliás, o presente já é. São políticas, tenistas, modelos, músicas, mais de 50% das estudantes de Medicina em Curitiba nos últimos anos. Com a conquista do voto, da afirmação de suas liberdades e direitos que ocorreram nos últimos 100 anos, é mais do que provável que um artigo como este seja recheado de mulheres daqui a 500 anos, e não só de homens. Temos que recorrer a Joana D'Arc para comentar alguma mulher gênio e talvez fora da casinha na antigüidade. Com certeza é devido à falta de liberdade e assertividade do sexo "frágil" até o século XIX. Pouco provável que elas sejam diferentes dos homens, seja em sanidade ou em genialidade. Veremos!!

"A IMAGEM ROMANTIZADA DO GÊNIO MALUCO DESACREDITA OS QUE LIDAM COM ARTE E CIÊNCIA. NÃO AJUDA MUITOS RECUSAREM TRATAMENTO, COMO É TÍPICO DA ARROGÂNCIA BIPOLAR."

Dr. Paulo Rogério M. de Bittencourt (PR).

Miguel Torga, o médico e o poeta



Em 2007 comemora-se o centenário de

nascimento de Miguel Torga, que veio à luz, como Adolfo Correia da Rocha, no dia 12 de agosto de 1907 em São

Martinho de Anta (Trás-os-Montes). Seu pseudônimo só surgiu em 1934 com a publicação de “A terceira voz”. Até então, desde 1928, usava seu verdadeiro nome. Ele próprio explica por que: “Torga é uma planta transmontana, urze campestre, cor de vinho, com raízes

muito agarradas e duras, metida entre rochas. Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas, Miguel Torga é um nome ibérico, característico da nossa

península”.

Miguel Torga foi um dos maiores escritores da língua portuguesa: poeta, romancista, teatrólogo, ensaísta, contista. Chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel em 1960, mas não foi agraciado, provavelmente por pressão política. Foi um lutador permanente e persistente contra a ditadura instalada em Portugal. Sua obra poética é vasta: *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931), *Abismo* (1932), *O outro livro de Job* (1936), *Lamentação* (1943), *Libertação* (1944), *Odes* (1946), *Nihil sibi* (1948), *Cântico do homem* (1950), *Portugal* (1950), *Penas do purgatório* (1954), *Orfeu rebelde* (1958), *Câmara ardente* (1962), *Poemas ibéricos* (1965), *Poesias incluídas nos Diários I a XVI* (1932 a 1993).

Pertencendo a uma família de poucos recursos, gente do campo, teve infância plena de dificuldades. Viveu inclusive no Brasil, durante cerca de cinco anos. Regressou a Portugal em 1925 e, ajudado por um tio, completou, em três anos, o curso geral dos liceus. Entrou, em 1928, para a Faculdade de Medicina de Coimbra, formando-se em 1933.

Torga vivia – como se pode constatar em seus XVI Diários, iniciados em 3 de janeiro de 1932 e terminados em 10 de dezembro de 1993 – permanentemente angustiado, sempre com a sombra da morte e da solidão: “Nascemos sós, vivemos sós e morremos sós”. A ideia da morte não aparece somente após sua doença ser descoberta, a antecede e também à sua velhice. A epígrafe de seu poema “Tentação”, de 4 de abril de 1948, portanto

“MIGUEL TORGA FOI UM DOS MAIORES ESCRITORES DA LÍNGUA PORTUGUESA: POETA, ROMANCISTA, TEATRÓLOGO, ENSAÍSTA, CONTISTA. CHEGOU A SER INDICADO PARA O PRÊMIO NOBEL EM 1960, MAS NÃO FOI AGRACIADO, PROVAVELMENTE POR PRESSÃO POLÍTICA.”

quando estava com 40 para 41 anos de idade, dizia: “Ao anjo negro da morte que persegue o poeta”. Mesmo antes deste, em 11 de dezembro de 1934, em “Prece” já assim se expressava: “...Senhor, acaba comigo / Antes do dia marcado...” Toda sua angústia aparece revelada no dia 14 de novembro de 1949 em seu Diário V: “Não consigo um minuto de paz. Este destino cassândrico desgraça-me. Acredito na felicidade futura da humanidade, mas turvo a minha com previsões sombrias. Vivo à espera de catástrofes. Afogo-me em um copo de água”.

Miguel Torga viria a ter uma doença maligna, mas, antes de ter dela conhecimento, escreveu, no poema “Calendário” de 20 de abril de 1953: “Perde-se a vida, sem haver remédio/ Rói-nos o tempo como um cancro oculto”. Depois de cinco longos meses de agonia no Instituto de Oncologia de Coimbra, padecendo de um câncer de próstata, faleceu, no dia 17 de janeiro de 1995, mas no dia 10 de dezembro de 1993, portanto mais de um ano antes de morrer, escreveu, na derradeira página de seu Diário XVI, o seu próprio réquiem: *Réquiem por mim: Aproxima-se o fim. / E tenho pena de acabar assim, / Em vez de natureza consumada, / Ruína humana. / Inválido do corpo / E tolhido da alma. / Morto em todos os órgãos e sentidos. / Longo foi o caminho e desmedidos / Os sonhos que nele tive, / Mas ninguém vive / Contra as leis do destino / E o destino não quis / Que eu me cumprisse como me porfiei, / E caísse de pé, num desafio. / Rio feliz a ir de encontro ao mar / Desaguar, / E, em largo oceano, eternizar / O seu esplendor torrencial de rio.”*

Nos Diários de Miguel Torga não há muitas referências às atividades clínicas do Dr. Adolfo Correia da Rocha, mas as que lá se encontram são marcadas ora pelo lirismo, ora pela emoção, ora pelo sofrimento, ora pela angústia. O Dr. Adolfo Correia da Rocha começou a clinicar em sua

aldeia, acabando, porém, por fixar-se em Coimbra, onde teria horizontes mais amplos e maior facilidade de editar suas obras literárias. No exercício da profissão, dava consultas gratuitas e perdia-se em conversas com os doentes, principalmente quando eram de condições modestas ou de sua região.

Sobre sua vida de médico escreveu em seu Diário XV: “Na minha já longa vida de médico, só tive uma preocupação: entender o sofrimento alheio mesmo quando ele objetivamente me parecia injustificado.

Não o julgar em caso algum uma fraqueza a reprovar, mas uma desgraça a remediar. E confessei mais que observei, vali-me mais do coração do que da sabedoria. Enxuguei mais lágrimas do que receitei. Fiz da esperança a grande arma do meu arsenal terapêutico. Esperança que eu próprio não tinha muitas vezes, mas que, mesmo fingida, fazia milagres. Não há maior crédulo do que um desesperado. Mentir-lhe, iludi-lo, é quase uma obrigação moral. Que outra solidariedade mais benéfica se lhe pode dar?” Comovia-se com o sofrimento de seus pacientes. Depois de atender uma criança escreveu esta página tocante: “Acabou hoje tudo. Como sempre, fiquei derrotado. Quando já não era possível ter ilusões, agarrava-me a uma ilusão ainda maior e... esperava. É coisa que nunca pude destruir em mim: a idéia de que um ser, desde que nasce, fica logo com o direito (e obrigação) de viver os sessenta anos da média. Pelo menos os sessenta anos da média. Muitas vezes me aconteceu ir a férias e assistir a uma sementeira de meu Pai. Depois, ver o milhão ou o linho a despontar. E, embora sabendo que aquelas vidas

“NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO,
(DR. ADOLFO CORREIA DA
ROCHA) DAVA CONSULTAS
GRATUITAS E PERDIA-SE EM
CONVERSAS COM OS DOENTES,
PRINCIPALMENTE QUANDO
ERAM DE CONDIÇÕES MODES-
TAS OU DE SUA REGIÃO.”

eram efêmeras, voltar à leira nas férias seguintes e ficar desolado ao ver lá, em vez de linho ou milho, um batatal espesso. E dizer a meu Pai: “- Então o linho que havia aqui? – Colheu-se em agosto, filho”. Em agosto, realmente o linho amadurece. Nos curtos meses que a natureza determina, tira ao sol o mais calor que pode e enche-se dele. Depois dá sinais de cansaço e morre. Mas este pequenino ainda não tinha bebido nenhum sol. Ainda estava na primeira semana. Nem o caule sobriamente fibroso, nem a flor azul e delicada, nem a semente parda e madura. E foi por tudo isto que, ao chegar ao quarto, tive a sensação mais dolorosa da minha vida. Ali estava, ainda não substituído por cevada ou centeio, mas prestes. A mãe lavada em pranto. E ele, muito branco, muito discreto, voltado para a parede, a renegar de costas os remédios inúteis espalhados pela mesa-de-cabeceira. Um médico nem sequer pode chorar. Só pode pegar o braço magro e morno, apertar a artéria inerte e ficar uns segundos a trincar os dentes. Depois sair sem dizer nada. Quem

“A VIDA DE CONSULTÓRIO É TRISTE. NÃO ENTRA AQUI UMA PESSOA QUE TRAGA ALEGRIA, QUE TRAGA PAZ, QUE TRAGA SONHO, QUE TRAGA QUALQUER DAQUELAS ASAS QUE NOS LIBERAM DOS CAMINHOS DUROS E MONÓTONOS DA VIDA.”

“Um parto. A injeções, a ferros, a gritos e a lágrimas da povoação inteira, mas um parto. Um bicho de pernas gordas e olhinho azul. O senhor Newton.” Neste episódio o Conservador do Registro – uma fera em erudição – achou que o pai exagerava: “Newton. Logo Newton!!!” Mas

saberá por aí uma palavra para um médico dizer a essa mãe que entregou à vida um filho vivo e recebeu da vida um filho morto.”

As atividades médicas de Miguel Torga, apesar de sua especialização em otorrinolaringologia, eram amplas, incluindo a obstetrícia:

Torga retrucou “... sim senhor. Newton, que tinha lá?!” Há nos Diários referência a um outro parto de que participou, em Chaves, a pedido de um colega. Parto complicado em que teve de intervir com dequitação. Ao terminá-lo com sucesso disse: “Graças à “rainha das ciências”, não só pude compreender e aceitar durante a vida a minha condição de filho da natureza, ver-me integrado nas suas leis e alicerçar nelas todos os meus valores, como ainda ter o orgulho legítimo de lhe corrigir ou completar de vez em quando as obras”.

Certa vez, quando caminhava gelado numa rua adormecida da Baixa, o Dr. Adolfo Correa da Rocha foi chamado pela voz aflita de um pobre rapaz que tinha a noiva, de que muito gostava, há duas horas desmaiada, após desentendimento que tiveram. Subiu umas escadas íngremes, estreitas e lavadas, entrou num quarto, olhou a “Julietta” adormecida, deu-lhe uma bofetada imensa, funda, no rosto frio, que doeu à família toda. Ela acordou.

Em uma de suas idas à terra natal, descreve um reumático que atendeu: “Veio o Seara. Vem sempre. O reumatismo geme-o como meu Pai faz às varas da vinha. Mas, torcidinho vem sempre.” Uma outra referência a reumatismo refere-se a ele próprio: “Reumatismo. Não bastava as mazelas que já tinha, pôs-se-me agora na perna direita o ciático tenso como uma corda de viola! Por companhia apenas este mal cheiro da fricção”. De uma outra feita, anos depois, sem usar o termo reumatismo, descreve sua própria incapacidade: “O destino sabe sempre onde me há de atingir. Escolhe sempre os pontos vitais e descarrega. Desta vez requintou. Andar era o meu prazer inocente, o meu jeito dileto de conhecer o mundo, a expressão mais direta da minha liberdade. E resolveu mancar-me. De perna estendida, para aqui estou sem saber de mim, inválido de corpo e também do espírito, porque

nunca um funcionou sem o outro. Falta ao meu entendimento a largueza das passadas que dava.”

Uma passagem tragicômica quando Torga operava um doente: “Enquanto o ia operando, o Fonseca, entre gemidos, foi contando sua vida. Isto: aos dez anos morreu-lhe o pai. Aos quinze, a mãe. Aos dezenove, quebrou uma perna e três costelas de um carro de bois abaixo. Aos vinte teve uma pneumonia dupla. Aos vinte e quatro morreu-lhe um filho. Aos trinta, a filha. Aos trinta e dois teve uma febre tifóide. Aos trinta e cinco morreu-lhe a mulher. E agora, no prazo de cinco meses, quatro operações.” Perguntou-lhe o doente: - É ser homem ou não é, Sr. Doutor? É, respondeu.

No consultório, em Coimbra, meditava certa vez: “Aqui estou no consultório, sentado, à espera do primeiro infeliz que precise de mim e compre a minha mão de cera sobre as suas feridas por trinta escudos. Sofro com esta certeza – por que, na verdade, a própria idéia geral do mercenato me repugnou sempre – mas não há dúvida alguma que se alguém bater à porta paga a consulta...”

Em dia de melancolia escreveu: “A vida de consultório é triste. Não entra aqui uma pessoa que traga alegria, que traga paz, que traga sonho, que traga qualquer daquelas asas que nos liberam dos caminhos duros e monótonos da vida. Quem vem, ou é doente, ou traz doentes, ou vem tratar de doentes. De maneira que as próprias palavras que diz corrompem o sol que espreita pela janela.”

Uma página de grande lirismo, ao atender um doente: “Um desgraçado com a doença de Ayerza. Que tristeza deve ser ligar o nome a uma coisa destas! Sorte os astrônomos, que dão o seu a estrelas.”

Desconsolado com a informação de uma doente de que havia feito uma promessa à Rainha Santa, escreveu: “E desci as escadas atordoado, já sem saber se fora eu

que curara aquela criatura da sua labirintite, ou se teria sido, de fato, a mulher de D. Dinis.”

Torga, certo dia, deu um mau conselho a um cliente fumante: “- Olhe, a vida, sem uma pitada de risco, não presta. Eu cá sou por um diabo que se esconda no bolso do colete, enrolado numa mortalha, e nos atente para que lhe cheguemos um fósforo ao rabo de vez em quando. Intoxica, mas é um grande regalo vê-lo depois desfeito em cinza, vencido à custa de um segundo da nossa vida.”

O Dr. Adolfo Correia da Rocha deu mostras de que só queria ser Miguel Torga quando escreveu: “Regresso ao consultório. ... Porque eu sou artista, não sou médico. Operar como eu opero, observar como eu observo e receitar como eu receito, qualquer meu colega honesto e com alguma habilidade o pode fazer. Mas escrever os versos que eu escrevo, bons ou maus, é que só eu...”

Já calejado da profissão, confessa desesperar-se na sua rotina: “Este pacto sacrílego que se faz naturalmente entre o doente e o médico desespera-me. Tento fugir-lhe, libertar-me, e não posso. Os desgraçados insistem, confiam, entregam-se, e tenho de lhes ficar com as mãos inábeis, impotentes, humanas. “Senhor doutor é que sabe. Faça favor de dizer”. E pronto! Agüente-se um lázaro como eu com a responsabilidade de lhes conservar uma existência que está por um fio a cada momento. “Não é nada. Não tem importância. Vá sossegado!” E eu sei lá se tem importância ou se não tem, se aquilo cura, se não cura, se o infeliz morre, se não morre”. ... “Sem nervos para me

“ESTE PACTO SACRÍLEGO QUE SE FAZ NATURALMENTE ENTRE O DOENTE E O MÉDICO DESESPERA-ME. TENTO FUGIR-LHE, LIBERTAR-ME, E NÃO POSSO. OS DESGRAÇADOS INSISTEM, CONFIAM, ENTREGAM-SE, E TENHO DE LHE FICAR COM AS MÃOS INÁBEIS, IMPOTENTES, HUMANAS.”

acostumar à rotina e dormir no calejamento profissional, cada consulta é ainda para mim, já quase velho no ofício, uma iniciação de caloiro, um martírio de expressão serena."... "Vinte anos de pão ganho assim, a fazer de médico à força. A bata, como uma sobrepeliz, a cobrir-me duma brancura de levita. E eu, no íntimo, céptico, céptico, céptico, como um ateu que estivesse a rezar missa."

O mais trágico e emocionante na carreira de médico de Miguel Torga é a descrição dos dias em que teve de tratar do próprio pai. "Cá estou a lutar pela última raiz que me resta. Meu Pai teve uma hemorragia cerebral, e vim acudir-lhe. Mas, inerte e com a boca torta, o velho parece sorrir-me ironicamente da minha aflição e das minhas drogas." ... Eu é que não me dou por achado, e com a serenidade que posso vou chorando por dentro e atuando por fora. Que há-de fazer um filho, senão ser fiel à cepa, e um médico, senão medicar?" Quando seu pai já estava com a saúde muito agravada, não havendo mais

de fé que todos os médicos deveriam seguir: "O amor ao próximo, que os discípulos oficiais de Cristo pregam de cor, é isto que a profissão diariamente me ensina: estar sempre disponível para acudir ao semelhante, de dia, de noite, a toda hora, com a mesma solicitude, a mesma paciência, a mesma compreensão. Ouvir queixas, enxugar lágrimas, minorar sofrimentos, incutir confiança. Dar a cada alma aflita uma solidariedade real, a ser-lhe concretamente prestável, como o Autor do mandamento o foi, a impor as mãos, a exorcizar, a curar e a ressuscitar..."

Os anos passaram e, como acontece habitualmente, a clientela foi escasseando, razão de um desabafo: "O dia inteiro refugiado no consultório, cada vez mais esquecido pelos clientes. ...A vida começa a despedir-se de mim, alargando progressivamente o vazio que me cerca."

Em 8 de junho de 1992, o Dr. Adolfo Correia da Rocha encerra o seu consultório, com a descrição de uma despedida dramática: "Desfiz-me do consultório. Mil circunstâncias adversas conjugaram-se encarniçadamente nesse sentido. E adeus, meu velho reduto, onde durante tantos anos lutei como homem, médico e poeta. Ofereci o material cirúrgico ao hospital da Misericórdia em que durante anos operei, e o mobiliário à Junta de Freguesia de S. Martinho. E fiquei naquelas salas vazias vazio como elas. Sem passado, sem presente e sem futuro, com minha própria vida abolida no tempo. À medida que os carregadores iam retirando o espólio, tinha a sensação de que estava a ser descarnado, tornar-me humanamente espectral. No fim, estonteado, com o chão a fugir-me debaixo dos pés, sem um banco sequer para me sentar, ainda o telefone tocou. Do lado de lá do fio pediam-me que juntasse aos despojos a tabuleta. Respondi que sim, que ia ser arrancada e seguiria. E perguntei, de voz estrangulada, se queriam também o meu cadáver."

"O AMOR AO PRÓXIMO, QUE OS DISCÍPULOS OFICIAIS DE CRISTO PREGAM DE COR, É ISTO QUE A PROFISSÃO DIARIAMENTE ME ENSINA: ESTAR SEMPRE DISPONÍVEL PARA ACUDIR AO SEMELHANTE, DE DIA, DE NOITE, A TODA HORA, COM A MESMA SOLICITUDE, A MESMA PACIÊNCIA, A MESMA COMPREENSÃO."

esperanças um desabafo: "Quatro da manhã. Acabei de dar a extrema-unção ao velho – a extrema-unção que um médico pode dar a um moribundo: estrofanto e panacéias afins. Está perdido. Mas prometi curá-lo e levá-lo a ver a neta dentro de dias. Menti-lhe pela primeira vez na vida, e foi justamente a pri-

meira vez que tive a impressão de que acreditava cegamente em mim. Tanto me esforcei durante anos e anos por lhe demonstrar que era digno da sua lisura, e o destino exige-me esta tralfulhice piedosa no último momento."

Em seu Diário XI, Torga faz uma verdadeira profissão

Dr. Hilton Seda (RJ).

Os diretores mais populares

O motivo de vermos um filme é algo curioso.

Pode ser, por exemplo, após seu *marketing* pesado ou depois de analisarmos melhor sua proposta (como apontado no último "Iátrico" com "Despertar de Uma Paixão"). Por outro lado, o que ocorre quando nada disso está presente? Indo mais a fundo, qual o motivo de assistirmos a um filme quase que de forma automática só porque ele é de um determinado diretor?

Chaplin, Hitchcock, Spielberg e Almodóvar. Qualquer pessoa que ocasionalmente veja filmes já pelo menos ouviu falar deles, além de alguns outros. Cada um, com suas próprias características, em épocas distintas, fizeram de seus nomes um sinônimo de cinema. Em ordem cronológica, comentarei sobre a importância desse quarteto tão popular. O que de relevante eles têm a trazer a um médico? Ora, para retratar inúmeras nuances do ser humano e mobilizar tantos espectadores com isso, quem sabe eles compreendam melhor certos aspectos humanos que, aos médicos, podem ainda ser enigmáticos. Nesta edição:

Charles Spencer **CHAPLIN**

Até hoje, muitos confundem o nome do ator (e também diretor, roteirista e produtor) com o do seu personagem principal: Carlitos. A grande magia é que este fascina, de fato, qualquer espectador. Seja rico ou pobre, com ou sem instrução, criança ou adulto, com surdez ou no pleno gozo de seus sentidos, quem lhe assiste é indubitavelmente cativado por algum momento de suas confusões. A razão disso talvez seja o quanto Carlitos sofreu transformações ao longo de seus filmes, nos quais diferentes fases podem ser demarcadas.

Primeira fase: o humor ingênuo.

A partir do segundo filme, "Corrida de Automóveis para Meninos" (*Kid Auto Races at Venice*), de 1914, o personagem Carlitos adquire a forma até hoje consagrada: chapéu-côco, calças caídas e uma bengala. Nos seus primeiros filmes, Chaplin direciona seu personagem a um humor mais direto, ingênuo e essencialmente físico. Nessa linha, as palhaçadas irresistíveis, a pantomima quase onipresente e o personagem esdrúxulo e maltrapilho são as grandes marcas.



Segunda fase: a ambivalência e os objetos inanimados.

Em "O Vagabundo" (*The Tramp*), de 1915, Chaplin insere diferentes elementos. Um deles é a cena final da "estrada vazia", que irá se repetir em muitos dos seus filmes. O andar de costas para a câmera remete à solidão

“O QUE DE RELEVANTE ELES TÊM A TRAZER A UM MÉDICO? ORA, PARA RETRATAR INÚMERAS NUANCES DO SER HUMANO E MOBILIZAR TANTOS ESPECTADORES COM ISSO, QUEM SABE ELES COMPREENDAM MELHOR CERTOS ASPECTOS HUMANOS QUE, AOS MÉDICOS, PODEM AINDA SER ENIGMÁTICOS.”

e a um caminho (vida) a ser percorrido. Inicia-se, portanto, um trabalho com traços simbolistas e que depois será aprimorado em outras obras. A novidade principal nesse

“TODA A ENTREGA MATERIAL E AFETIVA QUE O VAGABUNDO TEM PARA COM O MENINO É, DE CERTO MODO, RETRIBUÍDA NO MOMENTO FINAL. TORNA-SE QUASE UMA ODE À ESPERANÇA DA QUAL O PRÓPRIO DIRETOR SE NUTRIU PARA SEGUIR SEU DESTINO.”

momento, porém, é a inclusão em seu personagem da infelicidade. Aqui Chaplin começa a destrinchar a condição sempre ambivalente do ser humano - dividido entre a alegria e a tristeza, o alívio e a dor. Sendo assim, movimentos que antes realçavam o humor agora levam

os espectadores à dor e às lágrimas, seja através de gestos simples ou do complexo e constrangedor sorriso de frustração do palhaço.

“Casa de Penhores” (*The Pawnshop*), de 1916, mostra também sua habilidade em extrair toda uma comicidade a partir de objetos banais que, nas mãos de outro, seriam provavelmente renegados a itens decorativos. A cena hilária na qual Carlitos examina seu relógio, medindo deste o pulso, a pressão arterial, fazendo a ausculta com estetoscópio e retirando os “órgãos” desnecessários é a pura comprovação da perspicácia desse ator.

Terceira fase: a autobiografia.

Primeiro filme longa-metragem de Chaplin, “O Garoto” (*The Kid*), na foto ao lado, de 1921, é considerado também um dos mais populares. Aqui o elemento novo é a evidente autobiografia. O menino abandonado e adotado pelo vagabundo é na realidade a projeção (consciente ou não) da infância de Chaplin, uma vez que este passou sua infância e adolescência em miséria financeira e afetiva, com pai com dependência de álcool e mãe com transtorno mental.

Nessa comovente estória, a questão central são as

virtudes demonstradas por Carlitos ao longo das situações: compaixão, solidariedade, inocência, fraternidade e amor. Toda a entrega material e afetiva que o vagabundo tem para com o menino é, de certo modo, retribuída no momento final. Torna-se quase uma ode à esperança da qual o próprio diretor se nutriu para seguir seu destino.

Quarta fase: o filme sonoro.

Embora no início Chaplin tenha se pronunciado contra o cinema falado, em “Luzes da Cidade” (*City Lights*), de 1931, ele já cede um pouco e começa a dar indícios de que o som seria um recurso inevitável no cinema. É o primeiro filme sonoro do diretor, apesar de ser narrado sem diálogos.

Além desse novo instrumento de trabalho, o cineasta demonstra também um requinte maior no roteiro, pois usa a sutileza das elipses para contar a estória de uma cega que, ao escutar uma batida de porta de carro, associa Carlitos a um milionário. Apesar de uma trama simples e singela, Chaplin consegue a primazia de sintetizar, na





antológica cena final, a ambivalência de sentimentos do ser humano.

Quinta fase: a crítica social e política.

Ao ter mais liberdade como autor, Chaplin mostra de vez seu amadurecimento. Até então seus filmes giravam em torno de tramas limitadas ao ambiente específico do personagem, mas que não deixavam de mostrar o caráter universal da condição humana. Com “Tempos Modernos” (*Modern Times*), de 1936, Chaplin vai além e incorpora a temática social de uma forma extremamente crítica, porém ainda implícita. A ênfase agora é no quanto o sistema socioeconômico oprime seus integrantes e lhes causa sofrimento. Cenas primorosas quanto à técnica e à simbologia tornam-se frequentes, como aquela na qual Carlitos é engolido pela máquina e, dentro dela, desliza sobre as engrenagens.

Vale ressaltar que as características do personagem no decorrer dos filmes não se anulam com a metamorfose que ocorre. Muito pelo contrário, os elementos agregam-se de forma subsequente a ponto de haver depois um Carlitos mais complexo e surpreendente.

O auge deste cineasta vem com a incontestável obra-prima “O Grande Ditador” (*The Great Dictator*), de 1940. Primeiramente porque há uma rica caracterização de dois

tipos básicos de interpretação. Enquanto o barbeiro representa a forma dramática, na qual ele é desastrado, simplório e até grotesco; o ditador simboliza a forma épica, em que sua postura está mais ereta, seu andar mais rígido e o olhar é superior.

Além disso, neste filme, Chaplin expõe de maneira explícita suas idéias contra o sistema político vigente. Na seqüência, sabiamente guardada para o final, seu discurso (como personagem e autor) é claro, hipnotizante, extremamente humano, comovente e avassalador. É a cena mais longa de toda sua filmografia e, certamente, a mais linda. Isso porque ali não está apenas o pensamento de um personagem indignado com a vida, mas sim a notória compreensão de um cineasta horrorizado com o mundo ao seu redor e que procurou, através dos seus filmes, a dignificação do ser humano.

Chaplin fez depois outros filmes com personagens diferentes, embora menos expressivos e mais taciturnos. Já tinha no fundo uma visão mais sombria da realidade. Fora acusado nos EUA de comunista e se envolveu com muitas atrizes que atuaram em seus filmes. No Natal do ano passado, a data de sua morte foi lembrada após 30 anos por vários meios de comunicação.

A humanidade por vezes levou séculos para reconhecer a importância de alguns gênios. No caso de Chaplin, algumas décadas já eliminaram qualquer dúvida de que sua genialidade foi infinitamente superior aos percalços de seu caminho.

“A HUMANIDADE POR VEZES LEVOU SÉCULOS PARA RECONHECER A IMPORTÂNCIA DE ALGUNS GÊNIOS. NO CASO DE CHAPLIN, ALGUMAS DÉCADAS JÁ ELIMINARAM QUALQUER DÚVIDA DE QUE SUA GENIALIDADE FOI INFINITAMENTE SUPERIOR AOS PERCALÇOS DE SEU CAMINHO.”

Dr. Vitor Hugo Sambati Oliva (PR).

Cena aberta: os bastidores da TV ao alcance de todos



Espectadores atentos podem ter percebido

que nos últimos anos a TV brasileira tem atingido, com alguma frequência, excelentes níveis de qualidade, em especial para uma mídia com público tão amplo. São minisséries e seriados, por exemplo, que refutam o

“A PROPOSTA DE CENA ABERTA ENVOLVE UMA PEDAGOGIA EM RELAÇÃO À TV, PARA QUE O PÚBLICO COMPREENDA MELHOR COMO SÃO FEITOS OS PROGRAMAS DE FICÇÃO, DE MODO QUE SEJA POSSÍVEL TER COM ELES UMA RELAÇÃO MAIS INTELIGENTE: MENOS ACEITAÇÃO PASSIVA DAQUILO QUE É EXIBIDO E MAIS ATIVIDADE DO ESPECTADOR NO SENTIDO DA COMPREENSÃO DOS MEANDROS DA PRODUÇÃO NARRATIVA.”

o preconceito, que parecia

Em *A Hora da Estrela*, baseado na história de Clarice Lispector, apresenta-se a seleção para a escolha da atriz que faria o papel da personagem Macabéa, além de revelar

tão arraigado, de que toda a programação seria apenas lixo cultural.

Um caso excepcional é o programa *Cena Aberta*, veiculado em 2003 e hoje disponível em DVD. Dirigido por Guel Arraes, Jorge Furtado e Regina Casé, compõe-se de quatro capítulos, cada um deles apresentando

o trabalho de direção de atores, com Regina Casé dirigindo as candidatas. Exibem-se as entrevistas com moças que pretendem o papel de Macabéa e, assim, “entrar para a TV”. São jovens humildes, também migrantes do Nordeste para o Rio de Janeiro, com muito em comum com a personagem a ser interpretada. Elas falam de suas esperanças, amores e frustrações, com palavras que às vezes se confundem com as do texto de Clarice Lispector, fazendo crer que no mundo real existem muitas Macabéas, não apenas aquela da ficção.

Em *O Negro Bonifácio*, sobre o conto de Simões Lopes Neto, mostra-se a preparação de atores para a composição de personagens gaúchos. O baiano Lázaro Ramos e a carioca Carolina Dieckmann, atores da Globo, passam por um processo de assimilação da cultura gaúcha para representar os seus papéis. Precisam aprender o obscuro vocabulário do interior gaúcho, que é cuidadosamente explicado aos atores e ao público. Treinam o sotaque e as danças regionais. Lázaro Ramos aprende com um especialista a gestualidade da luta com facões. Expõe-se, portanto, o esforço necessário para que uma obra de ficção para a TV mereça a credibilidade do espectador, isto é, pareça real.

Ópera de Sabão, do romance de Marcos Rey, traz a criação do roteiro e o trabalho do pessoal da retaguarda de produção: maquiador, faxineira e outros funcionários da Globo, que falam de suas funções e ajudam a desenvolver a trama do programa com sugestões que por vezes contrariam o texto original, mas são aceitas para a versão que realizam.

As Três Palavras Divinas, do conto de Anton Tchekov, além de apresentar a criação de cenários e truques como o da neve artificial e do vôo do anjo, revela também como é feita a utilização de não-atores, no caso, habitantes de uma cidadezinha gaúcha que é transformada em vila russa do século XIX, época em que se passa a história.

Em outras palavras, aquilo que normalmente fica oculto ao telespectador (ou é apresentado de forma autopromocional por parte da Globo, como ocorre no *Vídeo Show*) surge em *Cena Aberta* de forma cuidadosa, sofisticada, instigante.

O que mais pode surpreender os telespectadores talvez seja que *Cena Aberta* não é realmente uma série de *making of's*, pois as quatro adaptações para a TV não foram produzidas: não existem os produtos finais a que se referiria o "of" da expressão *making of*. O resultado de todo o

trabalho de criação é somente vislumbrado quando os testes e ensaios parecem dar certo, o que demonstra que em *Cena Aberta* importa mesmo o processo de realização, exposto de forma quase didática. As ficções resultantes, caso tivessem se concretizado, seriam parecidas com o que o público já conhece, aquilo a que assiste habitualmente na TV, portanto, não é necessário gravá-las.

A proposta de *Cena Aberta* envolve uma pedagogia em relação à TV, para que o público compreenda melhor como são feitos os programas de ficção, de modo que seja possível ter com eles uma relação mais inteligente: menos aceitação passiva daquilo que é exibido e mais atividade do espectador no sentido da compreensão dos meandros da produção narrativa.

Prof. Renato Luiz Pucci Jr. (PR).

ESTÉTICA VAIDADE E MEDO

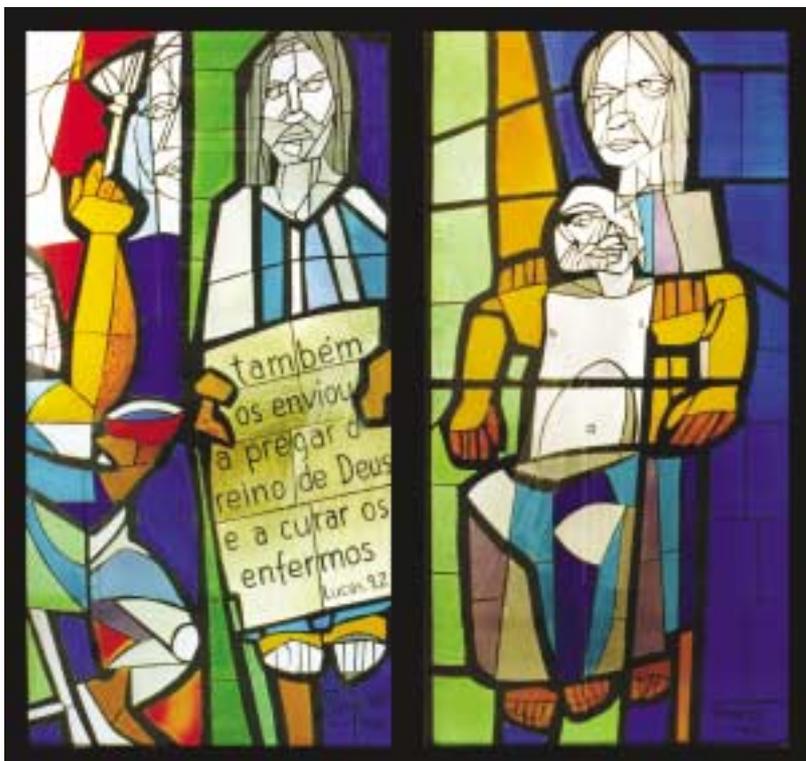
“Nada é mais belo e fascinante do que um rosto com rugas”. Também penso assim. Tentar decodificar o mapa facial de uma existência é realmente fascinante. Mas, no seu caso, meu caro Pitanguy, é autojustificação. Diz que não corrigiu suas bolsas palpebrais por preguiça. Não, não, cirurgões não gostam de ser operados. Por que será? Talvez tenham receio à profanação do corpo. Sempre uma possibilidade, por melhor que sejam os desígnios.

Agora, veja a sua contradição: “O envelhecimento faz de algumas pessoas um pouco ridículas”. Perfeito. E é bom que corrijam os defeitos maiores perpetrados pelo tempo. E se se sentirem melhor e puderem ser melhor vistas, que bom! Mas o que está por trás de tudo em sua entrevista à FSP são apenas duas palavras: vaidade e

medo. No meio, a natural ambivalência. Os chamados sentimentos mistos. Mas a sociedade e as pessoas estão cada vez mais polares. E a mídia adora polarizar e polemizar sem conteúdo. A fórmula, se é que existe, consiste em atenuar vaidade e medo, em si legítimos, mas que podem ser fatores imobilizantes, sociais e pessoais. No seu caso, o medo venceu a vaidade. O que é humano, muito humano. E, claro, quer que seu rosto carregue sua história. Medo sim, sem abandonar a vaidade. Medo e vaidade, faces da mesma moeda. Em si, bonita e dourada, e que vai ser colecionada. Você merece. Você se tornou sinônimo de beleza.



Passamento



De repente, no meio daquela madrugada, bateram em minha porta:

“A FORMA MAIS COMUM ERA O ENFORCAMENTO POR CORDA. TANTO QUE CORRIA UMA PIADA NO LOCAL DIZENDO QUE SE ALGUÉM PRECISASSE COMPRAR CORDA DEVERIA PRIMEIRO PEGAR UM ATESTADO MÉDICO PARA NÃO USAR A REFERIDA CORDA PARA OUTROS FINS.”

a rememorar os 17 anos de médico solitário na comunidade. Tantas vezes havia ocorrido que sentia um

— “Doutor, doutor, acorde, o seu “H” se matou”.

Ainda meio sonolento pensei: “De novo! Logo o Agá, que estava tão bem. Vi-o há pouco, parecia normal”. Enquanto saía da cama e me preparava para enfrentar aquela madrugada fria e chuvosa, passei

certo enfado pela minha impotência. Continuava sem entender o porquê de tanta dor e sofrimento aos familiares. E de certo modo a mim, problema que continuava irresolvido em minha cabeça.

Chegara sem nenhum preparo nessa localidade de descendentes de alemães logo depois de minha formatura, no final de 1976. Durante os 17 anos de médico isolado na cidade fizera de tudo: atendimentos clínicos em todas as faixas etárias, traumatologia, as cirurgias mais comuns e, principalmente, obstetrícia. Embora tivesse feito mais de um milhar de partos e cesáreas, era

o que mais me estressava. Essa angústia era reversa. Muitas vezes fiquei mais contente que o próprio pai. O contentamento do estresse resolvido.

O mais marcante, no entanto, era o elevado número de suicídios. Não entendia como aquilo podia acontecer e não sabia como proceder perante a família. Acho que não me acostumei até hoje e continuo sem saber lidar com a situação. Foram tantos os conhecidos e/ou pacientes que se suicidaram, e eu só conseguindo fazer a verificação do óbito. Um verdadeiro desespero quieto. Com predominância de idosos, embora os juvenis também fossem freqüentes.

Atuava numa cidade de ótima qualidade de vida e grande longevidade, acima dos padrões brasileiros e semelhantes a dos europeus, no entanto, era considerada

a segunda cidade do Estado de Santa Catarina em número de suicídios.

A forma mais comum era o enforcamento por corda. Tanto que corria uma piada no local dizendo que se alguém precisasse comprar corda deveria primeiro pegar um atestado médico para não usar a referida corda para outros “fins”.

O suicida em potencial apresentava uma situação especial conhecida como “gemutz krank”, que suponho pelo dialeto local ser algo como depressão. Quando alguém apresentava este “quadro clínico” todos ficavam de

prontidão, da família à sociedade local. Todos experientes nesses episódios embora sem conseguir evitá-los, apesar da vigilância estrita durante as 24h.

Rememorei tudo isto, enquanto me arrumava para sair. Lá fora me esperava um jipe, único veículo a poder transitar por aquelas estradas. Cumprimentei a todos que vieram me buscar e, debaixo de muita chuva e frio, que pene-travam à alma, fui cumprir mais uma vez a missão incompreendida.

Dr. Luis Antonio Sá (PR).

ÚNICO FATO

A propósito do artigo do Dr.

Sá, o editor recorda um texto do búlgaro Elias Canetti, ganhador do Nobel de Literatura de 1981:



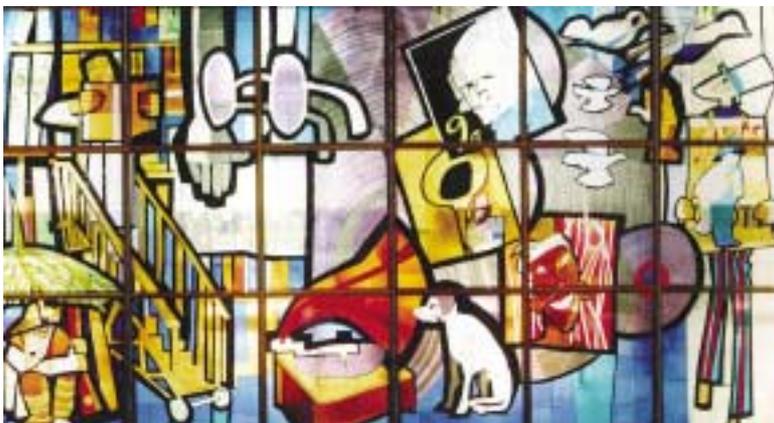
“A morte é o primeiro e mais antigo, haveria quase a tentação de dizer: o único fato. A morte tem uma idade monstruosa e, ainda assim, é nova a cada hora. Seu grau de dureza é dez – e ela corta como diamante. Possui o frio absoluto do espaço exterior: 273 graus negativos. Ela tem a velocidade de um furacão, a maior. É muito real e superlativa, mas não é infinita, porque pode ser alcançada por qualquer caminho. Enquanto a morte existir, qualquer declaração é uma declaração contra ela. Enquanto a morte existir, qualquer luz é um fogo-fátuo, pois conduz a ela. Enquanto a morte existir, nenhuma beleza é bela, nenhuma bondade é boa. Todas as tentativas de chegar

a um acordo com a morte (o que mais são as religiões?) falharam. A descoberta de que não há nada após a morte – uma apavorante e inexaurível descoberta – banhou a vida com uma nova e desesperada santidade.

O escritor que é capaz de participar de muitas vidas deve participar também de todas as mortes que ameaçam aquelas vidas. Seu próprio medo (e quem não teme a morte?) deve se tornar o medo que todos têm da morte. Seu próprio ódio (e quem não odeia a morte?) deve se transformar no ódio que todos têm da morte. Isso, nada mais, é sua oposição ao tempo, repleta de uma miríade de mortes.”

(Tradução: Nelson Ascher.)

A sublime arte de ajudar a viver e a morrer



“Disse então Javé Deus: Eis que o homem se tornou um de nós, conhecendo o bem e o mal! Não aconteça agora que ele estenda a mão e tome também da árvore da vida, dela coma e viva para sempre!” E no versículo 24: “Expulsou o homem e colocou no lado oriental do Jardim os querubins e a flama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida!” (Gênesis III,

22). Decretava-se, então, que o poder de dominar a morte seria atributo exclusivo de Deus.

Na mitologia da Grécia vamos encontrar Prometeu que ousou apoderar-se do fogo sagrado e como punição foi acorrentado ao Cáucaso, onde todos os dias uma águia gigantesca vinha comer-lhe o fígado.

Apesar dos portentosos avanços científicos que a humanidade alcançou nos últimos decênios do século XX, permitindo que o período de vida do homem se prolongasse com maior conforto, e se buscassem maneiras de viver com melhor qualidade, praticou-se também, como fruto da modernidade, maior agressão ao ser humano e ao meio

ambiente, pela difusão de poluentes do solo, das águas e da atmosfera.

A ganância e o imediatismo de possuir bens materiais expuseram o homem a drogas e tóxicos; o progresso dinamizou as ações no sentido de conferir às pessoas um compensador senso de ilusória onipotência.

Como Prometeu desafiando os deuses pela posse do fogo sagrado, o homem moderno, inebriado pelo êxito de suas

conquistas tenta sobrepujar com mais veemência a inelutável realidade da morte.

Os profissionais que tratam de pacientes buscam denodadamente corrigir sua impotência pela busca de mais explicações fisiopatológicas que possam trazer luzes que elucidem as causas da falência do corpo físico.

Nas centenas de escolas formadoras de profissionais da saúde se formam “sintomatologistas” e “diagnosticologistas”, mas mui poucos que se possam atarefar com o que se passa no espírito dos pacientes que buscam cuidados, ou dos internados em unidades de cuidado intensivo ou em alas adequadamente denominadas “de cuidados paliativos”. A bem-intencionada eficiência muitas vezes se esquece ou desconhece o valor do contacto físico da mão reconfortante, do ouvido atento a uma pergunta angustiada, da palavra tranqüilizadora e solidária, do gesto amigo e do sorriso amoroso. Em nome da tecnologia o paciente passa a ser tratado como simples objeto; não participa das decisões que se tomam a seu respeito e é, também, objeto de grande preocupação, pelo tipo de investimento ou prejuízo financeiro que possa representar.

Na consulta médica moderna, a sucinta anamnese é registrada com o médico, de lado ou de costas para o paciente, que só responde ao que lhe é perguntado, com poucas possibilidades de delongas que poderiam advir da

“OS PROFISSIONAIS QUE TRATAM DE PACIENTES BUSCAM DENODADAMENTE CORRIGIR SUA IMPOTÊNCIA PELA BUSCA DE MAIORES EXPLICAÇÕES FISIOPATOLÓGICAS QUE POSSAM TRAZER LUZES QUE ELUCIDEM AS CAUSAS DA FALÊNCIA DO CORPO FÍSICO.”

manifestação espontânea do consulente. Seguem-se os pedidos de exames complementares que distanciam ainda mais o médico do contato com seu paciente e que servem para aliviá-lo, ainda mais, de seu temor à falta de onipotência diante de uma situação que possa envolver a morte ou que o cingem à tecnicidade profissional da qual está ciente e é cioso e orgulhoso.

Os problemas que modernamente a profissão acarreta ao médico, mesmo por questões de falta de tempo subtraem-no da presença junto ao paciente, que raramente goza da oportunidade de uma conversa franca sobre sua doença, de suas dúvidas e das angústias e incertezas que advieram do fato de saber que está doente e do fato que tal doença pode levá-lo a morrer.

O fato de morrer, em Medicina, é visto como um fracasso e falência da capacidade dessa ciência em preservar indefinidamente a vida. Prolongar o tempo de vida tem sido o objetivo primacial da ciência, e isto tem sido conseguido com sucesso; outrossim, considerar a morte como um fracasso na preservação da vida é fato que se retrata até na atitude evasiva e de distanciamento do médico em face de seu paciente terminal.

Comumente se equipara a morte ao fim de tudo e não como o coroamento de uma vida. Evita-se falar de morte, pois ela é considerada como o fim do declínio, a falência e o colapso, quando poderia ser o término de nossa ascensão, o coroamento que resume a vida.

Entretanto, é no ambiente hospitalar que se constata a maior aversão em tratar do assunto, ou se banaliza com falsa frieza o fato de se perder um paciente!

Importante é que se possa encontrar ainda pessoas interessadas em formular, discutir e reformular os conceitos de atendimento aos pacientes, especialmente no que tange à demolição de preconceitos desumanos e retrógrados. Esta demolição, entretanto, não se faz com ações de força, mas com a força das ações, que se executam com sabedoria, bondade, paciência, que podem vencer os radicalismos seculares, sem radicalismo.

Em primeiro lugar, não se trata de banalizar o sentimento de morte, pois isto fazem os bandidos que tiram

vidas subitamente sem a mínima preocupação. Trata-se de cuidar de quem está para morrer, suavizando-lhe o caminho. Trata-se de trazermos para o consciente todas as perdas que ocorrem no decurso de nossas vidas, perdas que são pequenas mortes no cotidiano.

Acho importante que lembremos dois nomes da literatura mundial, de médicas que se dedicaram ao tratamento da dor e dos pacientes terminais: Cicely Saunders, na Inglaterra e Elizabeth Kübler Ross, médica suíça que emigrou para os Estados Unidos e lá desenvolveu seu trabalho. Quem está interessado neste assunto deve ler, pelo menos, dois livros da Dr^a. Ross - "A Roda da Vida" e "Sobre a Morte e o Morrer" - e os trabalhos de Cicely Saunders - "Vivendo com o que Morre" e "Cuide Comigo: Uma Inspiração Para uma Vida de Cuidado Hospitalar". Vale a pena também conhecer o trabalho de Celso Fortes de Almeida e Maria Fernanda C. do Nascimento, do Núcleo da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, o NUREKR, que é sigla de Núcleo de Renascimento Elizabeth Kübler Ross – 1.

A Dr^a. Cicely Saunders começou a cuidar do assunto dos pacientes terminais nos anos cinqüentas do século que passou. Antes formada em Enfermagem, depois estudou Medicina e graduou-se em 1957. Dez anos depois fundou no St. Christopher's Hospice um serviço modelo destinado a tratar das dores dos pacientes críticos. Pelos seus relevantes serviços, foi agraciada com o título de Dame, pela rainha da Inglaterra. Segundo o seu conceito, para o tratamento da dor existem regras cardinais a serem obedecidas e que começam com o cuidadoso estudo dos sintomas que afligem o paciente, não para efetuar um diagnóstico e dar um remédio específico, o que já é obrigatoriamente praticado, mas para tratar da dor e todas as

"COMUMENTE SE EQUIPARA A MORTE AO FIM DE TUDO E NÃO COMO O COROAMENTO DE UMA VIDA. EVITA-SE FALAR DE MORTE, POIS ELA É CONSIDERADA COMO O FIM DO DECLÍNIO, A FALÊNCIA E O COLAPSO, QUANDO PODERIA SER O TÉRMINO DE NOSSA ASCENSÃO, O COROAMENTO QUE RESUME A VIDA."

demais circunstâncias que se somam ao estado geral de miséria, como a própria natureza da doença.

Cicely Saunders nos mostrou que a morte é tão individual quanto à própria vida daquele que está morrendo e reflete a total experiência vivencial daquele indivíduo. Isto a levou à elaboração do conceito de “dor total”, significando que a dor que alguém apresenta representa um complexo de elementos dos planos físico, emocional, social e espiritual. Os medos que cada um expressamos ou guardamos são, pois, variados e tal fato não permite que se crie uma regra padronizada para o tratamento de um paciente, se o que se visa é tratá-lo em sua plenitude. O tratamento abrange o paciente e sua família e a abordagem se fundamenta no preceito de que o paciente é uma entidade indivisível, como ser físico e espiritual.

Tais conceitos e também os resultantes do trabalho de Elizabeth Kübler Ross levaram a OMS a publicar a seguinte definição: “Cuidado paliativo é o cuidado ativo total de pacientes cuja doença não responde mais ao tratamento curativo. O controle da dor, de outros sintomas e dos problemas psicológicos, sociais e espirituais é de fundamental importância”.

Diz ainda, Cicely Saunders: “Aconteça o que tenha de acontecer, ainda importa muito que continuemos a escutar e a nos questionar. Acima de tudo, minha experiência aponta

“SÓ ESTARÁ PREPARADO PARA ENFRENTAR TRANQUILAMENTE A MORTE FÍSICA, QUANDO FOR A HORA, AQUELE QUE TENHA SABIDO, NO CORRER DE SUA EXISTÊNCIA, CONSCIENTIZAR-SE DAS MORTES DIÁRIAS QUE A VIDA NOS OFERECE.”

para uma prática médica que inclua mais do que tratamentos específicos”.

Faz-nos ainda lembrar que neste processo tanto o paciente como o profissional de saúde estão sendo desafiados. Se quem trata e quem é tratado possuem uma linguagem de religio-

sidade esses atributos podem ser favoráveis às suas necessidades. Mas se por parte do paciente não existe tal embasamento, de nada valerão as afirmações de religio-sidade ou filosóficas do profissional, pois certamente serão, ainda assim, atos de insensibilidade e malrecebidos pelo

paciente. Uma paciente com hepatopatia grave deseja muito menos continuar ouvindo dados a respeito do tamanho de seu fígado, mas muito mais almejaria poder ser escutada quanto à angústia que possui de ter deixado em casa três filhos menores, sem alguém para cuidar. De nada adianta dizer a um paciente para que tenha fé em Nossa Senhora de Guadalupe, ou outro santo qualquer, se a religião que ele professa não prevê a crença em santos. Se houver tempo e atenção para ouvir um paciente terminal falar de seus medos, culpas, remorsos e sensação de sua inutilidade, poderemos estar contribuindo para que se liberte dessas sombras.

Muitos pacientes terminais passam a ser ouvintes e consoladores de outros pacientes e, assim, recobram sua alegria por se haverem tornado de certa utilidade, no fim de sua jornada.

Só estará preparado para enfrentar tranquilamente a morte física, quando for a hora, aquele que tenha sabido, no correr de sua existência, conscientizar-se das mortes diárias que a vida nos oferece. Enquanto o homem não conseguir se apoderar dos segredos da árvore da vida, nem o bronze das homenagens que pretendem eternizá-lo será eterno. Ele será igualmente consumido pelos elementos naturais, pelo transformismo, ou pelo esquecimento do próprio homem.

Em “*Pássaros Errantes*”, Rabindranath Tagore nós diz que a morte pertence à vida, como pertence o nascimento. O caminhar tanto está em levantar o pé como em pousá-lo no chão”.

Mesmo para aqueles pacientes que já não estão se comunicando, a presença silenciosa de alguém vai além das palavras. Elizabeth Kübler Ross termina seu livro “*Sobre a morte e o Morrer*” dizendo que “observar em paz a morte de um ser humano faz-nos lembrar uma estrela cadente. É uma entre milhões de luzes do céu imenso, que cintila ainda por um breve momento para desaparecer para sempre na noite sem fim. No curto espaço de tempo em que vivemos, muitos de nós criam e vivem uma biografia única, e nós mesmos tecemos a trama da história humana”

Ainda de Tagore: “A pequena verdade tem palavras que são claras; a grande verdade tem grande silêncio!”

Dr. Reginaldo Werneck Lopes (PR).

látricas

Pau Puro!

Prezado Oswaldo,

Tentaste ser muito contundente mas talvez não tenhas terminado o serviço com dó do editor, por isso, vou resumir para os leitores do látrico (como vês ainda uso o masculino, banzo do encarte, para suspiros seus!) o que certamente assinarias sobre seu atual estádio: *bonitinho, mas ordinário!* E não fiques embaraçado, não. Tens todo o direito de externar tua opinião, como nós de responder. E era isso que queríamos com o tal repto, ouvir os leitores. Só que, deves saber, um editor não tem direito a suportes emocionais por parte desses leitores, só a seu próprio respaldo racional. Assim, peço a gentileza da réplica.

Antes, porém, peço também sua permissão para incluir nesta resposta a opinião de vários leitores que podem ser sumarizadas em duas correntes básicas: a sua de um lado, a negativa; e a outra de um leitor chamado João, a positiva (como já estás acostumado, só uso o prenome para não expor as pessoas; e não coloco o teor de suas comunicações por extenso devido a espaço e pra ser diferente. Acredite, é bem mais difícil desta maneira.)

Por oportuno, em face do que se segue, devo deixar transparente que nunca ninguém me ouviu falar bem de mim próprio (primeiro, reconheço plenamente minhas precariedades, e delas tiro proveito para evoluir; segundo, porque seria inequívoca prova de insegurança). Jamais fui cabotino. Por outro lado, estou sempre à procura do mérito alheio. É sobre o que gosto de discutir: as boas idéias. Sem me eximir da crítica cultural ou científica, meu papel como professor ou redator.

Bem, o que nos diz o Dr. João? Que tem aprendido sobre ética, sobre ser cético, crítico, curioso, sobre ser bom. Que tem melhorado sua concepção musical e lingüística.



Que o *látrico* o remete a viver com mais serenidade, curiosidade e prazer. São palavras dele.

Cara, ao ler isso, me enterneci como quando olhava meus filhos pequenos dormindo serenamente. Um barato. Você fica gratificado pelo esforço que faz. Mas, já disse, *intelectualmente*, temos que viver sem suporte emocional.

E o que nos diz o Dr. Oswaldo? Conta uma história que, podem crer, apreciei. A da pastelaria da esquina. E a usa como metáfora para o *látrico*.

“Era pequena. Apenas uma porta estreita, um balcão. O proprietário atendia os fregueses e fritava os pastéis. Tudo muito simples. Artesanal. E os pastéis, de alta qualidade. Um sucesso de vendas. O tempo passou e a pastelaria ficou famosa. O dono resolveu modernizar as instalações. Ampliou o imóvel. Embelezou tudo com muito colorido. Colocou até carpete no chão. Os atendentes usavam uniformes com luvas. E os pastéis foram “aperfeiçoados”. Agora tinham nomes pomposos e sabores exóticos. Tudo mudou. Até a clientela, que desapareceu. A nova e chique pastelaria faliu. Os fregueses não queriam luxo e beleza. Queriam saborear aqueles antigos pastéis com sabor autêntico, preparados pelo próprio dono com simplicidade e carinho...” E termina dizendo que espera que o *látrico* não tenha o mesmo destino, sem antes declinar todos os pontos vulneráveis da revista. Com bom texto, fina ironia e desânimo letárgico pelo que se tornou o encarte.

Dileto Oswaldo, aos fatos. Também não gosto de

adjetivos, e se uso este com freqüência é por que desejo criar um certo grau de intimidade com o colega-leitor; e por ser de meu temperamento a cordialidade. Daí sua recorrência.

Penso que teu banzo está centrado no seguinte fato: quando encarte, o *látrico* não era mais fácil de ser lido; era menor, dando a sensação de domínio pleno. Ou seja, líase tudo. Para usar também como metáfora, dou exemplo dos museus d'Orsay e Louvre. D'Orsay, seria o encarte; o Louvre, a revista. O primeiro, ao se entrar em sua nave, nos dá a impressão de que vamos dominá-lo rápido. Auto-engano. É menor, mas dá muito trabalho. O Louvre, desde o início nos dá a sensação de inexpugnabilidade (desculpe o palavão). A sensação de namoro longo mas sem núpcias. É autônomo, complexo, não subjugável. Cada um de nós, por mais interessados em arte, vamos preferir esta ou aquela ala, mas jamais teremos o todo.

O *látrico* encarte, era um museu pequeno e discreto, e cheio de falhas. Tinha a nossa cara, nos víamos nele. Até por seus erros era simpático. Errante como a própria vida. A pastelaria da esquina. Mas você há de convir, dileto Oswaldo, que se se mantivesse o mesmo, a pastelaria, seria fechada pela operosa vigilância sanitária. Ademais, qualquer proprietário gosta de progredir, se possível, montar uma filial ou uma rede. Você sabe, a tal escala. Óquei, sei bem que a maioria dá com os burros n'água, simplesmente fale. Mas sua intenção é a melhor possível, no caso, servir bem — espera-se — e ganhar muito dinheiro. No nosso, só servir bem. Daí a ausculto.

O papel? Ah sim, o papel. O *mesmo padrão* desde o início. O colorido? No começo sim era cafona, com muita cor tropical, por vezes, despropositadas, onde predominava o verde. (nada contra os esmeraldinos) Agora ficou "clean" — já sei, não gosta de estrangeirismos, o deputado Rebelo deve apreciar esse esforço —, de fácil leitura, e justificado como dizem os profissionais do ramo; e enriquecido por um ensaio fotográfico, geralmente de médico-fotógrafo, com méritos em si. Por exemplo, quando ilustramos uma

edição com capas de livros, a intenção, no geral, era dissociada do texto, isto é, motivar o leitor a comprar e ler aqueles livros, todos muitos bons. Ou sugerir que poderiam ser uma referência. Uma indução oblíqua. Técnica, não mercadológica. Mas, claro, dirias-me, uma intenção que ficava oculta. Taí o barato, é como em poesia, há o explícito e o oculto, quanto maior essa dimensão melhor o produto. Puxa, mas o produto não é confeccionado por profissionais do ramo editorial? Tens razão. Somos semiprofissionais. O semi fica por minha conta, amador que sou. Os outros dois que o produzem são profissionais, sim. O jornalista Hernani Vieira e o Leonardo, diagramador e designer gráfico. Apenas três. Todos com a confiança do conselho editorial. Se falhas existem, e existem, ficam por minha conta, o amador. Que o planejo como quero e redijo o material não assinado. Conheces algum profissional que tenha esta liberdade? Pois bem, é dela que me orgulho e procuro exercê-la com a devida responsabilidade.

Dileto Oswaldo, se "dá preguiça" ler a revista atual, não é essa a indicação que temos, de fato. Claro que poucos lêem tudo. E te pergunto: há alguma revista que seja lida de cabo a rabo? Poucos leitores o fazem. Geralmente escolhem o que ler. Com a nossa não é diferente. Há médicos, só à guisa de exemplo, que só lêem "erros comuns" ou "Pérolas"; alguns até cheroçam e colocam em paredes. E ficam nisso. Mas sabemos também que uma das coisas mais apreciadas é sua diversidade. E não conseguiríamos isso sem a dedicação de nossos colaboradores. Sou orgulhoso dos mesmos e agradecido pelos seus aportes significativos. E você deve se lembrar que na apresentação do encarte dissemos que precisaríamos da ajuda dos colegas; nós montaríamos o colar, mas não seríamos autores de todas as contas. Claro que isso reduz a homogeneidade. Mas amplia a diversidade, sem ir de encontro a nossas seções fixas, que permanecem. Acaso seria possível gostar antes de palavras de mestres e não depois? O nível se manteve. Aliás, se queres saber, muitos me mandam frases desses ou daqueles, muito boas,

e não as publico. Sabes por quê? Porque as que saem em cada edição obedecem ao fabrico de uma rede que, ao longo do tempo, se pretendem uma segurança ético-profissional para quem as usar no seu conjunto. Mais uma agenda oculta.

Por fim, e já nos alongamos muito, lamentas que o *látrico* tenha se transformado num “Überkulturstufe”. Note, não te levei a mal, nem pensei que pudesse ter sido pedantismo de tua parte usar esta expressão alemã. Pensei prosaicamente, que o fizeste para reforçar tua idéia central, a de que o *látrico* se transformou num “não-sei-o-quê”. Talvez. Mas não é exatamente isso que ambicionam tantas revistas por aí, e que se tornam pasteurizadas? Não seria essa a nossa virtude, nossa parca originalidade?

Continuem, a respeito, enviando seus correios eletrônicos para a redação. E a ti, Oswaldo, meus cumprimentos pela devoção que tens à pureza das origens. De teu humilde servo que envidará esforços para tirar a revista dessa área cinzenta. Até.

•••••

Contrição

Estimado Manoel (e não sou eu),

Contrição? Deixa pra lá. Claro que o correto teria sido escrever tocoginecologista. Mas entendeste, não? Afinal, que amigo é você que vive me lendo só para achar os erros? Dá um tempo, cara. Seja mais tolerante. Relaxe e aproveite o que o *látrico* tem de bom, caso o tenha. Pô, tu só quer tirar casquinha, meu. Sou falível, mano. Chega de porrada. Já que amizade é sobretudo presença e lealdade aceito com naturalidade os reparos. A crítica, na medida em que deve separar o joio do trigo, serve para melhorar o outro. Criticamos a quem amamos e queremos ver progredir. Mas tu pega em picuinha, meu! E os elogios? A contraparte que qualquer humano, mesmo sem mérito, gosta de ter? Amizade também é suporte, incentivo. E você apenas se deliciando em ser meu algoz...

Vou te dar um exemplo, sem querer qualquer comparação. Contardo Caligaris na FSP de 16/8/07 se desculpou com seu leitores por ter escrito que o primeiro James Bond fora *Goldfinger*. Alertado que foi, disse que não, teria sido o segundo. Ocorre que não foi o primeiro nem o segundo, foi o terceiro; sendo o primeiro, *Dr. No*, aquele da gostosa da Ursula Andress saindo das águas de biquíni amarelinho. Essas coisas só acontecem a quem escreve e, às vezes, não tem tempo de verificar a exatidão do dado ou não se dá conta do erro lingüístico. Nem por isso deixei de apreciar sua escrita. O seu talento lhe dá um haver substancial em comparação com sua (dele) coluna do deve. Balanço positivo, é do que se trata. Ou seja, substância, o que é essencial, está superavitária.

Você pode e deve criticar os meus argumentos, se os tiver para contraditar, da *látrica* “Nem um, nem dois... mas muitos”; mas se ater a uma palavra que, embora incompleta em sentido, faz sentido, ora, ora... Mas quem escreve tem que agüentar tudo. Faz parte.

Mas claro que o afeto não se encerra. Pelo menos você é um amigo que me lê. Já me dou por satisfeito. Até o próximo número, com argumentos. Do dileto amigo errante.

•••••

Cidadania

Prezada Silvia,

Também sou adepto da cidadania. Nada melhor do que o equilíbrio de direitos e deveres, embora saibamos que o ser clama muito por direitos e não é tão cioso quanto aos deveres. E existe um problema. Cidadão é uma categoria impessoal, abstrata. Está mais para o anônimo, algo genérico e coletivo, portanto, mais jurídico e político, como tantos já pontuaram. Nós, médicos, desenvolvemos a coisa mais na pessoalidade. Vivemos todos na condição singular de pessoa. Essa que sofre e vai aos ambulatórios ou consultórios e quer ser respeitada e tratada. É sobre essa que atuamos. E é sobre a mesma que podemos exercer

a chamada *educação sentimental*, que ajuda a desenvolver as doces relações humanas, na medida em que desbasta as paixões sem suprimi-las, cultiva os sentidos e aprimora o diálogo entre nossa circunstância e as pessoas que estão à nossa volta. Ou seja, cria entre circunstância e circunstâncias uma aura de amizade e afeição. É o que importa. Até.



Araucárias

Prezada Carolina,

Também penso termos sido felizes na escolha da capa do último látrico. Poderia até parafrasear Manuel Bandeira:

As nuvens errantes se enovelam
na folhagem das araucárias.
Há um suave encanto nelas
que enleiam as almas solitárias...
O próprio tempo é o bom remédio:
bebe a delícia do entardecer.

Cria, e terás com que exaltar-te
no mais nobre e maior prazer.
A afeiçoar teu sonho de arte,
sentir-te-ás convalescer.

Recobrar a vida a cada dia, minha cara, é a solução. Não desperdices teu convalescimento. É a convalidação da saúde. Esse bem tão desprezado pelos excessos inúteis, tão diferentes das inutilidades de nosso último número. Fico feliz que o látrico tenha ajudado. Saúde, cem anos e com boa cognição.



Solidão

Prezada Aline,

Que solidão, menina? Esta é muito relativa. Ainda

existe o trabalho, e para quem tem hábitos intelectuais e artísticos existem miríades de coisas para observar, ler ou escutar. Você continua com as companhias mais férteis e promissoras: séculos de artistas e escritores. Mergulhe nessas coisas boas da vida. E expanda-se.



Conselhos

Prezado Américo,

Não tenho os “Conselhos a um jovem escritor” do Drummond. Mas tenho alguns, na verdade quatro, que se espraiam por aí: 1) Só escreva quando de todo não puder deixar de fazê-lo; 2) Ao escrever, não pense que vai arrombar as portas do ministério do mundo. Não arrombará nada. Os melhores escritores conseguem apenas reforçá-las, e não espere de si tamanha proeza; 3) Se estiver indeciso entre dois adjetivos, jogue fora ambos e use apenas o substantivo; 4) Não acredite em originalidade, é claro. Mas não vá acreditar tampouco na banalidade que é a originalidade de todo mundo. São ótimos, não? Isso está em *Dossiê Drummond*, do Geneton Moraes Neto, Ed. Globo. Foi nosso maior poeta que também escreveu num poema: “Guardei-me para a epopéia/ que jamais escreverei”. Ora, se ele se policiava tanto, imagine nós. Se o mesmo escreveu que o que escreveu não conta, pobres de nós, eternos aprendizes. Mas tente, meu caro.



Ensinar a Viver

Prezada Vera,

Informação não muda comportamento. Já destacamos isso em outro número do *látrico*. Se assim fosse, não haveria mais doenças sexualmente transmissíveis. A mídia televisiva tem salientado à náusea os cuidados que devemos ter em linguagem acessível até aos analfabetos. Num país coberto pela mesma língua e por essa mesma

mídia, deveria haver um decréscimo de transmissibilidade, o que está longe de ocorrer. Mesmo os mais escolarizados fogem à chamada moralidade física, conceito que deixa implícito que cada um de nós, e só nós mesmos, temos responsabilidade pelo cuidado do corpo. Não podemos deixar a prudência aos cuidados dos outros. De irresponsáveis o mundo está cheio, em todos os sentidos. Não podemos projetar nossas culpas nos outros, também. Isso é doença juvenil. Como mudar o jogo? Levando as pessoas a processar as informações (dados), discutindo-as, conectando-as e assimilando-as, para que virem convicção nos propósitos vivenciais. Segurança nunca foi reduzir o colorido da vida. E aí entra a cultura que, cada vez mais, vai tomando o lugar da religião na arte de nos ensinar a viver. Aliás, se desejares um bom livro para refletir nosso tempo, sugiro a leitura de *Aprender a Viver*, de Luc Ferry, Objetiva. Terás bons “insights”, de maneira simples, de como criar visões ou “saídas” bastante sensatas para nosso precário viver. Até.



Mudanças

Prezada Ana,

Sua xará, a jornalista russa Anna Politkovskaya, fuzilada no elevador de sua própria casa por sua independência profissional, dizia que, na Rússia atual, “poucas pessoas querem arriscar a vida fazendo oposição”. Eu diria que sempre foi assim. Pior. Poucas pessoas dão a cara como opositoras em quaisquer circunstâncias onde o seu esteja na reta. Em qualquer empresa ou instituição, os que pensam na contracorrente são normalmente malvistos, isolados. Principalmente pelos desprovidos de idéias que adoram a correnteza.

Quando deveriam, os diferentes, ser apreciados por ter novos olhos para a mesma paisagem. Ou, no mínimo, suportados. Todos os chefes que tiveram essa paciência com os talentosos e levaram em conta suas idéias não

usuais se deram bem. Acabaram recompensados por, pelo menos, ouvir. Tiveram como balizar novas ações. Claro que estamos falando do exercício de inovação, de injetar novo vigor ao que está descambando, não funcionando, ou se tornando obsoleto. Tudo que não está funcionando deve ser modificado, sem medo. Antes, porém, deve-se ver o que ainda funciona. Sempre há partes sadias. As coisas devem ser modificadas aos bocados, gradualmente, o famoso “piecemeal approach”. E não por revolução. Esta, se utilizada, é estagnante e predatória. Porque o ser humano funciona por condicionamentos; o que é abrupto, não pode ser absorvido. Por isso, falharam as revoluções políticas. Podiam até estar certas quanto à visão de um modelo anterior ineficiente, corrupto e sem perspectivas. Mas nada se resolve numa “razzia”. Lembre-se do *ippon* do Collor. O que se pretende revolucionário, torna-se, na verdade, imobilizante.

Assim sendo, no que concerne às suas dúvidas profissionais, vá devagar. Você pode até mudar, mas há que ter um mínimo de coerência. No caso, só se levasse um pouco da experiência que já tens para o novo emprego. Isto é, se reformulares a tua vida incorporando nela a experiência prévia. Ou parte dela. Mudar totalmente, como pretendes, é uma revolução. E estas, como quase todas, sucumbem sem frutos.

Penso ser mais adequado tentar mudar sua situação a partir do que já tens e do sentido futuro que pretendes dar à tua profissão e à tua vida. Boa reformulação.



Sobre jornais e revistas

Prezado Rodrigo,

Obrigado pelo estímulo. Sobre médicos e leigos que queiram se iniciar ou se aprofundar na lides jornalísticas sugiro “O que é jornalismo”, o livrinho da coleção *Primeiros Passos* escrito pelo Clóvis Rossi da Folha, e “O papel do jornal” do Alberto Dines. Até.

Aforismos, epigramas e máximas

1. O trabalho produz erros ocasionais; a ociosidade é um erro ininterrupto.
2. Há ciência em saber esconder ou disfarçar a própria ignorância. Já exibi-la é um desastre.
3. O gênio é um dom gratuito de Deus; o talento, uma conquista árdua e dolorosa do artista.
4. É bom pensar grande. Melhor ainda? Fazer, ainda que pequeno.
5. Tradicionalmente, a letra dos facultativos nas suas receitas é quase sempre ilegível. Não seria o caso de considerá-la dificultativa, com perdão do neologismo?
6. Honra perdida jamais será achada.
7. Creio que não creio como deveria crer. Que fazer? Tenho dúvidas.
8. Tudo o que demora, quando chega, chega em boa hora.
9. A viagem mais difícil e mais longa? A que nos leva ao interior de nós mesmos.
10. Do jeito que as coisas vão, logo algumas igrejas virarão sociedades anônimas. Talvez até com ações na Bolsa de Valores.
11. Sem o esquecimento, a memória não daria conta de tantas lembranças.
12. Quem se cita, recita?
13. Embora a ciência não tenha pátria, como diz Pasteur (e diz bem), é sempre bom que as pátrias tenham ciência.
14. Como o deus Janus da mitologia, também a ciência é dúplice ou bifronte: cria e destrói.
15. É a dimensão ética, e só ela, que faz de um cientista um sábio.
16. Ler é pensar com a cabeça alheia, diz Schopenhauer, grande filósofo, extraordinário escritor e pessimista notório. Isso que importa, se ela for melhor do que a nossa?
17. Todo mundo sabe onde achar as mulheres perdidas.
18. Há sempre duas infâncias: uma, vivida, que consideramos falsa; outra, inventada mais tarde, que julgamos verdadeira.
19. Chorar, a sós. Rir, acompanhado.
20. O melhor regime alimentar para os gordos não é a dieta, mas o jejum.
21. Palavra ambígua, a saudade: pode amargar como fel, mas às vezes, na verdade, tem a doçura do mel.
22. Nas ciências ocultas a ciência não se limita a estar oculta; inexistente.
23. O editor de livros é uma espécie de obstetra. Mas, por mais competente que seja, ajuda dar à luz muitos prematuros e malformados.
24. Como seria bom se os rins, à maneira das ostras, produzissem pérolas e não cálculos... Não induziriam à cobiça os cirurgiões?
25. Ditos espirituosos desopilam o fígado; bebidas espirituosas intoxicam-no.
26. Aos analfa-eletrônicos um fato consolador: computadores podem dar centenas de milhares de respostas, mas são incapazes de formular uma única pergunta.
27. Se errar é humano, admitir o erro é, se não divino, pelo menos sobre-humano.
28. Antes ter inimigos por inteiro que amigos pela metade. Aqueles nunca nos enganam.
29. Mais importante que a morfologia da mão é a sintaxe do gesto.
30. É o silêncio, e não o esperanto, a verdadeira língua universal. Com duas grandes vantagens: prescinde de gramática – e não tem sotaque. Ah, há outra: o código de barras.
31. Um dos mais admiráveis aforismos chineses ensina: “Se teus projetos forem para um ano, semeia o grão; se forem para dez anos, planta uma árvore; se forem para cem anos, educa o povo”. Eu acrescentaria, do fundo do poço da minha insignificância pensante: se forem para a eternidade, procura ser bom.
32. Atenção, senhores racistas: não há raças branca ou negra, amarela ou vermelha. Há apenas uma raça: a raça humana. Hoje, apenas espécie.
33. Diz Goethe que é trágica a ignorância ativa. E o que dizer da sabedoria passiva?
34. A verdade nada tem de pudica: está sempre nua.

Autor: João Manuel Simões (PR). / Seleção: J.M.C.M.



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

www.crmpr.org.br